

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



CURADORIA EM MOVIMENTO:
Exposição Itinerante de José Dias Sancho

Joana Mendes Dias Andrade Galvão

Trabalho de Projeto

Mestrado em Crítica, Curadoria e Teorias da Arte

Trabalho de Projeto orientado pelo Professor Doutor

Fernando Paulo Leitão Rosa Dias

2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Joana Mendes Dias Andrade Galvão, declaro que o presente trabalho de projeto de mestrado intitulada “Curadoria em Movimento: Exposição Itinerante de José Dias Sancho”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 25 de fevereiro de 2025

RESUMO

O trabalho de projeto proposto em investigação tem como objetivo a conceção de uma intervenção curatorial itinerante de carácter monográfico, em torno do artista modernista algarvio José Dias Sancho, com especial atenção à sua produção como caricaturista, adaptado a três locais diferentes, espacial e culturalmente. Primeiramente, na Sala 33 Museu Municipal de Faro, de seguida na Sala Paródia do Museu Bordalo Pinheiro de Lisboa e, por fim, na Sala de Exposições Temporárias do Museu do Traje de São Brás de Alportel. Trata-se de três exposições temporárias itinerantes que se intencionam inaugurar entre 2025 e 2026.

O trabalho aqui desenvolvido propõe uma reflexão acerca da elaboração de três momentos curatoriais distintos, fundamentados por uma curadoria científica e uma pesquisa realizada por uma equipa de investigação coordenada pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias. Deste modo, apresentar o processo de desenvolvimento das exposições, a partir da prévia investigação no campo da História de Arte, e como tal investigação se traduz espacialmente nos três locais.

Verificar-se-ão, ao longo deste ensaio noções de preparação para cada exposição, discriminadas nos seus subcapítulos respetivos como: o levantamento espacial, transformações necessárias, módulos de apoio, iluminação, climatização, tabelas, entre outras. O intuito destas noções teóricas sustenta assim, a experiência expositiva conceptualmente trabalhada para cada momento. Inclusive, irão ser discutidas algumas ideias essenciais da museologia para a execução deste projeto expositivo, tais como: a narrativa singular de cada exposição e a global entre exposições, e a reutilização de obras e documentos.

Outra noção aqui desenvolvida é o conceito de *curadoria em movimento*. Este emergiu de uma ideia de um curador em movimento, um curador que, aqui, elabora três exposições itinerantes de um só artista, dividindo a sua obra em três narrativas derivadas do mesmo ponto de partida monográfico, contudo, coloca-as em movimento espacial e curatorial. Apesar de existirem poucos suportes teóricos em relação a esta questão, houve um esforço da sua explicação teórica, embora a nossa preocupação seja a sua aplicação.

Concluindo, este ensaio examina três pontos: fazer uma análise a partir da História da Arte, apresentar essa análise em três espaços e cidades diferentes e por fim, o papel do curador colocado numa *curadoria em movimento*.

Palavras-Chave:

Projeto curatorial; Curadoria em Movimento; Curadoria Monográfica; Exposições itinerantes; José Dias Sancho.

ABSTRACT

The aim of the proposed research project is to design an itinerant curatorial intervention of a monographic nature around the Algarve modernist artist José Dias Sancho, with special attention to his work as a caricaturist, adapted to three different locations, both spatially and culturally. Firstly, in Room 33 of the Faro Municipal Museum, then in the Parody Room of the Bordalo Pinheiro Museum in Lisbon and, finally, in the Temporary Exhibitions Room of the São Brás de Alportel Costume Museum. These are three temporary traveling exhibitions that will open between 2025 and 2026.

The work developed here proposes a reflection on the development of three distinct curatorial moments, based on scientific curation and research carried out by a research team coordinated by Professor Fernando Rosa Dias. In this way, it presents the process of developing the exhibitions, based on previous research in the field of Art History, and how this research is translated spatially into the three locations.

Throughout this essay, there will be notions of preparation for each exhibition, broken down into their respective subchapters, such as: spatial survey, necessary transformations, support modules, lighting, air conditioning, captions, among others. The aim of these theoretical notions is to support the exhibition experience conceptually worked out for each moment. Some essential ideas from museology will also be discussed for the execution of this exhibition project, such as: the singular narrative of each exhibition and the global narrative between exhibitions, and the reuse of works and documents.

Another notion developed here is the concept of curatorship in movement. This emerged from an idea of a curator on the move, a curator who, here, creates three traveling exhibitions of a single artist, dividing his work into three narratives derived from the same monographic starting point, but placing them in spatial and curatorial movement. Although there is little theoretical support for this issue, there has been an effort to explain it theoretically, although our concern is with its application.

In conclusion, this essay examines three points: making an analysis from Art History, presenting this analysis in three different spaces and cities and finally, the role of the curator placed in a moving curatorship.

Key-words:

Curatorial project; Curatorship in Motion; Monographic Curatorship; Travelling Exhibitions;
José Dias Sancho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao professor orientador, Doutor Fernando Rosa Dias, pela oportunidade de fazer parte deste projeto. Por toda a confiança e paciência que depositou em mim, todo o ensinamento que me transferiu durante todas as nossas reuniões ao longo deste ano e seguimento deste projeto.

De seguida, gostaria de agradecer ao Doutor Marco Lopes (Diretor do Museu Municipal de Faro), ao Doutor João Alpuim Botelho (Diretor do Museu Bordalo Pinheiro de Lisboa), ao Doutor Emanuel Sancho (Diretor do Museu do Traje de São Brás de Alportel), e ao investigador Luís Lyster Franco por toda a disponibilidade, confiança e, em especial, pelo entusiasmo para a realização deste projeto.

Igualmente, um especial agradecimento às doutoras Teresa e Olga da Biblioteca Municipal Dr. Manuel Francisco do Estanco Louro de São Brás de Alportel por todo o carinho, recetividade e imenso auxílio no desenvolver desta dissertação.

E, por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha mãe por todo o incentivo para eu continuar os meus estudos académicos e por me apoiar nesta fase fulcral da minha vida. Por todas as horas de sessão de estudo e de auxílio durante esta etapa essencial da minha vida académica. E à minha avó, que sempre me aconselhou a seguir o que gosto, e com quem tive a possibilidade de ter presente na minha vida até ao primeiro ano deste mestrado.

Um enorme obrigada a todas estas pessoas, sem elas nada disto seria possível.

ÍNDICE

Índice de Figuras	p. x
Introdução	p. 1
1. Breve introdução à vida e obra de José Dias Sancho	p. 7
2. Proposta de planeamento das três exposições temporárias	p. 12
2.1 Intenção	p. 12
• Intenções e interações das narrativas entre as exposições	p. 14
2.2 Gestão de projeto.....	p. 16
2.3 Projeto curatorial - Exposição temporária “José Dias Sancho – Modernismo e Regionalismo, no Museu Municipal de Faro	p. 19
• Narrativa expositiva.....	p. 19
• Construção do espaço expositivo – Sala 33.....	p. 20
• Transformação da proposta para a Sala 33.....	p. 23
• Organização espacial das obras.....	p. 27
• Módulos de apoio.....	p. 37
• Descrição dos módulos documentais.....	p. 38
2.4 Projeto curatorial - Exposição temporária “José Dias Sancho - Caricaturista, Humorista e Polemista”, no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa	p. 40
• Narrativa expositiva.....	p. 40
• Construção do espaço expositivo – Sala Paródia.....	p. 41

• Organização espacial das obras.....	p. 45
2.5 Projeto curatorial - Exposição temporária “José Dias Sancho – Regresso à Terra” no Museu do Traje de São Brás de Alportel.....	p. 56
• Narrativa expositiva.....	p. 56
• Construção do espaço expositivo – Sala de Exposições Temporárias.....	p. 57
• Transformação proposta para a Sala de Exposições Temporárias.....	p. 60
• Organização espacial das obras.....	p. 63
• Descrição dos módulos documentais.....	p. 69
3. O movimento da curadoria.....	p. 70
Conclusão.....	p. 73
Biografia e Fontes.....	p. 76
Apêndice I.....	p. 85
• Módulos de apoio documentais da exposição “José Dias Sancho – Modernismo e Regionalismo”.....	p. 86
• Módulos de apoio documentais da exposição “José Dias Sancho – O Regresso à Terra”.....	p. 90
Apêndice II.....	p. 94
• Folhas de Sala.....	p. 95
• Percursos expositivos.....	p. 99
• Módulos documentais.....	p. 101
• Climatização.....	p. 103

• Biografias da exposição “José Dias Sancho - Caricaturista, Humorista e Polemista”	p. 104
Anexos I	p. 111
• Lista das obras escolhidas encontradas nos museus.....	p. 112
• Fundação Calouste Gulbenkian.....	p. 113
• MNAC (Museu Nacional de Arte Contemporânea) - Museu do Chiado.....	p. 117
• Museu Nacional de Grão Vasco – Viseu.....	p. 119
• Casa-Museu Almeida Moreira – Viseu.....	p. 121
• Museu Municipal de Faro.....	p. 123
• Museu do Traje de São Brás de Alportel.....	p. 125
• Lista das obras escolhidas encontradas nas bibliotecas (Biblioteca Nacional Portuguesa e Hemeroteca Digital do Algarve).....	p. 131
• Lista das obras escolhidas encontradas na Fundação Mário Soares e Maria Barroso – Casa Comum.....	p. 145
• Lista das obras escolhidas em coleções particulares.....	p. 147
• Lista das obras escolhidas em leiloeiras.....	p. 153
Anexos II	p. 157
• Plantas 3D dos três momentos expositivos.....	p. 158
• “José Dias Sancho - Modernismo e Regionalismo” - Museu Municipal de Faro.....	p. 159
• “José Dias Sancho – Caricaturista, Humorista e Polemista” - Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa.....	p. 167
• “José Dias Sancho – Regresso à Terra” - Museu do Traje de São Brás de Alportel.....	p. 172

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Museu Municipal de Faro, imagem retirada do site da autarquia de Faro.....	p. 21
Fig. 2 - Localização do Museu Municipal de Faro, Faro (planta retirada do Google Maps).....	p. 21
Fig. 3 - Planta da sala 33 (desenho fornecido pelo Museu Municipal de Faro).....	p. 22
Fig. 4 - Planta da sala 33 do Museu Municipal de Faro; desenho em três dimensões, executado no programa Sketch Up a partir do desenho da planta representada na figura 3.....	p. 23
Fig. 5 - Fotografia da desconstrução da exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo” - vista frontal a partir da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023)	p. 25
Fig. 6 - Fotografia da desconstrução da exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo” - vista frontal da entrada (fotografia por Joana Galvão, 2023)	p. 26
Fig. 7 - Proposta para o novo design da sala - conceito visual - vista de cima (Joana Galvão: 2023)	p. 26
Fig. 8 - Proposta para o novo design da sala - conceito visual (Joana Galvão: 2023)	p. 27
Fig. 9 - Planta da exposição na sala 33: 1. Entrada com textos de parede introdutórios à exposição; 2. Tema "Regionalismo"; 3. Tema "Paisagem Algarvia"; 4. Tema "Modernismo"; 5. “O Cartoonista”; 6. “Entrevistas”.....	p.28
Fig. 10 - Maquete 3D do núcleo 1: "Regionalismo" (Joana Galvão: 2024)	p. 31
Fig. 11 - Maqueta 3D do núcleo 1: "Regionalismo" (Joana Galvão: 2024)	p. 31
Fig. 12 - Maqueta 3D do núcleo 2: "Paisagem Algarvia "(Joana Galvão: 2024)	p. 33
Fig. 13 - Maqueta 3D do núcleo 2: "Paisagem Algarvia "(Joana Galvão: 2024)	p. 33

Fig. 14 - Maqueta 3D do núcleo 3: "Modernismo" (Joana Galvão: 2024)	p. 34
Fig. 15 - Maqueta 3D do núcleo 3: "Modernismo" subnúcleo: "Questão dos Novos" (Joana Galvão: 2024)	p. 35
Fig. 16 - Maqueta 3D do núcleo 4: "O Cartoonista" (Joana Galvão: 2024)	p. 36
Fig. 17 - Maqueta 3D do núcleo 5: "Entrevistas" (Joana Galvão: 2024)	p.37
Fig. 18 - Museu Bordalo Pinheiro, imagem retirada do site do Museu.....	p. 42
Fig. 19 - Localização do Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa (planta retirada do Google Maps).....	p. 42
Fig. 20 - Planta da sala Paródia (desenho fornecido pelo Museu Bordalo Pinheiro.)	p. 43
Fig. 21 - Planta da sala Paródia do Museu Bordalo Pinheiro; desenho em três dimensões, executado no programa SketchUp a partir do desenho da planta representada na figura 26.....	p. 44
Fig. 22 - Fotografia da exposição "Ora, Faço Gravuras...", de Luís Afonso, patente na Sala Paródia - vista frontal a partir da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023)	p. 44
Fig. 23 - Planta da exposição na Sala Paródia: 1. Entrada com textos de parede introdutórios à exposição na Sala Paródia"; 2. " O caricaturista "; 3. " O Polemista"; 4. " Cinematógrafo e o teatro musicado"; 5. "O Humorista".....	p. 45
Fig. 24 - Maqueta 3D do primeiro núcleo, primeiro subnúcleo: "O artista - José Dias Sancho".....	p. 47
Fig. 25 - Maqueta 3D do primeiro núcleo, segundo subnúcleo: "Famíliares"	p. 48
Fig. 26 - Maqueta 3D do primeiro núcleo; terceiro, quarto e quinto subnúcleo: "Artistas", "Jornalistas e Escritores" e "Figuras Políticas".....	p. 51
Fig. 27 - Maqueta 3D do segundo núcleo: " O Polemista".....	p. 52
Fig. 28 - Maqueta 3D do terceiro núcleo: "Teatro Musicado".....	p. 54
Fig. 29 - Maqueta 3D do quarto núcleo: "O Humorista".....	p. 55
Fig. 30 - Museu do Traje de São Brás de Alportel, imagem retirada do site do Museu.....	p. 58

Fig. 31 - Localização do Museu do Traje de São Brás de Alportel, São Brás de Alportel (planta retirada do Google Maps).....	p. 58
Fig. 32 - Planta da sala de exposições temporárias (desenho fornecido pelo Museu do Traje).....	p. 59
Fig. 33 - Planta da sala de exposições temporárias do Museu do Traje; desenho em três dimensões, executado no programa SketchUp a partir do desenho da planta representada na figura 43.....	p. 59
Fig. 34 - Fotografia da exposição “Time Lapses - No Algarve, a Parar o Tempo” de João Fazenda, patente na Sala de Exposições Temporárias - vista frontal a partir da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023).....	p. 61
Fig. 35 - Fotografia da exposição “Time Lapses - No Algarve, a Parar o Tempo” de João Fazenda, patente na Sala de Exposições Temporárias - vista frontal da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023).....	p. 62
Fig. 36 - Proposta para o novo design da sala - conceito visual (Joana Galvão, 2024).....	p. 62
Fig. 37 - Planta da exposição na Sala de Exposições Temporárias: 1. Entrada com textos de parede introdutórios à exposição; 2. Tema “A Minha Terra”; 3. Tema “O Caricaturista”; 4. Tema “Os Artistas”; 5. Tema “Lá Fora”.....	p. 63
Fig. 38 - Maqueta 3D do primeiro núcleo “A Minha Terra” (Joana Galvão: 2024).....	p. 65
Fig. 39 - Maqueta 3D do primeiro núcleo “A Minha Terra” (Joana Galvão: 2024).....	p.65
Fig. 40 - Maqueta 3D do segundo núcleo “O caricaturista” (Joana Galvão: 2024).....	p. 67
Fig. 41 - Maqueta 3D do terceiro núcleo: "Os Artistas " (Joana Galvão: 2024).....	p. 68
Fig. 42 - Maqueta 3D do quarto núcleo: "Lá Fora" (Joana Galvão: 2024).....	p. 69

INTRODUÇÃO

A realização deste projeto expositivo teve como ponto de partida a proposta apresentada durante as aulas pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias, iniciativa que foi aceite de imediato. O tema da proposição deste trabalho partiu do mesmo e da equipa de investigação que, já antes de eu própria ter conhecimento deste projeto expositivo, realizam uma enorme pesquisa auxiliar.

O trabalho de projeto, aqui apresentado, parte do planeamento de uma iniciativa curatorial para três acontecimentos expositivos temporários de carácter artístico, a terem lugar pela seguinte ordem: em primeiro lugar na Sala 33 do Museu Municipal de Faro, de seguida na Sala Paródia do Museu Bordalo Pinheiro em Lisboa e, por fim, na Sala de Exposições Temporárias do Museu do Traje de São Brás de Alportel. Serão eventos expositivos temporários e itinerantes, que intencionam iniciar no segundo semestre do ano de 2025. Contudo, este estudo será concluído antes da realização dos mesmos, pelo que explora e descreve apenas sugestões que serão tomadas em consideração na execução deste projeto.

Entende-se neste estudo, dois momentos e três papéis curatoriais distintos. O primeiro momento será de um momento científico, que é dedicado exclusivamente à pesquisa e à investigação orientadas pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias em torno de José Dias Sancho (1898-1929) e ao seu transporte, adequação e transferência para uma dimensão expositiva. O segundo momento aborda um papel executivo onde ocorre a planificação espacial das três exposições. Este último momento é onde se insere este trabalho, assumindo a dimensão projectual no âmbito de uma dissertação de mestrado. Em relação aos três papéis curatoriais, estes manifestam-se nas três distintas exposições propostas nos três locais anteriormente indicados (Museu Municipal de Faro, Museu Bordalo Pinheiro e Museu do Traje de São Brás de Alportel), embora, como dito previamente, não será possível realizar este projeto antes da apresentação deste estudo. Os três momentos curatoriais formaram-se em redor de uma só pessoa, o artista José Dias Sancho, e funcionaram como exposições singulares tendo em conta o espaço físico e o território em que se encontram.

O nosso foco no papel executivo deste projeto (a seleção das obras apresentadas, as maquetes 3D e a ordem conceptual) não invalida a contribuição do papel científico. Não apenas no que diz respeito à procura e localização de obras plásticas e literárias em museus, leiloeiras, coleções privadas, jornais, periódicos e revistas, como também no contacto com os museus e os seus respetivos diretores, e a partilha de informação entre estas instituições.

O conteúdo deste projeto foi, como referido anteriormente, desenvolvido a partir da investigação realizada pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias, investigador da Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa. Com a colaboração das equipas do Museu Municipal de Faro, do Museu Bordalo Pinheiro, do Museu do Traje de São Brás de Alportel, os seus respetivos diretores: Doutor Marco Lopes, Doutor João Alpuim Botelho e o Doutor Emanuel Sancho, e com apoios dos investigadores: Doutor Luís Lyster Franco, Doutor Vasco Rosa e o Doutor João Macdonald, acerca da figura cultural de José Dias Sancho e as suas fortes ligações ao modernismo português e algarvio dos inícios do século XX.

Esta pesquisa centrou-se na localização de obras plásticas e literárias de Dias Sancho e a recuperação de ligações pessoais entre o artista e diversas outras figuras da época. Teve um grande foco no modernismo na região algarvia, os artistas da região e a sua relação com os modernistas de Lisboa, deste modo completando o panorama já explorado. A investigação executada pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias incide nas raízes modernistas e as suas relações com a região algarvia, tendo encontrado fortes vínculos entre esta região e figuras reconhecidas culturalmente e historicamente no nosso país, especificamente Almada Negreiros (1893-1970), Eduardo Viana (1881-1967), Mário Eloy (1900-1951), Jorge Barradas (1894-1971), António Soares (1894-1978), entre outros. Nos três momentos expositivos deste projeto, estas figuras são inseridas num diálogo conceptual pelas suas relações comprovadas com José Dias Sancho.

Constata-se a invisibilidade desta figura cultural muito pouco estudada. No decorrer da pesquisa, uma das nossas preocupações foi encontrar, e identificar, obras plásticas no âmbito da caricatura e a recolha de inúmeras crónicas, contos, prosas, poesias, entrevistas e críticas publicadas em diversos periódicos da época. Estas dificuldades foram ultrapassadas pela pesquisa realizada pelo professor Doutor Fernando Rosa Dias e pelo Doutor Luís Lyster Franco. Todavia, este trabalho de projeto não tem a intenção de mostrar todas as descobertas desta pesquisa, contudo denota-se a importância destas

descobertas para a compreensão desta ligação esquecida entre os núcleos artísticos de Lisboa e o Algarve. Inclusive, foi tida em conta enquanto conteúdo essencial para a conceção das três exposições e o entendimento das suas narrativas expositivas.

José Dias Sancho, nos seus poucos anos de vida, tornou-se uma figura de grande importância na zona algarvia, em especial na vila de São Brás de Alportel. Explorou a arte do cinema, da caricatura, da prosa, da poesia e ainda realizou alguma crítica literária e artística. Foi uma figura que, em apenas três décadas de vida, concebeu um universo na sua obra artística e propagou-o pela zona do Algarve e pela cidade de Lisboa. No entanto, a obra de Dias Sancho continua muito ignorada pelos estudos contemporâneos, apesar de ter sido uma figura muito ativa, a sua morte precoce voto-o a um esquecimento. Contudo, recentemente foram editadas edições do seu trabalho literário, cuja reedição resultou de uma parceria entre o Município de São Brás de Alportel e a Universidade do Algarve¹. Inclusive, na exposição “Carlos Porfírio: Diálogos do Modernismo”, realizada no Museu Municipal de Faro em 2019, foi dado um particular destaque aos seus trabalhos de carácter caricaturista.

Embora não se saiba do paradeiro da maioria das obras originais, sabe-se que chegaram a ser expostas em Faro e em Sevilha, como também foram diversas vezes publicadas em periódicos durante a década de 1920. Contudo, pouco era sabido do aparecimento de Dias Sancho na esfera artística, da sua ação ativa em jornais e periódicos do Algarve e posteriormente de Lisboa, da sua carreira como produtor e realizador de cinema², de crítico de arte, escritor, como ainda das suas ligações com outras figuras marcantes do início do século XX.

Por palavras de Aragão Barros, “José Dias Sancho é uma individualidade forte e bem marcada – um valor concreto que não necessita de flores de retórica” (Sancho, 1922). Desde a sua adolescência, Dias Sancho mostrou o brilho que detinha para as artes. Iniciando com a escrita, publicou o seu primeiro conto³ com apenas treze anos e, com gosto e destreza cultivou esta arte durante toda a sua vida. Escritor, colaborador de jornais, cofundador do jornal *Correio do Sul*, produtor de cinema e ainda caricaturista, Dias

¹ Foram editados seis livros, com a coordenação científica de Sílvia Quinteiro e editadas pela mesma e Maria José Marques.

² Não terá sobrevivido nenhum filme, nem sequer fotograma, ou não se conhece o seu paradeiro.

³ Denominado «No cemitério» publicado no jornal *Ecos do Sul*, 1912-04-15.

Sancho mostrou a sua agilidade artística e sempre manifestou um grande orgulho pela região algarvia.

Foi um grande defensor das qualidades desta região e das suas notáveis figuras dela inerentes. Na sua escrita manifestava um grande pendor regionalista, atribuindo bastante importância à cultura algarvia. Nela encontramos variadas descrições da paisagem, das pessoas e dos costumes algarvios, tal como elogios aos artistas que nesta região nasceram. Dias Sancho expressa uma grande preocupação acerca do desenvolvimento desta região, incorporando “pequenos retratos do quotidiano algarvio” (Nota Crítica, 2021), onde nos apresenta figuras da sociedade da época - desde o almocreve ao emigrante rico - inseridas no espaço físico com a sua particular flora e fauna. Igualmente, redigiu crónicas acerca da sociedade, da política e da cultura da época, das suas estadias em Lisboa e em Espanha, como também peças de teatro e teatro musicado. Como caricaturista, retratou variadas figuras da época, desde os seus familiares, artistas, políticos, escritores e jornalistas. Foi o fundador da primeira produtora de filmes algarvia em 1919, Film Sancho Limitada. E, inclusive, como evidência da sua grande ação ativa, esteve presente, e foi um grande defensor, nos momentos decisivos da Questão dos Novos contra a Sociedade Nacional de Belas Artes, desenrolada em Lisboa a partir de finais de 1921.

A pesquisa realizada pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias recaí na identificação e recuperação de obras de Dias Sancho. Contudo, não existem muitos exemplares de obras originais, especialmente de obras de natureza caricaturista, mas verificou-se um esforço pela procura de reproduções das mesmas, sendo esta a razão de serem maioritariamente utilizadas reproduções aumentadas na construção das exposições deste projeto.

Reconhece-se a vasta obra de José Dias Sancho e a invisibilidade do artista. No entanto, o foco deste estudo não é apresentar e revelar as descobertas da investigação, é antes a intervenção curatorial. Esta intervenção, como já foi dito, será apresentada na Sala 33 do Museu Municipal de Faro, na Sala Paródia do Museu Bordalo Pinheiro e, por fim, na Sala de Exposições Temporárias do Museu do Traje de São Brás de Alportel, e terá o intuito de expor visualmente a investigação realizada pelos investigadores acima referidos, por meio dos testemunhos históricos provados e documentados.

É igualmente pretendido suscitar curiosidade relativamente à região algarvia e dar visibilidade a este artista. Mostrar o papel essencial que os artistas algarvios tiveram durante esta época modernista, dando a conhecer criativamente a temática deste projeto acerca desta cativante figura da cultura portuguesa, e deste modo abrir a oportunidade a três diferentes tipos de público (de Faro, de Lisboa e de São Brás de Alportel) de descobrir ou de redescobrir a pluralidade artística deste artista modernista.

Este projeto curatorial pretende, de certa forma, tripartir a vida e a obra de Dias Sancho, explorando a sua considerável intervenção na esfera artística do início do século XX. Do texto à imagem, a sua vasta obra apresenta-nos uma figura ativa nas questões do seu tempo, uma figura que, desde novo, manifestava uma predileção pela arte. Oriundo da pequena vila algarvia de São Brás de Alportel, Dias Sancho iniciou-se na escrita com apenas treze anos, dois anos depois começa a publicar regularmente no jornal fareense “O Algarve” e, menos de uma década mais tarde, cofundou o jornal *Correio do Sul*. Ativo colaborador de jornais, periódicos e revistas, o artista começaria também a, para além das suas crónicas, prosas e poemas, publicar caricaturas e *cartoons*. Embora falecido prematuramente, Dias Sancho movimentou-se entre o Algarve e a cidade de Lisboa, absorvendo as ideias que eram passadas entre artistas e intelectuais da época. Prolongou a sua atividade como artista, assumindo polémicas a partir de grandes causas, como o modernismo ou o regionalismo, deixando-nos uma intensa, embora dispersa, obra,

Ao longo deste ensaio podem-se verificar metodologias usadas para a execução de exposições. Apresentadas nos seguintes subcapítulos: Intenção - esclarecer o intento destas exposições e a relação entre o artista e os locais escolhidos; Gestão de projeto – definição dos objetivos e planos das exposições; Projeto curatorial – estes três subcapítulos definem e exploram os conceitos das ideias singulares expositivas; Construção do espaço expositivo – demonstração, com auxílios visuais, de cada intervenção curatorial; Organização espacial das obras – Apresentação, igualmente com auxílios visuais, de cada momento expositivo.

Outra questão aqui colocada e analisada é a hipótese de a curadoria se mover. Esta ideia espelha uma conceção de que a curadoria não se prende às paredes da galeria ou do museu, ela alastra-se e evolui, unindo o curador e o lugar. A curadoria assume as características históricas e culturais inerentes aos espaços, uma espécie de veículo

mediador entre a essência e a tangibilidade de uma exposição. Uma ideia de *curadoria em movimento* em conjunto (e gerado pelo) o movimento das exposições pretendidas, uma ideia de que o curador e as ideias se movem, uma expansão que fura as paredes das salas de exposição.

A intenção fulcral deste trabalho é demonstrar, passo a passo, o desenvolvimento dos projetos de exposição individualmente, desde a sua parte teórica até aos seus moldes práticos. A parte teórica foi gerada pela pesquisa feita pela equipa de investigação, pela procura determinada de informação e de obras, aqui apresentadas em três momentos expositivos. A ideia física das exposições é mostrada visualmente com as plantas das salas e as obras que irão estar expostas. Foi realizado no programa *Sketchup*, com o intuito de auxiliar a visualização das ideias curatoriais propostas, visto que as exposições não se irão concretizar antes deste trabalho ser apresentado, podendo servir de apoio às suas execuções. Trata-se aqui, concretamente, de um projeto curatorial.

1. Breve introdução à vida e obra de José Dias Sancho

Este projeto visa dar a conhecer a vasta e diversificada obra do artista José Dias Sancho. Com o apoio da pesquisa previamente realizada pelo professor Doutor Fernando Rosa Dias, foi desenvolvida uma pequena biografia para dar a conhecer esta figura cultural.

Natural da vila algarvia São Brás de Alportel, filho de José Dias Sancho e Maria Dias Sancho, proprietários e comerciantes, José Dias Sancho (filho) foi uma figura cultural intervencionista que, embora tenha falecido bastante cedo, deixou um vasto e curioso legado. Na época, mais especificamente em 1914, esta pequena vila ganhou autonomia administrativa em relação à cidade de Faro, pelo desenvolvimento económico dado ao se tornar um centro corticeiro a nível nacional, fator de relevo por impulsionar o, já comum, debate de ideias entre os São-brasenses. Destacam-se algumas figuras impulsionadoras da cultura, tais como: o cineasta, crítico de cinema e pintor Roberto Nobre (1903-1969); a pintora Virgínia de Passos (1881-1965); o poeta Bernardo de Passos (1876-1930); a escultora Rosalina de Passos (1880-1958) e o escritor, desenhador e caricaturista Boaventura de Passos (1885-1935). Todos estes interligados a Dias Sancho por laços de sangue, Virgínia de Passos, Rosalina de Passos, Bernardo de Passos e Boaventura de Passos eram primos de Dias Sancho e Roberto Nobre era seu sobrinho. Por palavras de Dias Sancho: “(...) na minha família há um germe de Arte (...)” (Sancho, José Dias Sancho visto e entrevistado por Mateus Moreno, 1923)

Iniciou os seus estudos na sua terra natal, seguindo para o atual Liceu João de Deus da cidade de Faro e, por volta de 1921, parte para Lisboa para frequentar a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa⁴. Já na capital portuguesa, graças à sua ligação ao pintor Carlos Porfírio (1895-1970) e ao seu sobrinho Roberto Nobre⁵, Dias Sancho ficou imerso nos círculos modernistas da época e prolongou a sua atividade artística. Porém, dedicou-se à arte da escrita desde muito jovem, começando a sua produção artística no

⁴ Sabe-se que concluiu o curso em 1926.

⁵ Ambas figuras já residentes em Lisboa.

início da sua adolescência, como é referido pelo próprio artista numa entrevista em 1923 com Mateus Moreno (1892–1970) para o jornal *Folha de Alte*. Explica que no ano de 1911 - com apenas treze anos – escreveu a sua primeira obra literária intitulada “No cemitério”. Três anos depois, em 1914, escreveu a peça de teatro “A Ceia dos Cábulas”, para uma festa do Liceu, uma paródia à obra “Ceia dos Cardeais” de autoria de Júlio Dantas, onde já manifesta o gosto pela crítica satírica. Posteriormente, excertos desta obra foram publicados no jornal *O Algarve*, onde Dias Sancho já era colaborador da secção literária. Pelas palavras de um pequeno trecho retirado de uma notícia publicada no periódico *Alma Algarvia*: “Dias Sancho é uma criança (...) e se atentarmos nos seus versos, onde há falhas que encontramos até nos próprios mestres, temos de confessar, sem favor, que ele tem génio, sentimento, enfim, qualidades que nascem com o individuo - que geram o artista - e o fazem sobressair do vulgo a que impõem, suavemente, o seu talento.” (Alma Algarvia, 1916).

É de salientar esta ação ativa nos jornais, periódicos e revistas por parte de José Dias Sancho. Foi cofundador - juntamente com Bernardo de Passos e António Santos - e secretário da redação do jornal *Correio do Sul*, exercendo esta última função desde a fundação do jornal em fevereiro de 1920 até 29 de maio de 1927. Igualmente, destaca-se o seu papel como colaborador em múltiplos periódicos do algarve e posteriormente de Lisboa, mais especificamente jornais como o *Correio Olhanense*, *Folha de Alte*, *Alma Nova*, *Diário de Lisboa* e *Ilustração Portuguesa*. Publicou diversos poemas, prosas e crónicas acerca de diversos temas, como também entrevistas e caricaturas de variadas figuras da época. Numa dessas entrevistas⁶, o artista é abordado acerca de uma das suas próprias obras literárias. Entrevistado por Aragão Barros, Dias Sancho é questionado sobre o que pensa sobre o acolhimento do público e o critério crítico do seu recente lançado livro “Ídolos de Barro II – Júlio Dantas”, publicado em 1922. O artista responde às perguntas de Barros com facilidade e retifica que este segundo volume é “a demonstração clara da minha serenidade estudando vícios literários” (Sancho, 1922)

Relativamente a estas duas obras de crítica literária, “Ídolos de Barro I – Albino Forjaz de Sampaio: sua autopsia e enterro”, publicado em 1920, e “Ídolos de Barro II – Júlio

⁶ Denominada «Falando com José Dias Sancho. De como tem sido a sua vida literária. O que é o seu livro “Ídolos de Barro II”», publicada no jornal *Correio do Sul*, 28-05-1922.

Dantas”, Dias Sancho analisou e criticou as obras escritas dos autores Albino Forjaz de Sampaio (1884 – 1949) e Júlio Dantas, no entanto, o primeiro destes livros não foi tão bem recebido como o segundo. Por palavras de Ruy de Veras “O sr. Dias Sancho, contista algarvio e colaborador desta revista, alcançou um lugar notável na crítica quando publicou o 1º volume da série “Ídolos de Barro”. Não posso elogiar incondicionalmente esse seu primeiro trabalho crítico, pela falta de serenidade que ele mostra. A atitude constante de sarcasmo, mal-intencionada e estéril, é indesculpável em estudos desse género.” (Veras, 1922). Todavia, Veras elogia o segundo volume, “Ídolos de Barro II – Júlio Dantas”, pela enumeração de factos e serenidade por parte de Dias Sancho, afirmando que o artista possui uma cultura invulgar e um excelente critério de observação.

Simultaneamente, Dias Sancho realizou alguma crítica de arte. Destacam-se duas das suas críticas: a realizada sobre a exposição coletiva de 1917 no Teatro Lethes em Faro e a crítica em relação à exposição no Salão Bobone em Lisboa de Carlos Lyster Franco (1879 – 1959), concretizada em 1924. O primeiro exemplo é de um texto crítico publicado nos exemplares de 3 e 10 de junho de 1917 do jornal *O Herald*. Retrata uma exposição coletiva onde participaram os artistas: Carlos Lyster Franco, Raul Marques Carneiro (1890-1967), Carlos Porfírio e Jorge Barradas. Esta crítica destaca-se pelo seu terceiro parágrafo inicial no jornal de 3 de junho, onde Dias Sancho expressa os seus parâmetros de crítica, elucidando o leitor de que a sua opinião será muito própria, pois a questão de achar bela ou não certa obra pende da sua disposição no momento, especificamente do seu “estado de alma”, nas palavras do próprio Dias Sancho.

Em relação ao segundo exemplo, para além de retratar a exposição de Lyster Franco em Lisboa, este demonstra um ponto de grande importância que é intrínseco a José Dias Sancho, o seu carácter regionalista. Afirma na sua crítica que “só quem viu o mar do Algarve e nele alagou bem os seus olhos de cor pode reproduzir!” (Sancho, 1924). Destaca que Lyster Franco transportou até Lisboa a paisagem algarvia nas suas obras, embora tenha traduzido as cores vivas destas paisagens a carvão. Afirma ainda que, Lyster Franco terá compreendido a “língua vivíssima” (Sancho, 1924) das cores como o azul, o verde e o siena das terras algarvias. No entanto, destaca que lhe falta a tal sensibilidade de quem nasceu na zona do Algarve. Um tipo de sensibilidade que só é possível de adquirir nascendo e vivendo na região sul de Portugal, absorvendo toda a serenidade do clima e a abundância de luz que o Algarve possui.

Referenciando novamente a entrevista de 1923 com Moreno previamente mencionada, Dias Sancho explica também a sua relação com as artes plásticas, afirma ter começado a pintar muito cedo⁷, no entanto, só iniciou o seu trabalho de caricatura por volta dos seus vinte anos de idade. Estas obras de carácter caricaturista representam diversas figuras da época com quem o artista manteve relação próxima. Destacam-se os pintores Carlos Porfírio e Carlos Lyster Franco, os escritores Julião Quintinha (1886-1968), Victor Falcão (1886-1966), Francisco Fernandes Lopes (1884-1969), os poetas Cândido Guerreiro (1871-1953) e Boaventura de Passos, o desenhador Roberto Nobre, o arquiteto José Pacheco (1885-1934), entre muitos outros. Existem poucos originais destas obras, contudo foram publicadas várias reproduções em jornais e periódicos como no *Correio do Sul*, *Ilustração Portuguesa* e o *Diário de Lisboa*, acompanhando as notícias, entrevistas e crónicas publicadas nos mesmos.

Sabe-se que expôs alguns dos desenhos originais de caricaturas numa exposição coletiva⁸ a 13 de junho de 1920 no Ginásio Club de Faro. Referenciando uma notícia publicada no *Correio do Sul* no mesmo dia: “José Dias Sancho estreia-se. A sua arte brotou casual e espontânea há pouco mais de dois meses, quando, numa roda de amigos, deixando por desfazio correr o lápis sobre o mármore duma mesa de restaurante, fez o traço caricatural dum dos convivas. Todos gostaram, [...]. [...] José Dias Sancho, entre surpreendido e receoso, tentou nova caricatura que mereceu igualmente o aplauso fervoroso e unanime dos convivas. Estava revelado o caricaturista.” (Arte, 1920)

Por fim, é essencial salientar a importante ligação com Espanha e as suas figuras culturais. No início do ano de 1920, a jornalista e escritora espanhola Carmen de Burgos (1867-1932) - conhecida como Colombine - viajou até à cidade de Faro, local onde foi entrevistada por Dias Sancho para o primeiro número do seu recém-fundado jornal, *Correio do Sul*⁹.

⁷ Não foram encontradas nenhuma pinturas do artista que tenham sobrevivido até a atualidade.

⁸ Juntamente com Raul Carneiro e Carlos Porfírio.

⁹ Denominada «Carmen Burgos. A ilustre escritora hespanhola visita o Algarve...», 1920-02-01.

No ano seguinte - juntamente com o pintor Carlos Porfírio, o músico e maestro Manuel Ribeiro (1883-1949) e o militar e escritor Henrique Galvão (1895-1970) - é realizada uma viagem de colaboração artística a Sevilha a 10 de janeiro. Como refere o professor Doutor Fernando Rosa Dias: “Em síntese, nesta «missão artística» a Espanha, Carlos Porfírio expõe quadros e José Dias Sancho caricaturas, enquanto Henrique Galvão apresenta uma conferência. Não se realizaria o recital de música de Manuel Ribeiro por não haver orçamento para o valor pedido pelos músicos espanhóis.” (Dias F. R., 2019). Nesta viagem a Espanha, os artistas foram recebidos em Huelva por Rogélio Buendía (1891–1969), poeta espanhol ligado à Geração de 27¹⁰ e envolvido com o Ultraísmo de Sevilha. Posteriormente – a 10 de abril do mesmo ano - Buendía regressa ao Algarve para participar na importante conferência no Club Farense no âmbito da segunda exposição de Carlos Porfírio, Raul Marques Carneiro e José Dias Sancho. Esta forte e bem marcada ligação é “um cruzamento de modernidade com os enraizamentos de uma herança comum do sul da Península Ibérica entre o Algarve e a Andaluzia.” (Dias F. R., 2019)

Todas estas ações ativas, por parte de José Dias Sancho, moldaram o artista numa figura marcante do modernismo algarvio, embora o seu falecimento precoce. No entanto, é uma figura ainda muito pouco estudada, esta uma das razões deste projeto. Dar a oportunidade ao público de descobrir ou redescobrir a pluralidade do trabalho artístico desta figura cultural que foi José Dias Sancho, e que, apenas em três décadas de vida, explorou diversas áreas artísticas e compôs uma dispersa e, vasta, obra.

¹⁰ A Geração 27 foi um grupo de escritores e poetas espanhóis do início do século XX.

2. Proposta de planeamento das três exposições temporárias

2.1 Intenção

Movimento é uma palavra que eleva diferentes noções, tais como: ação, inovação ou mudança. É um termo que acompanha o nosso quotidiano e o mundo que nos rodeia, desde o movimento do nosso corpo ao longo do dia até ao movimento de rotação do planeta Terra. No mundo da arte não é diferente. O movimento permite o relacionamento, o desenvolvimento e a mutação de conceitos e ideias: “Enquanto objectos expostos, os materiais reunidos estão ‘em ação’: isto é, adquirem significados dinâmicos e mutáveis no decurso do processo de relação entre si.”¹¹ (Bismarck, 2007, p.19)

Uma das maiores intenções na tradição das exposições temporárias itinerantes é a de oferecer a um maior número e diversificado público a possibilidade de visitar tais exposições. Simultaneamente, proporcionam a oportunidade de partilha de objetos e ideias entre entidades museológicas, “um fator fundamental para aumentar a importância dos museus como instituições culturais e educativas. Trata-se, sem dúvida, de uma melhoria em relação às antigas condições estáticas que ainda prevalecem nalguns museus, onde as exposições permanecem inalteradas durante décadas, por assim dizer, em armazém aberto.”¹² (Daifuku, 1963, p. 44)

No entanto, o nosso projeto possui uma particularidade: as três exposições aqui propostas expõem, praticamente, o mesmo núcleo de obras de José Dias Sancho, porém são geradas alterações de acordo com o local expositivo. Isto devido à pluralidade do trabalho do artista e às diversas ligações que o artista estabeleceu com figuras da época. Foram determinados vínculos entre as obras e os locais expositivos, gerando diálogos em movimento. Desta forma foram criadas três narrativas expositivas individuais, todas com o mesmo ponto de partida, a figura de Dias Sancho, reordenando as obras escolhidas e, por consequência, concebendo vínculos de união e diálogos em cada uma das exposições e os seus locais: as possibilidades de tais ligações são múltiplas e, uma vez que os objetos tenham sido retirados dos seus contextos originais, podem também ser construídos de novo. (Bismarck, p. 19)

¹¹ “As exhibited objects, the materials assembled are ‘in action’: that is, they obtain changing and dynamic meanings in the course of the process of being related to one another.”. Tradução livre.

¹² “a major factor in increasing the importance of museums as cultural and educational institutions. This is undoubtedly an improvement over the former static conditions which still prevail in some museums where exhibitions remain unchanged for decades, in open storage as it were.” Tradução livre.

No nosso projeto aqui apresentado, esta ideia de movimento estende-se até à praxis curatorial, ela relaciona-se com o movimento físico e mental por parte do curador, do público e, inclusive, dá um passo à frente e move-se entre localidades atravessando o país entre o sul e o centro. Os movimentos de planeamento mental por parte do curador geram dentro de si as ideias de conceção de uma narrativa expositiva, enquanto os movimentos físicos de organização do interior do espaço expositivo, por sua vez, causam o deslocamento por parte do público. De acordo com a historiadora Bismarck: “Talvez mais do que qualquer outra profissão no domínio da arte, a praxis curatorial define-se pela sua produção de ligações. Os atos de recolha ou montagem, ordenação, apresentação e comunicação, as tarefas básicas da profissão de curador, relacionam-se com artefactos de uma grande variedade de fontes, entre as quais estabelecem ligações.”¹³ (Bismarck, 2007, p. 19) Este tópico do movimento da curadoria é mais desenvolvido no capítulo 3 desta dissertação

Durante a sua vida, José Dias Sancho deslocou-se da Vila de São Brás de Alportel para a cidade de Faro e, de seguida, para Lisboa. Durante os anos que passou em movimento entre estas três localidades, absorveu totalmente as ideias que eram passadas entre artistas e intelectuais da época. A nossa intenção com este projeto centra-se em, para além de dar visibilidade a esta figura esquecida pela história de arte, tentar mover as intenções de curadores, artistas, galeristas e todas as partes integradas em planeamento e investigação de exposições e peças de arte em inovar, uma vez que é com todos os diferentes tipos de movimento que tudo progride e se desenvolve.

A arte não avança, move-se.

José Saramago, Cadernos de Lanzarote.

¹³ “Perhaps more than any other profession in the field of art, curatorial praxis is defined by its production of connections. The acts of collecting or assembling, ordering, presenting, and communicating, the basic tasks of the curatorial profession, relate to artifacts from a wide variety of sources, among which they then establish connections.”. Tradução livre.

- Intenções e interações das narrativas entre as exposições

Cada um dos três momentos expositivos deste projeto integra uma narrativa individual, todavia, em conjunto possuem uma narrativa contínua entre si. Foi pensado um trajeto de exposições e ideias que atravessasse o país e as pluralidades do trabalho artístico de José Dias Sancho. Aglomerando pontos focais da obra do artista em cada espaço expositivo que, em conjunto, desenvolvem uma reflexão conceptual consecutiva. Contudo, é tido em conta que a maioria do público não irá seguir e visitar as três exposições e, por esse motivo, as exposições irão funcionar singularmente.

Iniciamos no Museu Municipal da cidade de Faro, com Dias Sancho em diálogo com outros artistas modernistas da época, diálogo fulcral que ajudará o público a situar esta figura pouco estudada. Oriundo de São Brás de Alportel - inserido numa época em que esta localidade transbordava de cultura impulsionada pelo desenvolvimento económico – o artista progrediu os seus estudos no Liceu de Faro, e, posteriormente, na Universidade de Lisboa. Foi uma figura cultural muito ativa, o que resultou na sua relação com figuras marcantes da esfera cultural e na criação de pontes culturais entre Lisboa e o Algarve. Estas relações formadas entre o artista e artistas modernistas terão sido fundamentais para o desenvolvimento artístico de Dias Sancho. São relações provadas, algumas por serem seus familiares - o caso de Roberto Nobre e de Bernardo de Passos - e outras que estabeleceu durante a vida – como Carlos Porfírio e Henrique Galvão. Dias Sancho esteve inserido e teve uma ação muito ativa nas diversas dinâmicas culturais, sobretudo nas causas modernistas e algarvias, com especial destaque para a sua participação Questão dos Novos em 1921. Nesta exposição irá ser realçado o teor regionalista das obras de Dias Sancho e o seu vínculo com as causas modernistas, dois focos que funcionaram como pontos cardeais.

De seguida, no Museu Bordalo Pinheiro na cidade de Lisboa, a narrativa centra-se maioritariamente no humor, na crítica satírica e no trabalho de caricatura do artista. Neste espaço, Dias Sancho entra em contacto direto com Rafael Bordalo Pinheiro (1846–1905), artista que está intimamente ligado à caricatura e ao humor. Embora nesta exposição não haja diálogos diretos com obras de outros artistas, é concebido um diálogo subjacente com o local selecionado. Um caricaturista que desenhou várias figuras relevantes da época de variadas áreas como: a literatura, as artes plásticas, a música e a política, nesta

exposição é assinalada a esquecida importância que Dias Sancho tem na história da caricatura modernista portuguesa.

Por fim, o último momento expositivo deste projeto será no Museu do Traje de São Brás de Alportel. Neste espaço, a narrativa pretendida irá assumir um carácter de teor intimista, por meio de diálogos entre a terra natal do artista - um local de reconhecimento - e outros artistas algarvios. Como um regresso a casa, o reconhecimento de Dias Sancho e outras figuras de São Brás na força e na história do modernismo algarvio.

Esta foi a mesma linha de locais que o artista percorreu durante vida, apenas invertendo São Brás de Alportel, lugar de nascimento, como regresso. Na cidade de Faro iniciou a sua colaboração em jornais e periódicos (e cofundou o *Correio do Sul*) e teve o seu primeiro contacto com a caricatura; de seguida, partiu para Lisboa, local onde ficou inserido nos círculos modernistas e prolongou a sua atividade como caricaturista, retratando diversos artistas e figuras a nível nacional; e, por fim, São Brás de Alportel, local onde o artista nasceu e acabou por falecer.

O objetivo deste projeto visa dar a conhecer - ou redescobrir - a obra artística de José Dias Sancho a diferentes tipos de público, reajustando uma matriz curatorial a cada lugar, definindo uma narrativa específica. Contudo, está estabelecida uma linha constante de pensamento, uma matriz geral que coordena as variantes das diferentes narrativas curatoriais: a figura monográfica é a mesma, mas apresenta-se de diferentes modos e diferentes relações, tal como há várias obras que se repetem, mas noutras conjugações.

A narrativa geral pretende unir todas estas ideias singulares, que fazem parte da construção conceptual das exposições em uma só. De modo a recordar e recriar as deslocações do artista por estas localidades, esta rota que proporcionou a Dias Sancho reter todos os conhecimentos que adquiriu, a relacionar-se com todas figuras da época e que resultou numa vasta e multifacetada obra plástica e literária. Desta forma, conceber um elogio ao artista, à sua arte e, à sua vida.

2.2 Gestão de projeto

A gestão deste projeto atravessa essencialmente três fases: a administração – em que se definiu os objetivos e alcance do projeto, o perfil das três exposições individualmente e do projeto num todo; o programa – onde foram definidos os locais de exposição, os assuntos essenciais, os títulos das exposições e a organização das exposições; e, por fim, a produção – em que se definiu as questões técnicas e conceptuais das exposições, as narrativas expositivas, a articulação do discurso expositivo em torno da pesquisa científica, o levantamento dos espaços, plantas, localização das obras e a organização das exposições (com o auxílio dos desenhos digitais realizados na aplicação *SketchUp*).

Neste trabalho de projeto não iremos apresentar a dimensão financeira de cada momento expositivo, nem do projeto como um todo, visto que previamente já existia o envolvimento institucional. Por conseguinte, esta tarefa fica ao encargo do departamento financeiro e administrativo de cada museu. No que diz respeito às questões do segundo ponto (programáticas), estas estão apresentadas no segundo capítulo desta dissertação.

Um ponto já referido, no entanto, de grande relevo, sublinha a mutação de ideias entre as três exposições. Cada uma das exposições irá apresentar uma faceta da obra de José Dias Sancho, pelo que cada exposição irá ter a sua própria narrativa. Em Faro, irá tratar-se de um reencontro com outros artistas relevantes pelas suas relações com Dias Sancho e o Algarve. Na cidade de Lisboa, será feita uma conexão com Bordalo Pinheiro e com o trabalho de caricatura de ambos os artistas, incluindo também facetas ligadas ao humor do trabalho de Dias Sancho nas suas obras literárias e teatro musicado. Por fim, em São Brás de Alportel projeta-se igualmente um reencontro com mais figuras da cultura, sobretudo local, mas com a faceta de regresso, de retorno à terra natal. Cada uma destas exposições irá focar-se em cada público-alvo, dependendo do local onde se encontra. Os três locais possuem públicos diferentes, o mais díspar entre eles será o de São Brás de Alportel, pois é o único local que é uma vila e não uma cidade. A curadoria específica desenvolve-se consoante o público-alvo, o local onde a exposição se realiza e as relações de Dias Sancho com o determinado lugar.

Na primeira fase foi estipulado o seguinte para este projeto:

a. O perfil das exposições: exposições temporárias itinerantes, de carácter histórico, iniciando na cidade de Faro de junho a outubro de 2025, seguindo para Lisboa de novembro de 2025 a março de 2026, e finalizando em São Brás de Alportel, de abril a agosto de 2026, assegurando, desta forma, o maior alcance de público possível.

b. Inauguramos em Faro durante o período de férias de verão e no início do primeiro semestre escolar, promovendo o lado educacional da exposição e o período de maior movimentação de pessoas na capital algarvia. De seguida, a exposição de Lisboa inaugura durante o período escolar com a intenção de cativar a dimensão educacional do projeto, procurando dar ênfase ao público mais jovem. Por fim em São Brás de Alportel, novamente, seguimos a mesma estratégia de tentar atingir o maior número de público durante a época alta – o verão – e ainda assegurar o início do período letivo numa tentativa de cativar as escolas a visitar a exposição. Deste modo, o projeto visa diferentes tipos de públicos nos três locais, como o público mais jovem inserido na escola e o público que se desloca nessas datas às localidades, proporcionando o interesse dos visitantes locais e não locais (nacionais) e dos turistas (de todas as faixas etárias).

- Objetivos deste projeto:

c. Promover a cultura algarvia em contexto regional e nacional;

d. Dinamizar os museus;

e. Incentivar e promover a cultura;

f. Relembrar ou dar a conhecer pela primeira vez José Dias Sancho, através do seu trabalho e ligações culturais com os locais e figuras de relevo da época;

g. Motivar a discussão no espaço público em torno da figura;

h. Contribuir para o estudo e divulgação do modernismo algarvio.

-Alcance do projeto:

i. Expansão a nível regional (região sul – Algarve; e a região central – Lisboa)

j. As exposições decorrem em três locais diferentes: Museu Municipal de Faro, Museu Bordalo Pinheiro de Lisboa e Museu do Traje de São Brás de Alportel.

Na segunda fase do projeto foi determinado:

I. Locais: Sala 33 – 1º Piso, Museu Municipal de Faro; Sala Paródia, Museu Bordalo Pinheiro; Sala de Exposições Temporárias, Museu do Traje de São Brás de Alportel.

II. Assunto: A pluralidade do trabalho artístico de José Dias Sancho; As relações culturais de Dias Sancho com outros artistas; Ligações culturais entre Lisboa, Faro e São Brás de Alportel; Algarve; A carreira artística de Dias Sancho.

III. Títulos das exposições pela ordem estabelecida – “José Dias Sancho - Modernismo e Regionalismo”, “José Dias Sancho - Caricaturista, Humorista e Polemista” e “José Dias Sancho - O Regresso à Terra”.

IV. Dinamização, promoção, divulgação: Organização de atividades lúdicas e culturais, envolvendo várias entidades como escolas e universidades.

Na terceira fase definimos os papéis seguintes:

- Conceptualização das exposições:

1) Ideia - Narrativa expositiva; articular um discurso expositivo em torno da pesquisa científica; - Curador científico e em movimento;

2) Desenhos das exposições: Modelos 3D - Levantamento dos espaços, plantas, mobiliário expositivo, localização das obras no espaço, estratégias curatoriais, estratégias de *design*, iluminação, informação – Curador executivo;

2.3 Projeto curatorial - Exposição temporária “José Dias Sancho - modernismo e regionalismo”, no Museu Municipal de Faro

- Narrativa expositiva

É vulgar achar-se hoje que esses conhecimentos, ou quaisquer outros menos conventuais, não são necessários à nobre Arte de escrever.... Pura ilusão!

(Sancho, «Em Arte o que é o Regionalismo?» – Carta a Ferreira de Castro, 1925)

A capital algarvia torna-se o ponto inicial deste projeto com a exposição intitulada “José Dias Sancho - Modernismo e Regionalismo”. O conceito desta exposição assume-se como um diálogo artístico e cultural em torno de Dias Sancho, a sua diversidade artística e as suas relações no âmbito do modernismo lisboeta e algarvio. Centrado nos dois grandes focos descritos no título da exposição - o modernismo e o regionalismo – estes funcionarão como pontos cardeais que organizam o discurso expositivo no espaço, no sentido, que a narrativa irá funcionar a partir destas duas ideias, gerando nuances entre elas. Os discursos intersejam-se, um diálogo fulcral que ajudará o público a situar Dias Sancho na esfera artística da época, reconhecendo e homenageando o seu percurso artístico.

O regionalismo detém várias vertentes (linguística, artística e literária). Na linguística, refere-se ao conjunto de diversas particularidades linguísticas de uma certa zona geográfica, como por exemplo um dialeto. No campo da arte, alude a pinturas que retratam cenas realistas de certa região, cenas rurais e de cidade pequena (ou vila). Nesta exposição exploramos o regionalismo na literatura, o qual não difere muito da ideia de regionalismo nas artes plásticas. Para José Dias Sancho, este motivo é essencial; nas suas palavras: “É esta a modelação a que procedem no espírito dos artistas a sociedade e a paisagem, o convívio e o panorama” (Sancho, 1925). A ligação entre o regionalismo e o modernismo é elemento-chave neste reencontro entre artistas. Frisa a ação ativa por parte de Dias Sancho na região algarvia, recordando e dando notoriedade a diferentes figuras prestigiadas da esfera cultural, e a sua expansão para os círculos de artistas modernistas de Lisboa. Simultaneamente, faz-se um paralelismo com a arquitetura e a paisagem algarvia representada por diferentes artistas.

Nesta exposição, os artistas são inseridos num diálogo dedicado à arte, um diálogo dual entre as relações de Dias Sancho com o modernismo algarvio e lisboeta, regional e central. O conceito foi determinado a partir de José Dias Sancho, figura fundamental e principal, sendo construída uma narrativa em torno dos documentos e obras que foram encontrados na pesquisa previamente realizada.

- Construção do espaço expositivo – sala 33

Localizado no centro histórico da cidade de Faro, mais especificamente no Largo D. Afonso III, o antigo convento de Nossa Senhora da Assunção, e atual Museu Municipal de Faro, é um local de grande valor arquitetónico. Classificado de Monumento Nacional desde 1948, o Museu Municipal de Faro possui uma rica história desde o início da sua construção em 1519. Fundado pela Infanta D. Leonor (1458-1525), mulher de D. João II (1455-1495), este edifício inicialmente albergou um dos quatro conventos femininos da região do Algarve até 1860, ano em que foi comprado por particulares, que o ocuparam com uma fábrica de cortiça. Um século depois, a Câmara Municipal de Faro adquiriu o edifício e estabeleceu no local o Museu Municipal, tornando-o um dos mais antigos museus do Algarve. Integra, desde maio de 2002, a Rede Portuguesa de Museus e, em novembro de 2005 foi premiado com o Prémio APOM de Museologia como melhor Museu Português, prémio atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia.



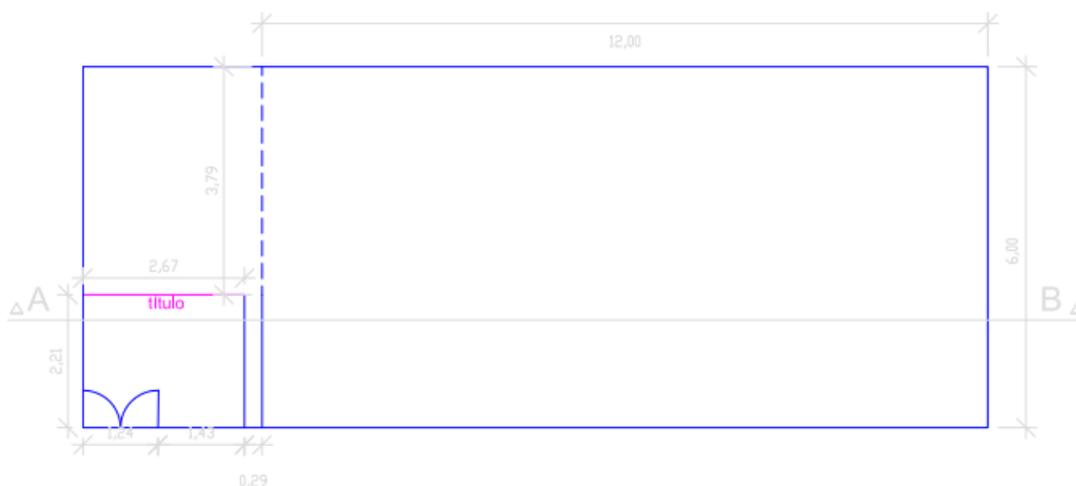
Figura 1 - Museu Municipal de Faro, imagem retirada do *site* da autarquia de Faro



Figura 2 - Localização do Museu Municipal de Faro, Faro (planta retirada do Google Maps)

O museu visa a documentação, restauro, investigação e valorização de diferentes tipos de patrimónios artísticos, e é um local em que se pode ter acesso, como é dito no *site* da autarquia de Faro, “a uma síntese das épocas romana e islâmica, apreciar belos exemplares de pintura antiga ou as obras de Carlos Porfírio, tudo graças a uma equipa qualificada e experiente a trabalhar todos os dias para melhorar o serviço do Museu Municipal”¹⁴. Dispõe de dois pisos, por onde são repartidas diversas salas expositivas que acolhem exposições de curta e longa duração. As duas salas de maiores dimensões albergam exposições permanentes, nomeadamente: a exposição de pintura antiga, um conjunto de 63 pinturas que remontam aos séculos XVI e XIX, e uma exposição de epigrafia romana. Nas restantes salas são inauguradas diversas exposições temporárias de antigos artistas algarvios e nacionais, até artistas contemporâneos.

Com esta abastada história, propõem-se iniciar o percurso de exposições deste projeto no segundo piso do museu, na sala 33, com a exposição intitulada: “José Dias Sancho - Modernismo e Regionalismo”.



¹⁴ *Site* autárquico de Faro – texto sem autor designado – “Museu Municipal de Faro” - <https://www.cm-faro.pt/8076/museu-municipal-de-faro.aspx> (consultado a 24 de novembro de 2023)

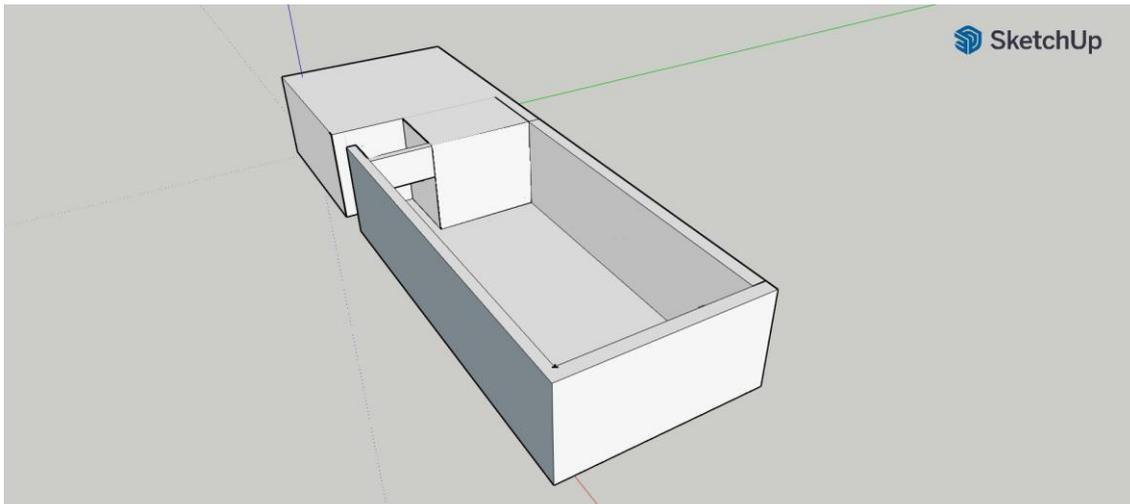


Figura 4 - Planta original - sala 33 do Museu Municipal de Faro; desenho em três dimensões, executado no programa *SketchUp* a partir do desenho da planta representada na figura 3, fornecido pelo museu.

- Transformação proposta para a sala

A sala 33 do Museu Municipal de Faro tem, aproximadamente, 12 metros de comprimento, 6 metros de largura e 3,40 metros de pé direito. É originalmente composta por um pavimento de madeira e paredes brancas. No teto, observa-se uma estrutura de iluminação composta por duas calhas retas ao longo do comprimento da sala com diversos focos de luz que podem ser ajustados consoante a necessidade expositiva. A sala pode sofrer diversas alterações - desde a cor das paredes, a iluminação ou até mesmo o tipo de pavimento - para ser adaptada às necessidades expositivas de cada exposição. Nas seguintes figuras 5 e 6, verifica-se a desmontagem da exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo”, durante a qual foi realizado o estudo do espaço¹⁵.

Para a construção da nossa exposição neste espaço, são propostas algumas transformações espaciais. Embora não seja característico da sala¹⁶, é pretendido abrir a antecâmara para deste modo assegurar a fluidez da narrativa ambicionada. O chão de madeira e a tonalidade branca das paredes não irão sofrer alterações com a exceção das três paredes dentro da antecâmara e a parede do fundo que enquadra o núcleo “Modernismo”. Estas

¹⁵ Durante a visita ao espaço estava a decorrer a desmontagem da exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo”, daí os vários objetos espalhados pelo chão da sala. A antecâmara estava também a ser fechada com a construção de uma parede falsa, como se pode verificar nas figuras 5 e 6.

¹⁶ Foi construída propositadamente para exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo”.

paredes serão pintadas de uma cor cinza-clara (apito), de modo a destacar os dois núcleos- chave que albergam.

Como já foi referido, este espaço irá abrigar obras de vários artistas e, conseqüentemente, obras de diferentes suportes, portanto iremos atender as diferentes necessidades expositivas. Por este motivo é proposta a construção de duas paredes falsas com uma vitrine vertical de cada lado (figura 8). Nestas irão ser expostos diversos documentos, tais como reproduções aumentadas de caricaturas e exemplares de periódicos selecionados, devido às pequenas dimensões e por questões de preservação dos mesmos. Similarmente, é proposta a utilização de duas vitrines horizontais (mesas) para serem posicionadas contra estas paredes e albergarem jornais, livros e periódicos selecionados. O museu já dispõe de módulos de apoio deste tipo, portanto não será necessária a sua construção.

No que diz respeito à iluminação, os focos de luz irão ser projetados para os núcleos de obras construídos, evitando a projeção direta para obras, e focando exatamente no todo de cada núcleo. Nas vitrines horizontais dos núcleos 5 e 6 (figura 9), e as inseridas nas duas paredes falsas, não será incidido nenhum foco de luz por causa dos reflexos que podem ser causados entre a luz e o vidro das mesmas, e por questões de conservação. Esta lógica será repetida nas seguintes duas exposições.

Para esta, e as restantes duas exposições, não é pretendido colocar tabelas informativas acerca das peças e artistas - a única exceção será feita para as pequenas biografias na exposição “José Dias Sancho – Caricaturista, Humorista e Polemista” no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa - perturbam visualmente a experiência da exposição por parte do espetador. Inclusive, as exposições no Museu Municipal de Faro e no Museu do Traje de São Brás de Alportel irão ter frases-chave nas paredes como modo de apoio para o espetador se guiar pelos núcleos da exposição, e, por outro lado, a exposição no Museu Bordalo Pinheiro de Lisboa irá apresentar doze pequenas biografias acerca de algumas das figuras representadas, podendo estas serem consultadas no capítulo Apêndice II, no final deste trabalho. Deste modo, dispor de tabelas informativas seria excessivo e apenas perturbaria a experiência do espetador. Respeitando a sequência dos núcleos, as frases selecionadas para esta exposição são as seguintes: «Santos da casa não fazem milagres. Os milagres vêm [sic] de Lisboa por encomenda.» – José Dias Sancho, 1920; «É certo que as maravilhas da cor, da luz, da forma, que todos os olhos bebem cheios de sede (...)» José Dias Sancho, 1924; «Sem cultura séria só pode haver

diletantismo, mera eclosão de imagens.» José Dias Sancho, 1925; «José Dias Sancho é uma individualidade forte e bem marcada - um valor concreto que não necessita de flores da retórica (...)» - Aragão Barros, 1922. As frases-chave escolhidas para a exposição no Museu do Traje de São Brás de Alportel estão discriminadas no subcapítulo dessa exposição, nomeadamente no subcapítulo 2.5.

No que diz respeito à cor do corpo de texto, foi definida a cor cinzento-escuro (basalto), um pouco mais escuro em comparação à cor das paredes do primeiro e terceiro núcleo desta exposição, uma cor neutra de fácil legibilidade. Para o título, definiu-se uma tonalidade encarnada escura (carmesim ou carmim), também de fácil legibilidade, de modo a despertar a atenção do espetador para esta exposição e convidá-lo a entrar. Relativamente ao tipo de letra, ficará ao encargo do departamento de design e da gráfica responsável pelo *lettering*.

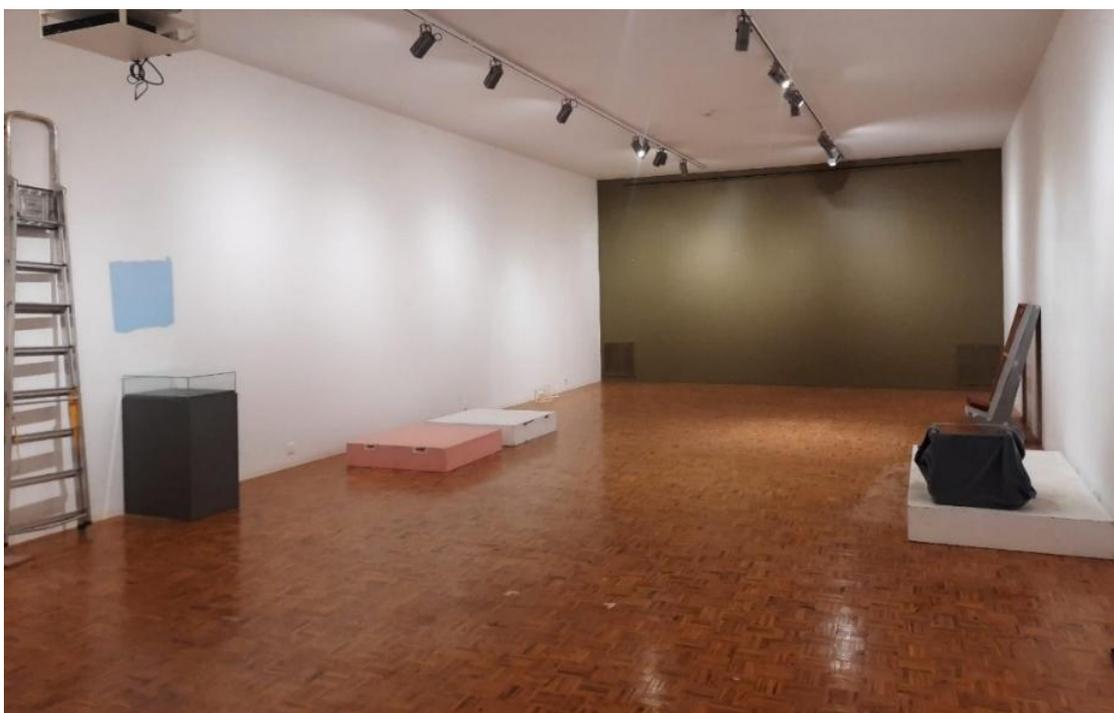


Figura 5 - Fotografia da desmontagem da exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo” - vista frontal a partir da entrada da Sala 33 (fotografia por Joana Galvão, 2023).



Figura 6 - Fotografia da desconstrução da exposição “Joaquim Viegas – a Construção do Cenógrafo” - vista frontal da entrada da Sala 33 (fotografia por Joana Galvão, 2023).

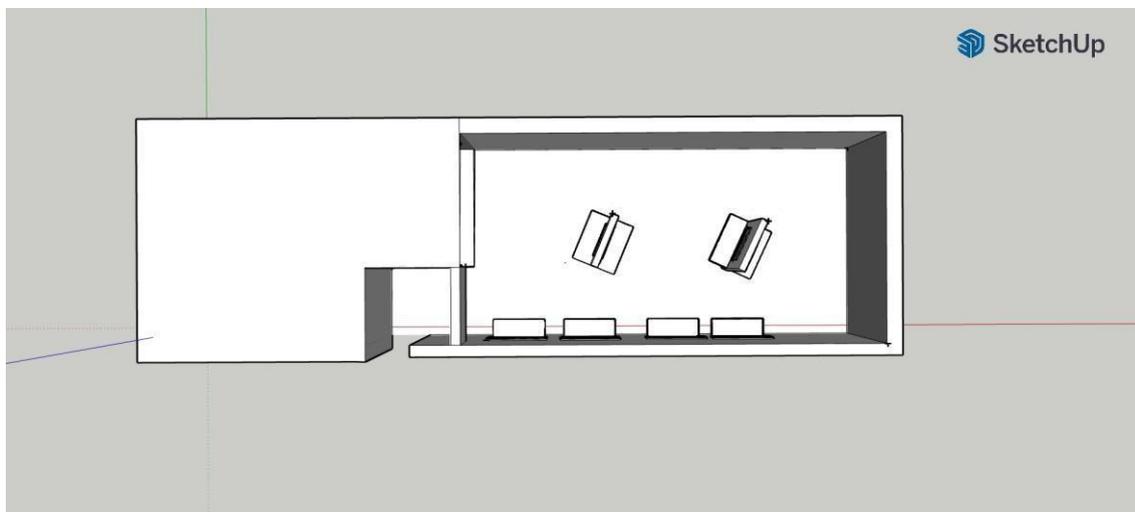


Figura 7 - Proposta para o novo design da sala - conceito visual - vista de cima (Joana Galvão, 2023).

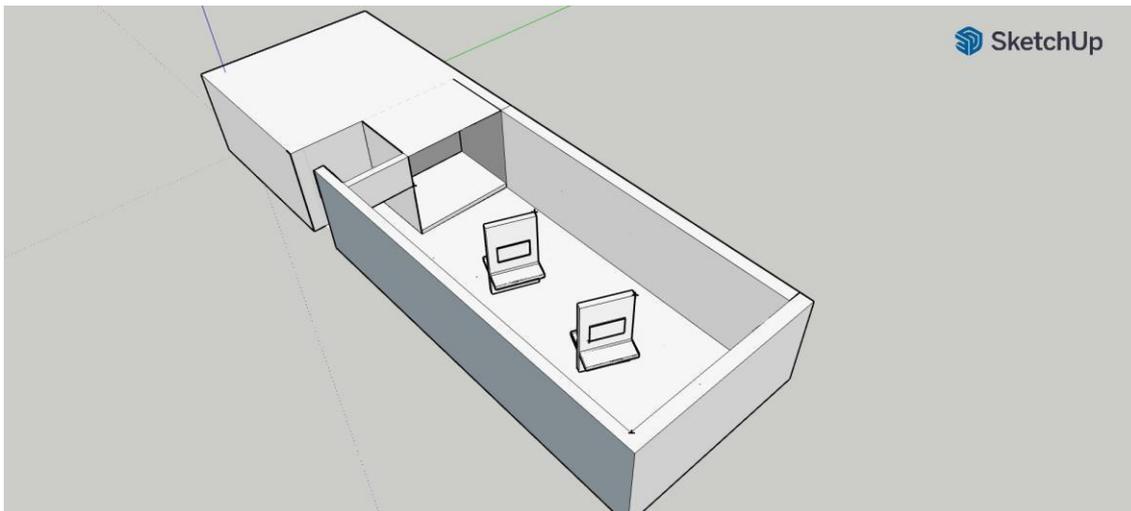


Figura 8 - Proposta para o novo *design* da sala - conceito visual (Joana Galvão, 2023)

Nesta exposição, visualmente, os dois núcleos-chave (Regionalismo e Modernismo) ganham força própria, são destacados pela cor mais escura das suas paredes para, deste modo, gerarem um diálogo entre si e, de igual forma, com os restantes núcleos da exposição. O objetivo é narrar um diálogo entre esses dois núcleos-chave e os artistas intervenientes, com um maior foco em José Dias Sancho. Num diálogo dedicado à arte, um diálogo dual entre as relações de Dias Sancho com o modernismo algarvio e lisboeta, regional e central.

- Organização espacial das obras

Como anteriormente referido, esta exposição irá abrigar obras de José Dias Sancho, e obras de outros artistas modernistas da época, com quem o artista teve relações comprovadas. Nesta primeira exposição, o espaço expositivo está organizado de maneira a “arrumar” as diferentes facetas da obra de Dias Sancho, conceptualizado através de um conjunto de diálogos individuais e consecutivos, que, por sua vez, formam um todo.

Foram planificados núcleos temáticos em torno do artista, onde se distinguem os vários intervenientes. Estes núcleos são orientados por dois núcleos-chave, “Regionalismo” e “Modernismo”, que funcionarão como pontos cardeais - ponto 2 e 4 - estando em lados opostos da sala, como se pode verificar na figura 9. Entre estes pontos-chave irá ser construído uma espécie de “nuance” dessas palavras-chave. Os núcleos expostos são: “Regionalismo”, “Paisagem Algarvia”, “Modernismo”, “*Cartoons*” e “Entrevistas”.

Estes geram um ritmo cronológico de diferentes épocas e da variada produção artística de José Dias Sancho.

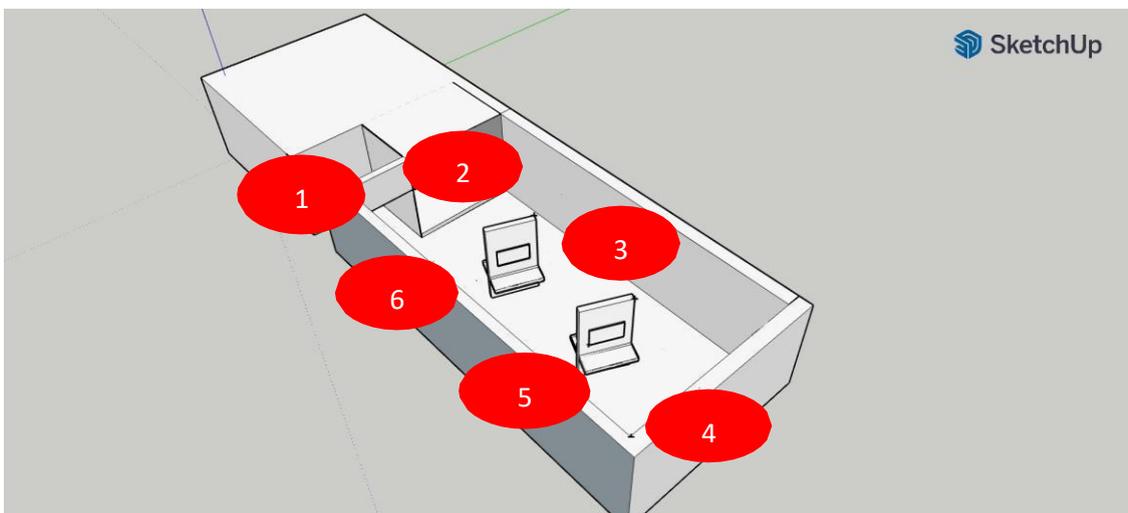


Figura 9 - Planta da exposição na sala 33: 1. Entrada com textos de parede introdutórios à exposição; 2. Tema e ponto cardeal "Regionalismo"; 3. Tema "Paisagem Algarvia"; 4. Tema e ponto cardeal "Modernismo"; 5. Tema "Cartoons"; 6. Tema "Entrevistas".

A disposição de todas as obras expostas – nesta exposição e nas restantes duas – respeitam a medida média do olhar (90cm a 160cm a partir do chão). Igualmente, todas as obras deste projeto estão discriminadas, podendo ser consultadas no capítulo Anexos I, e por motivos da longa extensão desta dissertação optou-se por colocar a listagem das obras expostas nos módulos de apoio referentes às paredes falsas e às respetivas imagens das maquetas – desta exposição e a de São Brás de Alportel - no capítulo Apêndice I, ambos localizados no final da dissertação.

Na entrada da sala, junto ao texto de parede que introduz a exposição, está exposta uma cópia aumentada de uma autocaricatura de Dias Sancho.

- 1º - José Dias Sancho, reprodução aumentada de autocaricatura, 1922-05/06;

Iniciamos a narrativa por enquadrar o momento expositivo da conversação de modo regionalista, onde encontramos cópias aumentadas de caricaturas¹⁷ produzidas por Dias Sancho, nas quais são retratadas diversas figuras algarvias: Bernardo de Passos, Roberto Nobre, Boaventura de Passos, Carlos Porfírio, Bernardo Marques, Carlos Lyster Franco, entre outros. Este núcleo pretende realçar as diferentes personalidades algarvias que se destacaram em diversos campos intelectuais e artísticos, e que fizeram parte dos círculos culturais, nos quais Dias Sancho também estava inserido. Este núcleo é acompanhado de uma frase retirada de uma crónica da autoria de José Dias Sancho: “Santos da casa não fazem milagres. Os milagres vêm [sic] de Lisboa por encomenda»¹⁸. Um elogio à arte e ao Algarve.

Paralelamente, é estabelecida uma conexão com três obras literárias de Dias Sancho, expostas no primeiro módulo de apoio. Um poema intitulado: “O meu Algarve”, uma obra em prosa: “Breves palavras a propósito da minha terra”, e uma crónica: “Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro”. Estas obras selecionadas destacam o teor regionalista na obra do artista, gerando um diálogo adjacente com as caricaturas de figuras da região. Em particular, a crónica escolhida foi publicada no jornal *Correio do Sul*, jornal que Dias Sancho cofundou e no qual desempenhou o papel de secretário da redação até 1927. Estas três obras sublinham o teor regionalista desta exposição, enfatizando a relação entre as figuras e a região algarvia.

O primeiro núcleo designado “Regionalismo” enquadra as seguintes obras:

- 2º -José Dias Sancho, caricatura de Bernardo de Passos (reprodução aumentada), 1927;
- 3º -José Dias Sancho, caricatura de Bernardo de Passos (reprodução aumentada), 1925;
- 4º -José Dias Sancho, caricatura de Roberto Nobre (reprodução aumentada), 1920;
- 5º - José Dias Sancho, caricatura de Roberto Nobre (reprodução aumentada), 1921;
- 6º - José Dias Sancho, caricatura de Boaventura de Passos (reprodução aumentada), 1925;

¹⁷ Por motivos expositivos, devido ao seu reduzido formato e, sobretudo, por não existirem a maioria das caricaturas originais, foi decidido utilizar cópias aumentadas dos trabalhos de caricatura.

¹⁸ Publicada no jornal *Correio do Sul*, denominada de «Regionalismo e Arte», 1920-07-11.

- 7º - José Dias Sancho, caricatura de Boaventura de Passos (reprodução aumentada), 1920;
- 8º - José Dias Sancho, caricatura de Cândido Guerreiro (reprodução aumentada), 1925;
- 9º - José Dias Sancho, caricatura de Cândido Guerreiro (reprodução aumentada), 1927;
- 10º - José Dias Sancho, caricatura de Francisco Fernandes Lopes (reprodução aumentada), 1925;
- 11º - José Dias Sancho, caricatura de Francisco Fernandes Lopes (reprodução aumentada), 1920;
- 12º - José Dias Sancho, caricatura de Julião Quintinha (reprodução aumentada), 1922-02-05;
- 13º - José Dias Sancho, caricatura de Julião Quintinha (reprodução aumentada), 1922;
- 14º - José Dias Sancho, caricatura de Mateus Moreno (reprodução aumentada), 1923
- 15º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Porfírio (reprodução aumentada), 1921-12-24;
- 16º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Porfírio (reprodução aumentada), 1921;
- 17º - José Dias Sancho, caricatura de Bernardo Marques (reprodução aumentada), 1920;
- 18º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Lyster Franco (reprodução aumentada), 1927;



Figura 10 - Maqueta 3D do primeiro núcleo: "Regionalismo" (Joana Galvão, 2024).



Figura 11 - Maqueta 3D do primeiro núcleo: "Regionalismo" (Joana Galvão, 2024).

No que diz respeito ao segundo núcleo, foi determinada a miscigenação entre Regionalismo e Modernismo, com a temática da paisagem algarvia. Este inclui pinturas e desenhos de artistas como Roberto Nobre, Carlos Porfírio, Carlos Lyster Franco, Bernardo Marques, Raul Carneiro, Eduardo Viana e Mário Eloy. No que diz respeito à disposição das obras, foi tido em consideração as ligações que os artistas tinham com a região do Algarve, desde modo criando dentro deste núcleo dois subnúcleos. O primeiro salienta obras de artistas do Algarve e de artistas que mantiveram residência nesta região durante bastante tempo (o caso de Carlos Lyster Franco e Raul Carneiro), gerando uma união com o primeiro núcleo desta exposição. No segundo subnúcleo são expostas obras de Eduardo Viana e Mário Eloy, artistas que visitaram esta região e criaram

ligações com os artistas regionais. Este funciona como uma “nuance” para o seguinte núcleo de obras, o qual é focado nas obras de artistas pertencentes à primeira e segunda geração modernista.

Desde as açoteias da cidade de Olhão – como se denota nas duas obras de Roberto Nobre – até à paisagem mais rural desta região, é concebida nesta parede uma pequena amostra de registos da variedade de paisagem da região algarvia. É de salientar o epíteto “vila cubista” que a cidade de Olhão obteve nesta altura. Embora não se saiba ao certo quem o iniciou, sabe-se que Dias Sancho utilizava-o em vários artigos publicados em periódicos da época. A frase escolhida para enquadrar este núcleo é a seguinte: «É certo que as maravilhas da cor, da luz, da forma, que todos os olhos bebem cheios de sede (...)» José Dias Sancho, 1924. O meio em que o artista se insere é um ponto indispensável para Dias Sancho, é o meio em que o artista vive que o molda e lhe permite retratar o que o envolve. Por palavras do artista: “A água dos ribeiros, polindo os seixos, leva-os consigo na corrente vigora tão inconscientemente como a rotina nos conforma nas suas fortes mãos. O meio trabalha assim o homem pacientemente, todas as noites e todos os dias.” (Sancho, 1924).

Este núcleo designa-se de “Paisagem Algarvia”, e enquadra as seguintes obras:

- 19º - Carlos Lyster Franco, sem título, 1939;
- 20º - Carlos Lyster Franco, sem título, sem datação exata;
- 21º - Raul Marques Carneiro, *Casa Algarvia*, 1926;
- 22º - Raul Marques Carneiro, *Poente Tardio, Doca de Faro*, sem datação exata;
- 23º - Bernardo Marques, *Algarve*, sem datação exata;
- 24º - Bernardo Marques, *Algarve*, sem datação exata;
- 25º - Roberto Nobre, *Trecho de Olhão*, 1932;
- 26º - Roberto Nobre, *Trecho de Olhão*, sem datação exata;
- 27º - Carlos Porfírio, sem título, sem datação exata;
- 28º - Carlos Porfírio, *Paisagem Algarvia*, sem datação exata;
- 29º - Eduardo Viana, *Aspecto de Olhão*, 1922;
- 30º - Eduardo Viana, *A pousada dos ciganos*, 1922-1923;
- 31º - Reprodução de Mário Eloy, Sem título (*O Mirante – Olhão*), 1924¹⁹;

¹⁹ Exposta na exposição de 1924, em Olhão.



Figura 12 - Maqueta 3D do segundo núcleo: "Paisagem Algarvia " (Joana Galvão, 2024).



Figura 13 - Maqueta 3D do segundo núcleo: "Paisagem Algarvia " (Joana Galvão, 2024).

Seguindo para o terceiro núcleo, este abriga obras de três artistas essenciais para a compreensão do modernismo português: António Soares, José de Almada Negreiros e Jorge Barradas. Estes artistas da primeira e segunda geração modernistas assinalam o segundo, e último, ponto cardeal desta exposição: o núcleo “Modernismo”.

No entanto, as obras deste núcleo foram escolhidas por duas razões distintas: os seus vínculos com revistas da época como *A Contemporânea*, *ABC: Revista Portuguesa e Ilustração Portuguesa* (a única exceção é a segunda obra de Almada Negreiros, selecionada pela dedicatória do artista a António Ferro (1895-1956); e pelas datas de execução, focando anos centrais que Dias Sancho passou na cidade de Lisboa inserido nos círculos de artistas modernistas.

Deste fazem parte as obras:

- 32º - António Soares, sem título, 1922;
- 33º - António Soares, sem título, 1921;
- 34º - Almada Negreiros, sem título, 1922;
- 35º - Almada Negreiros, sem título, 1928;
- 36º - Jorge Barradas, sem título, 1927;
- 37º - Jorge Barradas, sem título, 1927;



Figura 14 - Maqueta 3D do terceiro núcleo: "Modernismo" (Joana Galvão, 2024).

Sem interromper este vínculo com Lisboa, seguimos para um momento crucial no modernismo português, a Questão dos Novos. José Dias Sancho foi uma figura apoiante desta questão, estando presente no jantar oferecido pelos novos ao pintor João Vaz (1859-1931) no restaurante Leão a 14 de dezembro de 1921. Aqui estão expostas as duas páginas de caricaturas realizadas por Dias Sancho e pelo artista Tomás Júlio Leal da Câmara (1876 – 1948) de algumas figuras presentes neste jantar, e a carta escrita por Dias Sancho em prol da Questão dos Novos.

- 38º - *Ilustração Portuguesa*, «No banquete oferecido pelos novos a João Vaz, no Restaurant Leão», nº827, 1921-12-24, pp. 514–515;
- 39º - Reprodução *A Batalha*, José Dias Sancho: Carta dos novos;

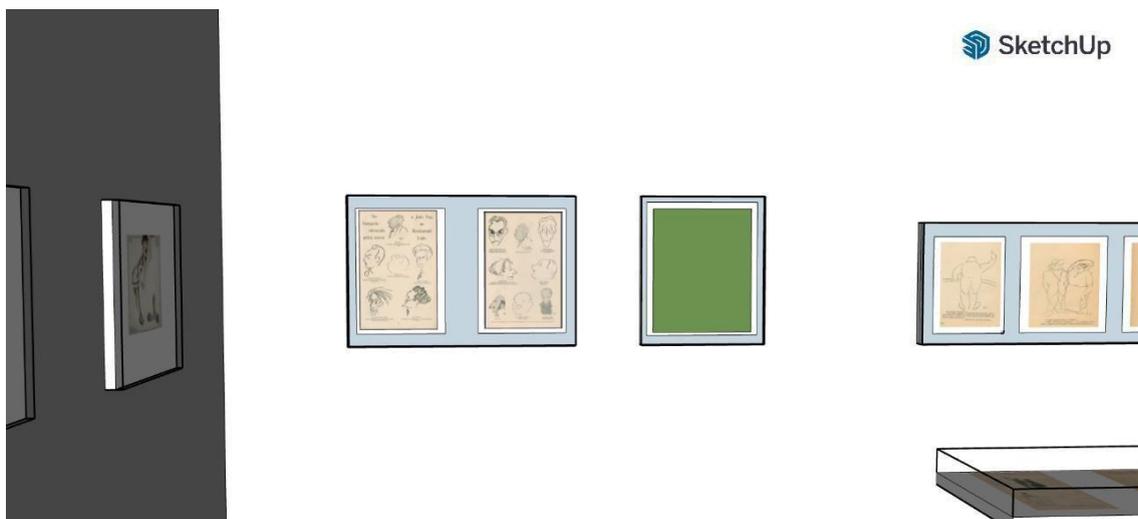


Figura 15 - Maqueta 3D do subnúcleo: “Questão dos Novos” do terceiro núcleo: “Modernismo” (Joana Galrão, 2024).

No quarto núcleo, é exposta mais uma faceta artística de Dias Sancho: “O *Cartoonista*”. Neste núcleo são apresentadas reproduções aumentadas e reproduções das páginas originais da revista *Ilustração Portuguesa*, nas quais, em diversos números, Dias Sancho apresentava pequenos desenhos (*cartoons*) humorísticos.

- 40º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº848, 1922-05-20, p. 472;
- 41º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº849, 1922-05-27, p. 496;
- 42º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº850, 1922-06-03, p. 520;
- 43º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº851, 1922-06-10, p. 554;
- 44º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº852, 1922-06-17, p. 568;
- 45º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº854, 1922-07-01, p. 8;

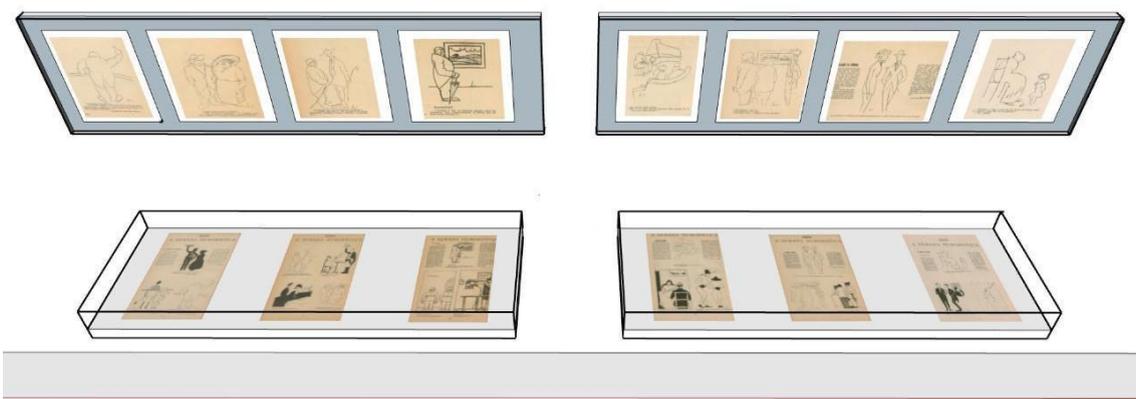


Figura 16 - Maqueta 3D do quarto núcleo: "O Cartoonista" (Joana Galvão, 2024).

Por último, apresentamos o quinto núcleo desta exposição, denominado “Entrevistas”. É constituído por diversas entrevistas nas quais José Dias Sancho era tanto o entrevistador como o entrevistado por diversas figuras da época. Nas vitrines verticais são apresentados excertos de diversas reproduções aumentadas de páginas de jornais, enquanto nas vitrines horizontais são expostas reproduções das páginas de jornais onde estas eram publicadas. Deste modo, a exposição fecha com Dias Sancho “em diálogo” com figuras pertinentes da época, um elogio à sua criação de pontes culturais entre Lisboa e o Algarve, e às suas relações e ações ativas na esfera cultural.

- 46º - Reprodução *Revista Portuguesa*, nº1, «A entrevista desta semana», «José Pacheco fala da exposição dos artistas "novos" em Madrid», 1923-03-10, pp. 5-7;
- 47º - Reprodução *Revista Portuguesa*, nº2, «A entrevista desta semana», «José de Almada Negreiros fala-nos das suas ideias e das suas intenções», 1923-03-17, pp. 10-14;
- 48º - Reprodução *Revista Portuguesa*, nº6, «A entrevista desta semana», «Carlos Porfírio, diz-nos que para a sua sensibilidade não há limites e que para vencer põe toda a sua alma na sua Arte», 1923-04-21, pp. 7-9;

- 49º - Reprodução *Correio do Sul*, nº118, «Os Algarvios», «Falando com José Dias Sancho, de como tem sido a sua vida literária, o que é o seu livro “Júlio Dantas”» 1922-05-28, p.1;
- 50º - Reprodução *Folha de Alte*, nº38, «O Algarve Intelectual», «José Dias Sancho, visto e entrevistado por Mateus Moreno», 1923-09-15, p.1;
- 51º - Reprodução *Correio do Sul*, nº 192, «Poetas Algarvios», «Ouvindo Cândido Guerreiro», 1923-05-27, p. 2;
- 52º - Reprodução *Revista Portuguesa*, «A entrevista desta semana», «A poetisa Judith Teixeira fala-nos da sua Arte e das suas intenções», 1923-03-24, pp. 16-18;
- 53º - Reprodução *Revista Portuguesa*, «A entrevista desta semana», «"A Arte encanta-me pelo ambiente que cria em volta de mim" — diz-nos o poeta Bernardo de Passos», 1923-05-26, pp. 11-14;

SketchUp



Figura 17 - Maqueta 3D do quinto núcleo: "Entrevistas" (Joana Galvão, 2024).

- Módulos de apoio

Os módulos de apoio fazem parte do pensamento da narrativa criada e do percurso intencionado para o espetador seguir: “são todos aqueles dispositivos que serão utilizados para dar destaque, apoiar, realçar, proteger e que auxiliam na exposição dos acervos”. (Bordinhão, Valente, & Simão, 2017). Inclusive, “devem ser concebidas de forma a proteger e conservar ao máximo os seus conteúdos, sem deixar de apresentar os seus preciosos conteúdos” (Hahn, 2002). Na evolução deste projeto curatorial houve a

necessidade de criar módulos documentais que suportassem as narrativas das exposições, criando mais formas de diálogo em duas das três exposições: no Museu Municipal de Faro e no Museu do Traje de São Brás de Alportel. Os módulos de apoio permitem a exposição de um maior número de obras documentais, sendo este o maior tipo de obras que Dias Sancho apresenta e, nos casos em que se aplica, expor os documentos originais a que temos acesso.

Para a exposição no Museu Municipal de Faro foram projetados seis módulos - duas paredes falsas, cada uma com duas vitrines verticais e duas vitrines horizontais, e quatro vitrines horizontais para serem colocadas perto da parede - enquanto que para a exposição no Museu do Traje de São Brás de Alportel foram concebidos quatro módulos – duas paredes falsas idênticas às previamente mencionadas e dois plintos.

- Descrição dos módulos documentais

Os dez módulos de apoio foram adaptados no espaço de exposição como se dele fizessem parte, concebidos com uma estrutura simplificada, com o propósito de albergarem as diversas naturezas de obras que irão ser expostas. Os módulos de apoio que dizem respeito às quatro paredes falsas medem igualmente 2,90m de altura, 1,60m de largura e 1,40m de profundidade; os módulos em forma de vitrines horizontais medem 0,15m de altura, 1,60m de largura e 0,55m de profundidade e os dois plintos mensuram 0,90m de altura e 0,50 de largura e profundidade (proposta de design de equipamento feita por Joana Galvão, 2024).

Relativamente aos primeiros quatro módulos de apoio (paredes falsas), estes foram pensados para serem utilizados de forma bilateral, utilizando as duas faces de maior dimensão para conter e dispor a informação, sem impedir o acesso dentro da sala de exposição, como é demonstrado nas figuras 8 e 9 – e igualmente na figura 36, localizada no subcapítulo 2.5 (Transformação proposta para a Sala de Exposições Temporárias). Cada um destes módulos contém duas vitrines horizontais com 0,15m de altura (onde 0,10m se referem à proteção de vidro), 1,60m de largura e 0,60m de profundidade, e duas vitrines verticais com 0,60m de altura, 1,05m de largura e 0,15m de profundidade. Estão projetadas para serem montadas em contraplacado, e as vitrines em vidro pelas maiores vantagens em comparação com o acrílico. De acordo com Hahn (2002), o vidro é

mais barato, não atrai tanto pó como o acrílico, devido à eletricidade estática, não racha facilmente e não envelhece rapidamente que, por conseguinte, não precisa de ser substituído com tanta frequência.

As vitrines horizontais são posicionadas a 0,80m a partir do chão e, como mencionado anteriormente, possuem uma profundidade de 0,15m, onde 0,10m se referem à proteção de vidro. Em relação às vitrines verticais, situam-se a 1,40m a partir do chão e estão rigorosamente centradas. Igualmente possuem uma proteção de vidro com 0,03m de profundidade dos 0,05 totais, sustentada por um sistema de encaixes.

Embora já apresentados previamente nas figuras 16 e 17, dos núcleos 4 e 5, os restantes módulos de apoio desta exposição são constituídos por quatro vitrines horizontais. Estas seguem a mesma lógica em termos de materiais e de posicionamento em relação às vitrines horizontais dos módulos anteriormente referidos. Possuem 0,15m de altura (0,10m desenhados para serem uma proteção de vidro), 1,60m de largura, 0,55m de profundidade, e encontram-se a 0,80m a partir do chão. Estes módulos abrigam alguns documentos originais e reproduções de revistas e jornais. Os remanescentes quatro módulos de apoio serão utilizados e apresentados na proposta de exposição para São Brás de Alportel no subcapítulo 2.5.

Por motivos da extensão desta dissertação, a respetiva listagem de obras expostas nos módulos de apoio documentais, referentes às quatro paredes falsas e as suas imagens, encontra-se no capítulo Apêndice I, localizado no fim desta dissertação. De igual forma, todas as obras e documentos mencionados ao longo desta dissertação estão discriminados e podem ser consultados no capítulo Anexos I.

2.4 Projeto curatorial - Exposição temporária “José Dias Sancho - Caricaturista, Humorista e Polemista”, no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa

- Narrativa expositiva

Santos da casa não fazem milagres. Os milagres vêm [sic] de Lisboa por Encomenda.

(Sancho, 1920)

Depois do término da exposição no Museu Municipal de Faro, irá inaugurar o segundo momento deste projeto: “José Dias Sancho - Caricaturista, Humorista e Polemista”, na sala Paródia do Museu Bordalo Pinheiro em Lisboa.

Nesta exposição é assumido um conceito de força modernista proveniente do Algarve em Lisboa, estabelecido a partir da presença, ação ativa e a determinação por parte de Dias Sancho de fazer parte desta nova geração que emergia e ganhava força na época. Focando a narrativa expositiva em recordar e dar notoriedade à faceta caricaturista - assinalando a importância que Dias Sancho teve e foi esquecida na história da caricatura modernista portuguesa -, aos eventos interligados com a Questão dos Novos, juntamente com outros algarvios, e igualmente à sua faceta de humorista e polemista, que vai do texto à imagem, registada especialmente nas suas obras literárias: “Ídolos de Barro I – Albino Forjaz de Sampaio: sua autopsia e enterro”, “Ídolos de Barro II – Júlio Dantas”, “Ceia dos Cábulas” e em diversas crónicas críticas e irónicas direcionadas a Dantas.

José Dias Sancho ficou inserido nos diversos círculos artísticos modernistas durante as suas estadias na cidade de Lisboa. Apoiou e perpetuou as ideias proferidas pelos modernistas, contudo, grande parte da sua obra ficou esquecida no tempo, não se lhe tendo dado a devida importância. Nesta exposição, a sua propagação modernista ganha total destaque e expõe a evidente importância que Dias Sancho teve na história da arte modernista.

- Construção do espaço expositivo – Sala Paródia

Localizado na zona do Campo Grande, na cidade de Lisboa, a construção do Museu Bordalo Pinheiro foi solicitada no ano de 1913 pelo poeta, crítico e colecionador Arthur Ernesto Santa Cruz Magalhães (1864–1928) ao arquiteto Álvaro Augusto Machado (1874–1944). Colecionador e admirador incondicional da obra de Bordalo Pinheiro, Cruz Magalhães fundou o museu em homenagem ao artista, tendo sido seu diretor até ao seu falecimento em 1928. Abre oficialmente portas pela primeira vez a 6 de agosto de 1916, contudo, só era possível visitar o primeiro andar e, apenas em 1922, depois de algumas remodelações, foram abertas mais salas expositivas.

Posteriormente, em 1924, Cruz Magalhães doou o edifício e o seu respetivo espólio à Câmara Municipal de Lisboa. Após obras de qualificação, o museu reabre portas em 1926, ampliado ao rés-do-chão e com um maior acervo, detendo obras de Rafael Bordalo Pinheiro e do seu filho Manuel Gustavo (1867-1920), como também uma notável coleção de cerâmica e uma biblioteca especializada. Nesta reabertura, Cruz Magalhães deixou explícito que desejava que a sua sobrinha por afinidade, Julieta Ferrão (1899-1974) exercesse a posição de Diretora da instituição, tornando-a na primeira mulher a dirigir um museu em Portugal.

Atualmente, o museu alberga um espaço de divulgação, preservação e estudo da obra de Rafael Bordalo Pinheiro. É um espaço que, como é referido no *site* do museu, “reúne uma Biblioteca e uma Coleção notáveis em torno da obra artística de Rafael Bordalo Pinheiro e do seu filho, Manuel Gustavo (...)”²⁰. No centenário do museu (2016), a tutela do Museu Bordalo Pinheiro passou da Câmara Municipal de Lisboa para a EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural – o que resultou na abertura de uma sala para exposições temporárias: a Sala Paródia.

²⁰ *Site* Museu Bordalo Pinheiro – texto sem autor designado – “História: Coleções” - <https://museubordalopinheiro.pt/museu/historia/> (consultado a 28 de novembro de 2023)



Figura 18 - Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa, imagem retirada do *site* do Museu.

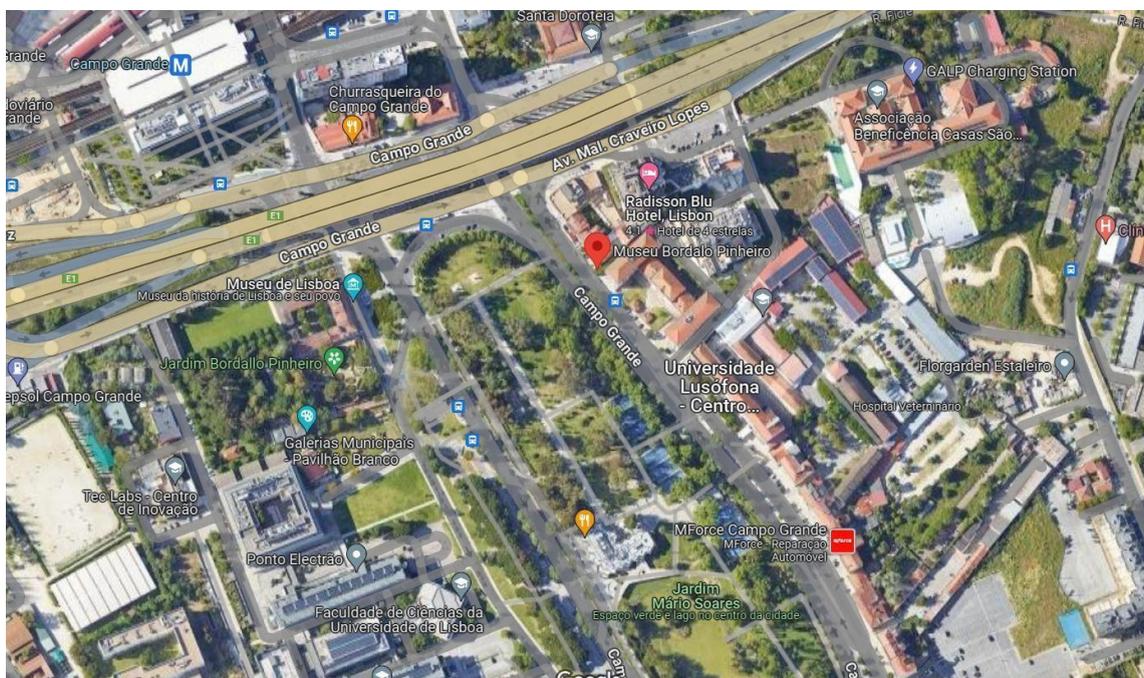


Figura 19 - Localização do Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa (planta retirada do Google Maps).

A Sala Paródia é a sala onde se propõe este segundo momento expositivo. É a sala de menores dimensões em comparação com as restantes duas salas deste projeto, com aproximadamente 6,91 metros de comprimento, 5,98 metros de largura e um pé direito de 3,18 metros. É composta por paredes de cor cinzenta e um pavimento em mosaico quadriculado com cores que alternam entre o preto e o branco. Em relação à iluminação - identicamente à Sala 33 do Museu Municipal de Faro - dispõe de duas calhas com focos de luz que podem ser direcionados de acordo com as necessidades expositivas. Possui seis módulos de apoio (vitrines horizontais) e três painéis fixos cinzentos que cobrem janelas. Inclusive, dispõe de uma viga no centro do teto que suporta um painel com cerca de 2,30 metros de altura e 1,50 metros de largura, o qual pode ser colocado de diversas formas consoante a intenção expositiva. Para a nossa exposição foi decidido colocá-lo paralelamente à entrada da sala, como se pode verificar na figura 28, apresentando o texto introdutório à exposição.

A única transformação proposta para esta sala é a pintura dos painéis e módulos de apoio de branco, de forma a ganharem destaque visual em contraste com a tonalidade cinzenta das paredes.

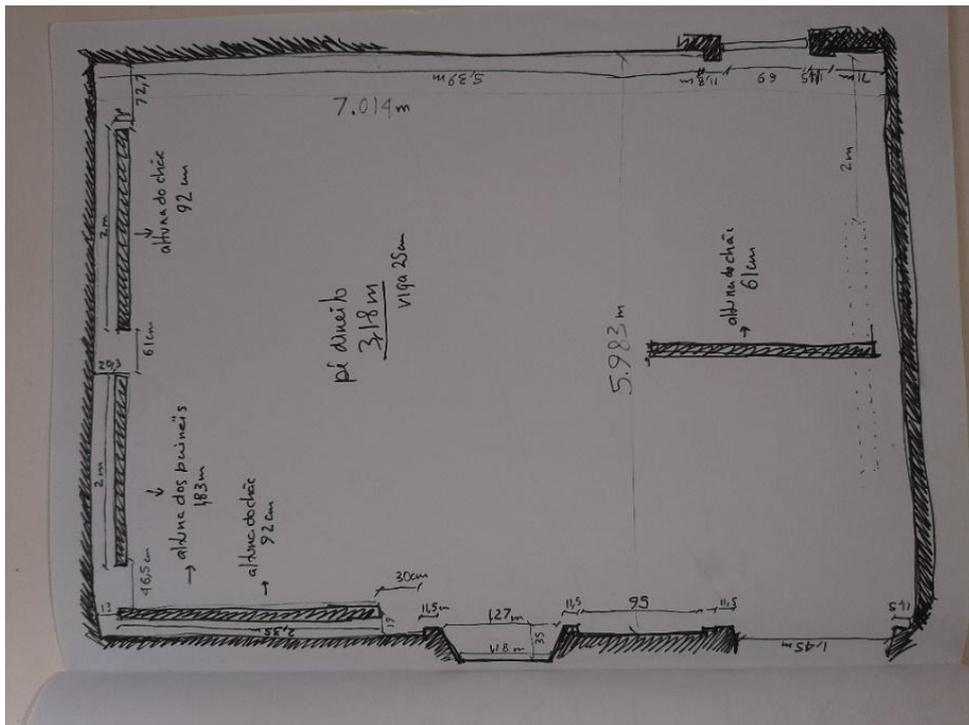


Figura 20 - Planta da sala Paródia (desenho fornecido pelo Museu Bordalo Pinheiro).

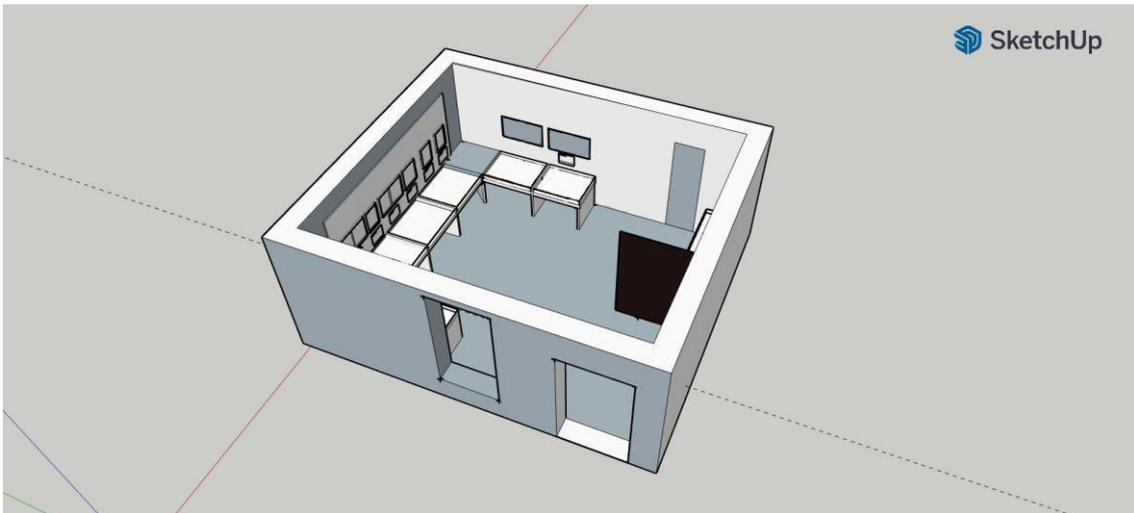


Figura 21 -Planta da sala Paródia do Museu Bordalo Pinheiro; desenho em três dimensões, executado no programa *SketchUp* a partir do desenho da planta representada na figura 20.



Figura 22 - Fotografia Sala Paródia da exposição "Ora, Faço Gravuras....," de Luís Afonso, patente na Sala Paródia - vista frontal a partir da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023).

- Organização espacial das obras

O espaço expositivo está organizado por núcleos temáticos de conversação em torno da figura de grande força modernista proveniente do Algarve em Lisboa, José Dias Sancho. Atendendo à relação de Dias Sancho com Lisboa, e às características do museu, esta exposição foi conceptualizada mediante as diferentes ações que o artista realizou, gerando, desta forma, quatro núcleos: “O caricaturista”; “O Polemista”; “Cinematógrafo e o Teatro Musicado” e, por fim, “O Humorista”, como é possível verificar a vermelho na figura 23, do nº2 ao nº5. Estes núcleos apresentam diferentes facetas do trabalho de Dias Sancho, marcando um ritmo à exposição onde o espetador tem a possibilidade de observar uma pluralidade de obras.

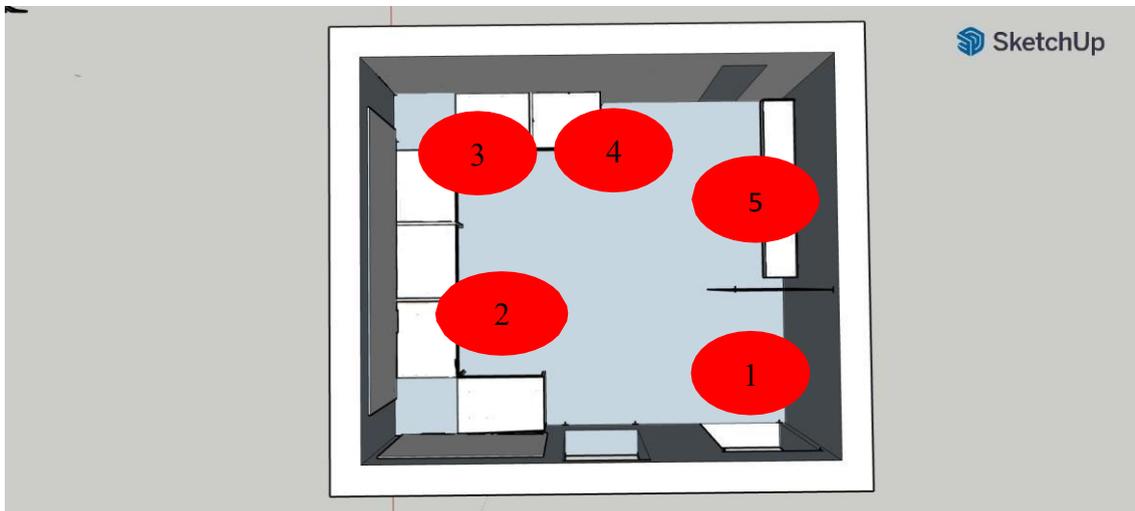


Figura 23 - Planta da exposição na sala Paródia: 1. Entrada com textos de parede introdutórios à exposição; 2. Tema "O caricaturista"; 3. Tema "O Polemista"; 4. Tema " Cinematógrafo e o Teatro Musicado"; 5. Tema "O Humorista".

Em primeiro lugar, utilizámos o painel que esta sala dispõe para albergar o texto de parede para introduzir o espetador a esta exposição, colocando-o paralelamente à entrada. Na parede perpendicular dispusemos o título da exposição: “José Dias Sancho - Caricaturista, Humorista e Polemista” e uma fotografia ampliada do artista.

Referente ao primeiro núcleo, este apresenta as diversas caricaturas de figuras da época com quem Dias Sancho se afiliou durante a vida, desde escritores, artistas plásticos, familiares do artista, figuras políticas e jornalistas. Este núcleo está dividido em cinco subnúcleos consoante as figuras representadas nas caricaturas, estes denominados: “O artista - José Dias Sancho”, “Familiares”, “Artistas”, “Jornalistas” e “Figuras Políticas”. Nas vitrines verticais são apresentadas reproduções ampliadas das caricaturas²¹, enquanto nas vitrines horizontais (mesas) são expostas as folhas originais e algumas reproduções dos jornais e periódicos onde essas mesmas caricaturas foram publicadas, outras reproduções ampliadas de caricaturas de figuras pertencentes aos subnúcleos onde estão inseridas e, alguns documentos relevantes para os respetivos subnúcleos.

O primeiro subnúcleo, “O artista - José Dias Sancho”, exhibe uma caricatura autorretrato de Dias Sancho. Esta obra funciona em paralelo com a fotografia do artista colocada na entrada da exposição e, desta forma, insere diretamente o artista no interior do primeiro núcleo desta exposição.

1º vitrine vertical:

- 2. 1º - José Dias Sancho, autocaricatura (reprodução aumentada), 1922-05/06;

²¹ Como já foi referido, não é conhecido o paradeiro da maioria dos originais dos trabalhos de caricatura, por este motivo foi escolhido apenas apresentar reproduções ampliadas das obras.

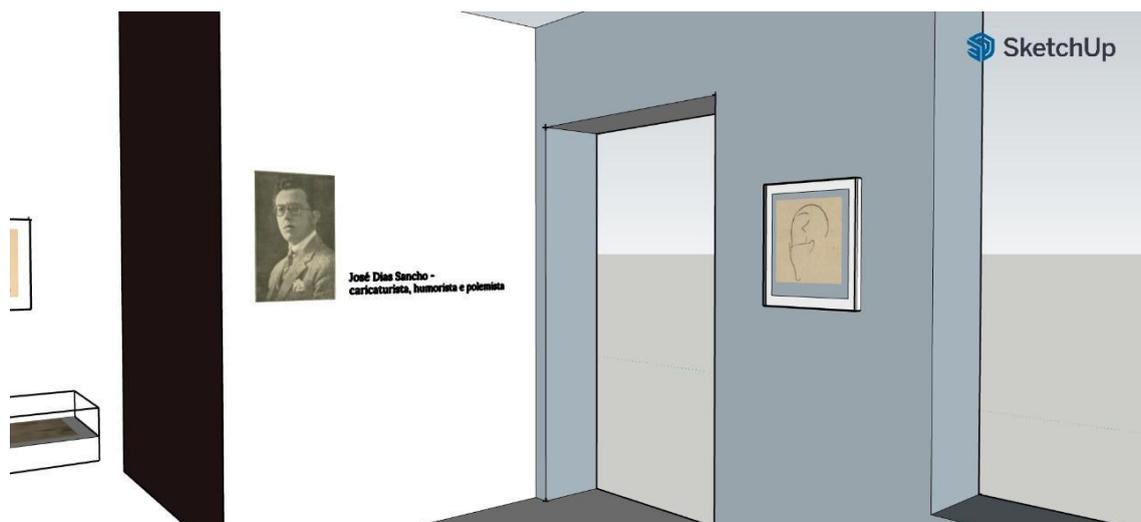


Figura 24 - Maqueta 3D da parede de entrada e do primeiro núcleo, primeiro subnúcleo: "O artista - José Dias Sancho" (Joana Galvão, 2024).

O segundo subnúcleo é focado em três familiares do artista: Bernardo de Passos, Roberto Nobre e Boaventura de Passos. Entre estas três figuras, artistas marcantes na sua própria essência, destaca-se Roberto Nobre. Igualmente como Dias Sancho, Nobre partiu para Lisboa, colaborou em diversas revistas e periódicos, e ficou inserido nos círculos modernistas existentes na época. A partir deste subnúcleo, todas estas obras de caricatura, apresentadas nas vitrines verticais, serão acompanhadas de pequenos textos introdutórios às figuras representadas, discriminados no capítulo Apêndice II, localizado no final desta dissertação. Desta forma enquadrando-as no seu contexto histórico e introduzindo-as ao espetador.

Designa-se ao segundo subnúcleo "Familiares" e nele enquadram-se as seguintes caricaturas e documentos:

2º vitrine vertical:

- 2. 2º – José Dias Sancho, caricatura de Bernardo de Passos (reprodução aumentada), 1925;
- 2. 3º - José Dias Sancho, caricatura de Roberto Nobre (reprodução aumentada), 1921;
- 2. 4º - José Dias Sancho, caricatura de Boaventura de Passos (reprodução aumentada), 1925;

1º vitrine horizontal:

- 2. 5º - Reprodução *Correio do Sul*, nº1579, 1948-02-05, p.1;
- 2. 6º - Reprodução *Revista do Algarve*, nº3, dezembro de 1925;
- 2. 7º - Reprodução *Correio Olhanense*, nº9, 1922-01-26, p.1;



Figura 25 - Maquete 3D do primeiro núcleo, segundo subnúcleo: “Familiares” (Joana Galvão, 2024).

Relativamente ao terceiro subnúcleo, este destaca os diferentes artistas da época com quem Dias Sancho manteve relação e a sua fundamental participação ativa na Questão dos Novos. Dias Sancho esteve inserido nos círculos de artistas modernistas - tanto no Algarve como em Lisboa - e participou ativamente na Questão dos Novos contra as orientações da Sociedade Nacional de Belas-Artes, momento de relevo que incorpora uma grande força modernista oriunda do Algarve. Salienta-se a sua presença no banquete oferecido pelos Novos ao pintor João Vaz no restaurante Leão em dezembro de 1921, sublinhando os nomes caricaturados, sobretudo António Ferro, José Pacheco, Almada Negreiros e Carlos Porfírio. E igualmente a sua presença no comício dos novos no Chiado Terrasse, momento central da questão dos novos contra as orientações da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Deste subnúcleo fazem parte as seguintes obras:

3º Vitrine vertical:

- 2. 8º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Porfírio (reprodução aumentada), 1921;
- 2. 9º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Porfírio (reprodução aumentada), 1921;

- 2. 10º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Lyster Franco (reprodução aumentada), 1927;

2º vitrine horizontal:

- 2. 11º - *Ilustração Portuguesa*, nº827, 1921-12-24, pp. 514-515;
- 2. 12 - *Ilustração Portuguesa*, nº836, 1922 -02 - 25, pp. 185-186;
- 2. 13º - Reprodução *A Batalha*, José Dias Sancho: Carta dos novos;
- 2. 14º - José Dias Sancho, caricatura de Bernardo Marques (reprodução aumentada), 1920;
- 2. 15º - José Dias Sancho, caricatura de João da Silva (reprodução aumentada), 1921;
- 2. 16º - José Dias Sancho, caricatura de José Pacheco (reprodução aumentada), 1921;

O quarto subnúcleo destaca as figuras relacionadas com jornais e ou periódicos da época, ponto de relevo pela grande ligação que Dias Sancho deteve neste campo. Já referido anteriormente, durante vida, para além de cofundador do jornal algarvio *Correio do Sul* - exercendo o papel de secretário da redação desde a sua fundação até 29 de maio de 1927 – Dias Sancho foi ativo colaborador de diversos jornais e periódicos algarvios desde a sua adolescência e, posteriormente, lisboetas.

4º vitrine vertical:

- 2. 17º - José Dias Sancho, caricatura de Julião Quintinha (reprodução aumentada), 1922;
- 2. 18º - José Dias Sancho, caricatura de Julião Quintinha (reprodução aumentada), 1922;
- 2. 19º - José Dias Sancho, caricatura de Victor Falcão (reprodução aumentada), 1921;

3º vitrine horizontal:

- 2. 20º - Reprodução *Diário de Lisboa*, nº586, 1923-03-06, p. 3;
- 2. 21º - Reprodução *Correio do Sul*, nº1, 1920-02-01, p.1;

- 2. 22º - Reprodução *Alma Nova*, 3.ª série, 2, 1922-05/06, p. 40;
- 2. 23º - José Dias Sancho, caricatura de Avelino de Almeida Pereira (reprodução aumentada), 1923;
- 2. 24º - José Dias Sancho, caricatura de Carlos Malheiro Dias (reprodução aumentada), 1923;
- 2. 25º - José Dias Sancho, caricatura de Mateus Moreno (reprodução aumentada), 1923;
- 2. 26º - José Dias Sancho, caricatura de António de Monsanto (reprodução aumentada), 1921;

Por fim, o quinto, e último, subnúcleo foca-se nas crónicas de S. Bento, redigidas por Dias Sancho e em figuras políticas da época. Evidencia o gosto pela ironia e crítica satírica do artista e, simultaneamente, concebem um paralelo com o seguinte núcleo de obras.

5º vitrine vertical:

- 2. 27º - José Dias Sancho, caricatura de Álvaro de Castro (reprodução aumentada), 1922;
- 2. 28º - José Dias Sancho, caricatura de Bernardino Machado (reprodução aumentada), 1922;

4º vitrine horizontal:

- 2. 29º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «A Semana de S. Bento», nº 837, 1922-03-04, pp. 202-203;
- 2. 30º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Crónica de S. Bento», nº 839, 1922-03-18, p. 244;
- 2. 31º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Crónica de S. Bento», nº 840, 1922-03-25, p. 272;
- 2. 32º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Crónica de S. Bento», nº 838, 1922-03-11, p. 224;
- 2. 33º - José Dias Sancho, caricatura de António Xavier Correia Barreto (reprodução aumentada), 1922;

- 2. 34º- José Dias Sancho, caricatura de Pedro do Vale Sá Pereira (reprodução aumentada), 1922;
- 2. 35º- José Dias Sancho, caricatura de Bartolomeu Severino (reprodução aumentada), 1922;



Figura 26 - Maqueta 3D do primeiro núcleo; terceiro, quarto e quinto subnúcleo: “Artistas”, “Jornalistas” e “Figuras Políticas” (Joana Galvão, 2024).

Seguindo para o segundo núcleo, este aborda as obras de carácter polemista de Dias Sancho, mais especificamente os seus dois livros: “Ídolos de Barro I – Albino Forjaz de S. Paio: sua autópsia e enterro” e “Ídolos de Barro II – Júlio Dantas” publicados em 1920 e em 1922, respetivamente. Estas obras críticas entram em diálogo frontal com as obras “Palavras Cínicas” de Albino Forjaz de Sampaio, publicada em 1916, e “A Ceia dos Cardiais”, de Júlio Dantas, lançada em 1902. Inclusive, é novamente apresentada a obra polemista fulcral de Almada Negreiros: “O Manifesto Anti-Dantas” de 1915. Estas obras literárias são acompanhadas por duas caricaturas realizadas por Dias Sancho de Almada Negreiros e Dantas, e por três páginas de jornais algarvios. Na página posicionada mais à direita, denota-se o segmento “Secção Literária” no qual é apresentado um fragmento da obra de Dias Sancho “A Ceia dos Cábulas”, de 1914, que - embora exposta no seguinte núcleo desta exposição pois trata-se de uma obra de teatro – evidencia o gosto e o intuito de criticar satiricamente a obra “A Ceia dos Cardiais”, de Júlio Dantas.

Vitrine vertical:

- 2. 36º- José Dias Sancho, caricatura de Júlio Dantas (reprodução aumentada), 1923;
- 2. 37º- José Dias Sancho, caricatura de José de Almada Negreiros (reprodução aumentada), 1921;

Vitrine Horizontal:

- 2. 38º- José Dias Sancho, *Ídolos de Barro I – Albino Forjaz de S. Paio: sua autópsia e enterro* e reprodução de páginas (por escolher), 1920;
- 2. 39º- José Dias Sancho, *Ídolos de Barro II – Júlio Dantas* e reprodução de páginas (por escolher), 1922;
- 2. 40º - Albino Forjaz de Sampaio, *Palavras Cínicas*, 1916;
- 2. 41º - José de Almada Negreiros, *Manifesto Anti-Dantas*, 1915;
- 2. 42º - Júlio Dantas, *A Ceia dos Cardeais*, 1902;
- 2. 43º - Reprodução *Correio do Sul*, “Júlio Dantas. O lindíssimo”, nº 111, 1922–05–14, p.2;
- 2. 44º - Reprodução *Correio do Sul*, “D. Beltrão de Figueirôa”, nº58, 1921-04-03, p.2;
- 2. 45º - Reprodução *O Algarve*, “A Ceia dos Cábulas. Fragmento”, nº 313, 1914–03–22, p.2;



Figura 27 - Maqueta 3D do segundo núcleo: "O Polemista" (Joana Galvão, 2024).

Avançando para o terceiro núcleo desta exposição, este aborda o teatro musicado e a ligação à música por parte de Dias Sancho. Em relação ao teatro musicado, este refere-se à obra previamente mencionada: “Ceia dos Cábulas”, escrita para uma festa do Liceu quando o artista tinha apenas dezasseis anos. Trata-se de uma paródia à obra de teatro de Júlio Dantas “Ceia dos Cardiais”, publicada em 1902, a qual narra uma ceia luxuosa entre três cardiais - um português, um francês e um espanhol - numa sala setecentista do Vaticano, enquanto recordam os seus amores de mocidade. Por sua vez, Dias Sancho narra uma ceia entre três cábulas²² - Raul, Carlos e Daniel – num clássico quarto de estudante com roupa desarrumada colocada por cima de uma cama sem colcha e uma estante desordenada. Estas três personagens, ao contrário dos da obra de Dantas, recordam as vezes que reprovaram de ano no Liceu. Igualmente, criamos um paralelo com a empresa de cinema criada por Dias Sancho: Film Sancho Limitada. Embora efémera – apenas perdurou entre 1919 e 1920 - sabe-se que em fevereiro e maio de 1920 foi apresentado o Filme Panorâmico n.º 1 em Faro, e que Carlos Porfírio chegaria a participar como ator em alguns filmes. No entanto, nenhum fotograma chegou aos dias de hoje, por essa razão apresentamos apenas dois cartazes de cinetatro de Silva Nobre²³ (1878-1968) e José Dias Sancho.

Relativamente à música, é apresentada uma página da revista *Alma Nova* na qual foi publicada uma música composta em colaboração com o músico Ivo Cruz (1901 – 1985) denominada de “Baladinha”. Inclusive são expostas duas caricaturas originais dos compositores Felix Mendelssohn Bartholdy e Josef Strauss, descobertas pelo investigador Luís Lyster Franco.

Na vitrine vertical, enquadram-se as seguintes caricaturas:

- 2. 46º - José Dias Sancho, caricatura de Roberto Nobre (reprodução aumentada), 1920;
- 2. 47º - José Dias Sancho, caricatura de João da Silva Nobre (reprodução aumentada), 1920;

²² Estudante que não é aplicado ou é pouco assíduo às aulas.

²³ Médico, democrata e pai de Roberto Nobre.

Por último, finalizamos este momento expositivo em Lisboa, concedendo destaque à faceta humorística de Dias Sancho, deste modo gerando um paralelo entre o artista e a indiscutível figura dotada de um grande sentido de humor: Rafael Bordalo Pinheiro. Reunidas no núcleo "O Humorista", são apresentadas oito obras de natureza *cartoonista* publicadas em seis números da revista "Ilustração Portuguesa" entre o mês de maio e junho de 1922.

- 2. 56º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº848, 1922-05-20, p. 472;
- 2. 57º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº849, 1922-05-27, p. 496;
- 2. 58º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº850, 1922-06-03, p. 520;
- 2. 59º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº851, 1922-06-10, p. 554;
- 2. 60º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº852, 1922-06-17, p. 568;
- 2. 61º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº852, 1922-06-17, p. 568;
- 2. 62º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, nº854, 1922-07-01, p. 8;



Figura 29 - Maqueta 3D do quarto núcleo: "O Humorista" (Joana Galvão, 2024).

2.5 Projeto curatorial - Exposição temporária “José Dias Sancho - Regresso à Terra”, no Museu do Traje de São Brás de Alportel

- Narrativa expositiva

É esta a modelação a que procedem no espírito dos artistas a sociedade e a paisagem, o convívio e o panorama.

(Sancho, 1925)

Por fim, o último momento expositivo deste projeto instala-se na Sala de Exposições Temporárias no Museu do Traje de São Brás de Alportel com a exposição intitulada “José Dias Sancho - Regresso à Terra”.

O conceito desta exposição assume-se como um diálogo cultural e artístico de carácter intimista visto que todos os artistas apresentados detinham fortes ligações entre si e com o local onde esta exposição se insere. Numa perspetiva curatorial, este momento entende-se como um reencontro de artistas nesta localidade, um momento em que os artistas têm a possibilidade de se reencontrarem neste lugar tão familiar a todos eles, lugar que chamaram de casa durante vários anos. Idealizando uma chance de reviverem momentos íntimos por meio das suas obras, várias delas criadas em colaboração entre os artistas ou até mesmo obras em que se representam uns aos outros²⁴. Tal como a primeira exposição deste projeto, esta organiza-se espacialmente com dois pontos cardeais: a ligação entre Dias Sancho e o Algarve (com um maior foco na sua terra natal, São Brás de Alportel), o ponto de partida das suas atividades artísticas que sempre o marcou e o inspirou, a reunião de um pequeno núcleo de artistas que nasceram e viveram em São Brás de Alportel, revelando o modo como esta localidade os influenciou e como os artistas a recordam e descrevem. O conceito, tal como refere o título, é um regresso a casa. Foi construída uma narrativa em torno das obras e documentos que foram sendo encontrados durante a pesquisa previamente realizada, centralizada conceptualmente entre São Brás de Alportel e José Dias Sancho.

²⁴ Como é a o caso das esculturas de Rosalina de Passos.

- Construção do espaço expositivo – Sala de Exposições Temporárias

Esta viagem de exposições tem o seu desfecho no Museu do Traje de São Brás de Alportel, um antigo edifício residencial e mandado construir pelo empresário corticeiro Miguel Andrade, no século XIX, que, curiosamente, se encontra na Rua Dr. José Dias Sancho.

No início do século XX, São Brás de Alportel tornou-se um importante centro económico de cortiça, o que permitiu a sua independência do município de Faro e resultou na elevação de São Brás de Alportel a município no ano de 1914. Esta nova autonomia administrativa resultou num ambiente cultural rico, no entanto, o Museu do Traje foi oficialmente fundado apenas em 1986. Para além das permanentes exposições de trajes e diversos objetos de costumes tradicionais algarvios, o museu acolhe exposições temporárias, espetáculos e palestras. Como é referido no *site* do museu: “preocupamos-nos sobretudo em tornar o nosso museu cada vez mais útil e indispensável à comunidade onde estamos inseridos”²⁵.

Atualmente, o Museu do Traje dispõe do edifício original de residência e de outros dois edifícios construídos mais recentemente, ocupando uma área total de 5000 m². Estes dois novos edifícios abrigam um enorme leque de objetos e obras de arte, compondo um espólio de mais de quinze mil peças, desde vestimentas usadas na região algarvia em diversas épocas, pranchas e utensílios ligados à produção de cortiça, diversos acessórios das antigas cavaliças que existiam no edifício, entre muitos outros.

“Este espaço museológico constitui um ponto de passagem obrigatória para o conhecimento da história e etnografia da região algarvia.”²⁶

²⁵ *Site* do Museu do Traje de São Brás – texto sem autor designado – “Museu do Traje” - <https://www.museu-sbras.com/> (consultado a 30 de novembro de 2023)

²⁶ *Site* visite São Brás Alportel - texto sem autor designado – “Museu do Traje” - <https://www.visitsaobrasalportel.pt/pt/6941/Museu-do-Traje.aspx> (consultado a 2 de abril 2024).



Figura 30 - Museu do Traje de São Brás de Alportel, imagem retirada do site do Museu

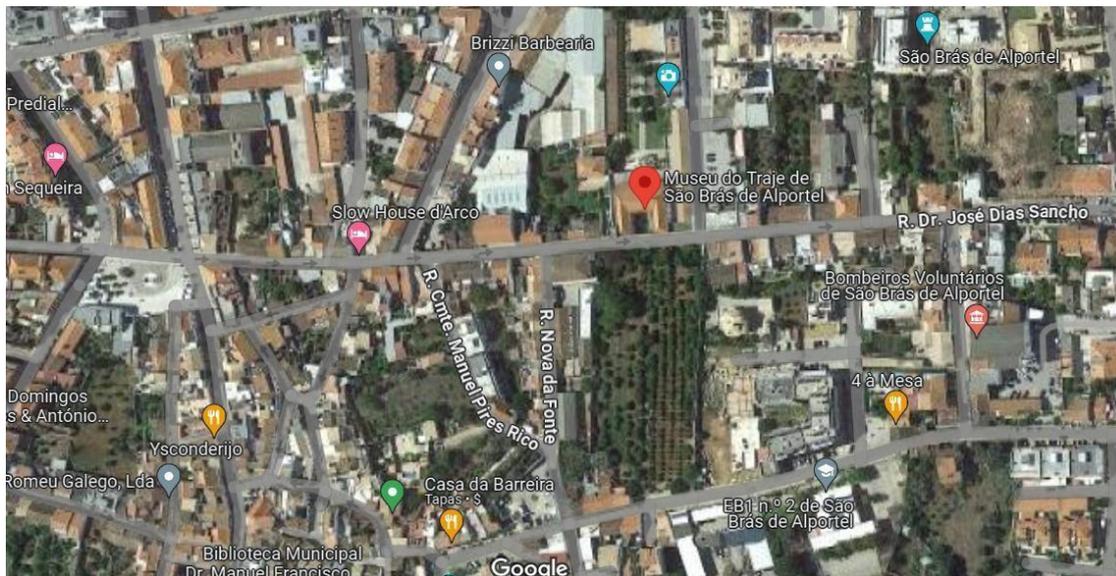


Figura 31 - Localização do Museu do Traje de São Brás de Alportel, São Brás de Alportel (planta retirada do Google Maps)

O local escolhido para esta exposição é a Sala de Exposições Temporárias, localizada no edifício original do museu. Esta sala encontra-se perto da entrada principal e tem cerca de 8 metros de comprimento, 4,45 metros de largura e 4,80 metros de altura. É uma sala com três portas e duas janelas direcionadas para a parte exterior do museu, obtendo assim boa iluminação natural.

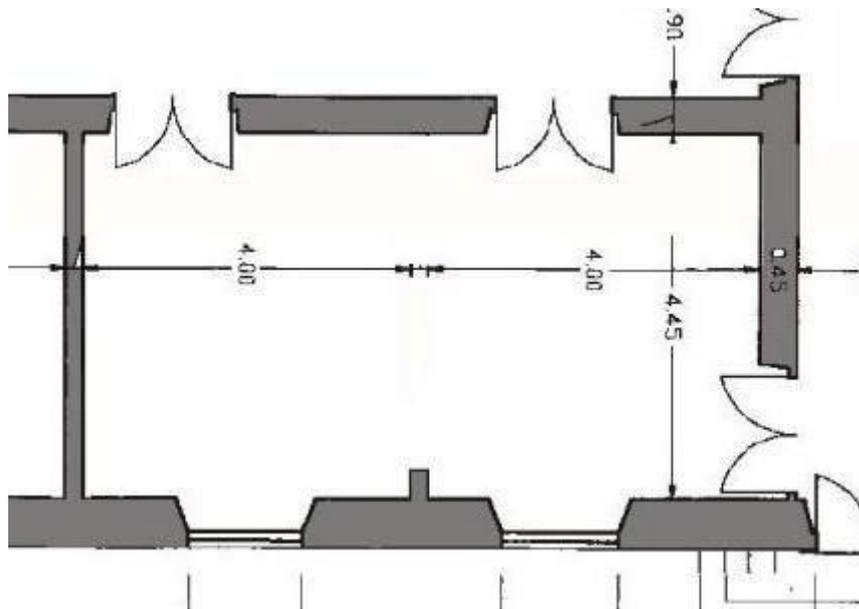


Figura 32 - Planta da sala de exposições temporárias (desenho fornecido pelo Museu do Traje).

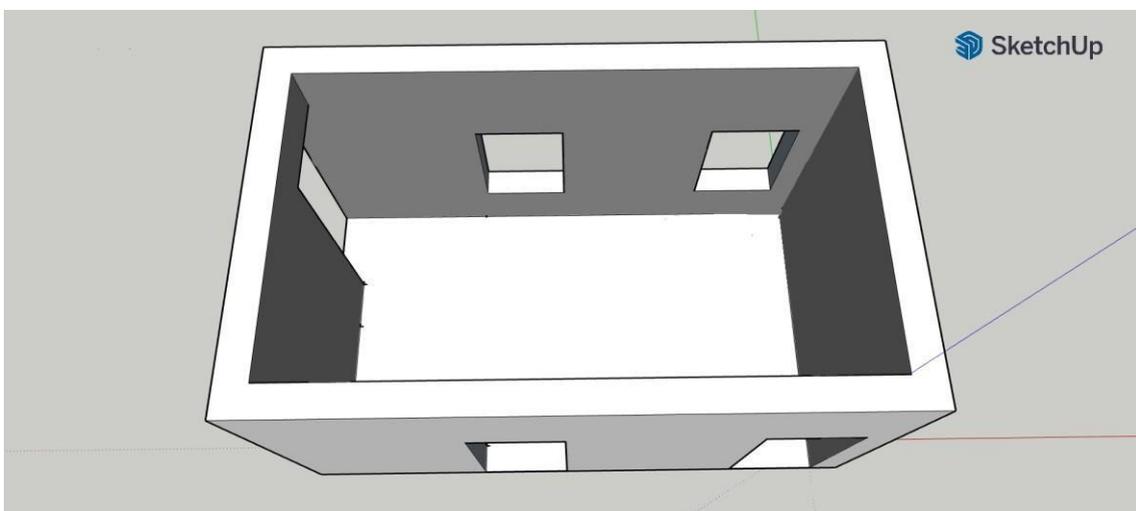


Figura 33 - Planta original - Sala de exposições temporárias do Museu do Traje; desenho em três dimensões, executado no programa *SketchUp* a partir do desenho da planta representada na figura 32, fornecido pelo museu.

- Transformação proposta para a sala

A Sala de Exposições Temporárias do Museu do Traje de São Brás de Alportel é originalmente constituída por paredes brancas, pavimento de madeira e rodapé, portas, teto, molduras e portadas das janelas de cor amarelada. Possui focos de luz nos quatro cantos da sala compostos por uma estaca vertical com três pontos de luz, como se verifica nas figuras 34 e 35. A sala tem três portas - duas na mesma parede e outra na parede perpendicular - e duas janelas de grandes dimensões que concedem boa iluminação natural à sala durante o período do dia.

Para esta exposição é proposto uma elaboração visual intimista, sendo assim determinada a pintura dos detalhes amarelos originais de uma cor acinzentada escura (basalto) e de parte das paredes de uma cor neutra acinzentada (aplito), deixando nas paredes pequenos retângulos – com cerca de 1 metro e 50 centímetros de altura - da cor branca original, local onde as obras selecionadas serão expostas. Deste modo, criam-se pequenos focos expositivos, pequenas janelas abertas onde os artistas dialogam. O objetivo é concretizar um momento de reencontro, abrangendo as obras plásticas e o próprio espaço físico - tanto o Museu do Traje como São Brás de Alportel em si - de modo a inserir o observador nesta troca de ideias e de cultura. A utilização propositada destas cores neutras - o branco e o cinzento – pretende manifestar sentimentos melancólicos e nostálgicos, escolhidas para exteriorizar um momento de recordação que nesta exposição é vivido.

É proposta a utilização de quatro módulos de apoio, duas paredes falsas com vitrines - similarmente à exposição no Museu Municipal de Faro²⁷ - e dois plintos, como se pode verificar na figura 36. Estes serão usados para abrigar as obras de menores dimensões, alguns documentos selecionados e duas obras escultóricas.

Outra transformação necessária é referente à iluminação. Devido à fraca iluminação artificial desta sala, é proposta a construção e instalação de uma calha no teto da sala que dê a possibilidade de colocar focos de luz, similar às calhas das salas expositivas do Museu Municipal de Faro e do Museu Bordalo Pinheiro. Estes focos irão incidir consoante a necessidade expositiva, neste caso nos núcleos da exposição. Identicamente à exposição na cidade de Faro, nas vitrines inseridas nas duas paredes falsas não será

²⁷ É sugerida a utilização dos mesmos módulos de apoio que foram usados na exposição do Museu Municipal de Faro, deste modo reutilizando material e não aumentar a necessidade de despende dinheiro.

incidido nenhum foco de luz devido a possíveis reflexos que podem ser causados entre a luz e o vidro das mesmas e por questões de conservação.

Na figura 34, é possível observar, na parede perpendicular à parede onde se encontram as janelas, um espelho de grandes dimensões. Para a nossa exposição, pretendemos retirá-lo com a intenção de expandir o número de obras expostas e assegurar a fluidez da narrativa expositiva.

Por fim, tal como na primeira exposição deste projeto, é pretendido colocar frases nas paredes da sala de exposição consoante os núcleos apresentados, com o intuito de auxiliar a leitura da exposição pelo espetador. Novamente, respeitando a sequência dos núcleos, as frases utilizadas nesta exposição são as seguintes: «O artista, antes de escrever para o mundo, escreve para si.» - José Dias Sancho, 1925; «Tu, que no alvorecer da vida tens já composições líricas dum formosíssimo relevo, hás de um dia possuir um nome nesta terra» - Bernardo de Passos, 1923; «O ambiente é a mão poderosa que modela à sua imagem.» - José Dias Sancho, 1924; «E a nossa alma aniquila-se entre a saudade do Algarve e a esperança de Lisboa.» - José Dias Sancho, 1921



Figura 34 - Fotografia da exposição “Time Lapses - No Algarve, a Parar o Tempo” de João Fazenda, patente na Sala de Exposições Temporárias - vista frontal a partir da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023).



Figura 35 - Fotografia da exposição “Time Lapses - No Algarve, a Parar o Tempo” de João Fazenda, patente na Sala de Exposições Temporárias - vista frontal da entrada da sala (fotografia por Joana Galvão, 2023).

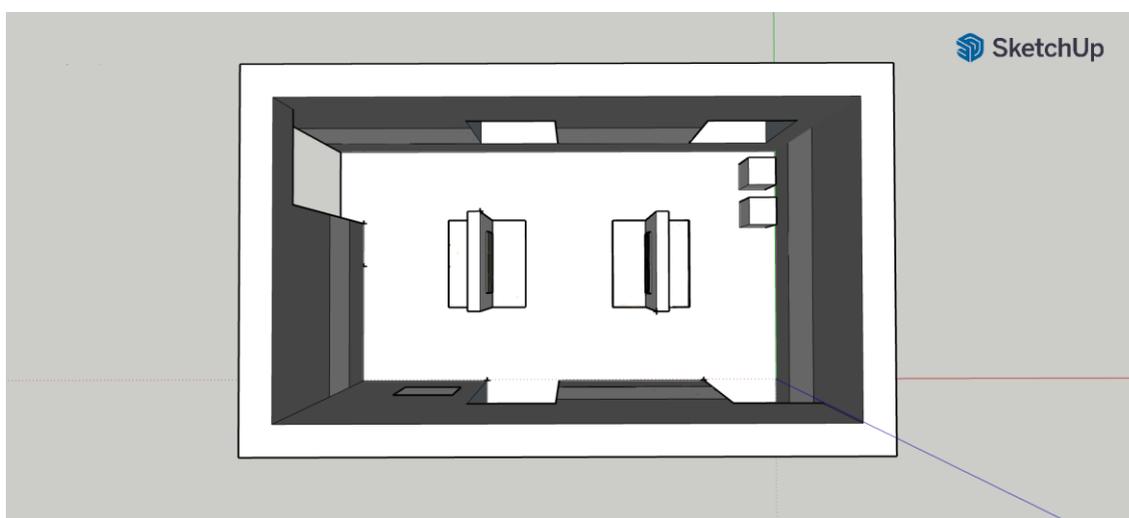


Figura 36 - Proposta para o novo design da sala - conceito visual (Joana Galvão, 2024).

- Organização espacial das obras

A exposição final deste projeto conceptualiza-se através da reunião de obras de Dias Sancho e de artistas com ligação a São Brás de Alportel, como Roberto Nobre, Bernardo de Passos, Boaventura de Passos e Rosalina de Passos. Mais uma vez, o espaço está organizado por núcleos temáticos, desta vez em volta deste local (São Brás de Alportel): “A Minha Terra”, “O Caricaturista”, “Os Artistas”, “Lá Fora”; como é possível verificar na figura 37. Existem igualmente subnúcleos, contudo estes não têm qualquer designação própria ou título, apenas apresentam e auxiliam o espetador, proporcionando uma melhor leitura da exposição.

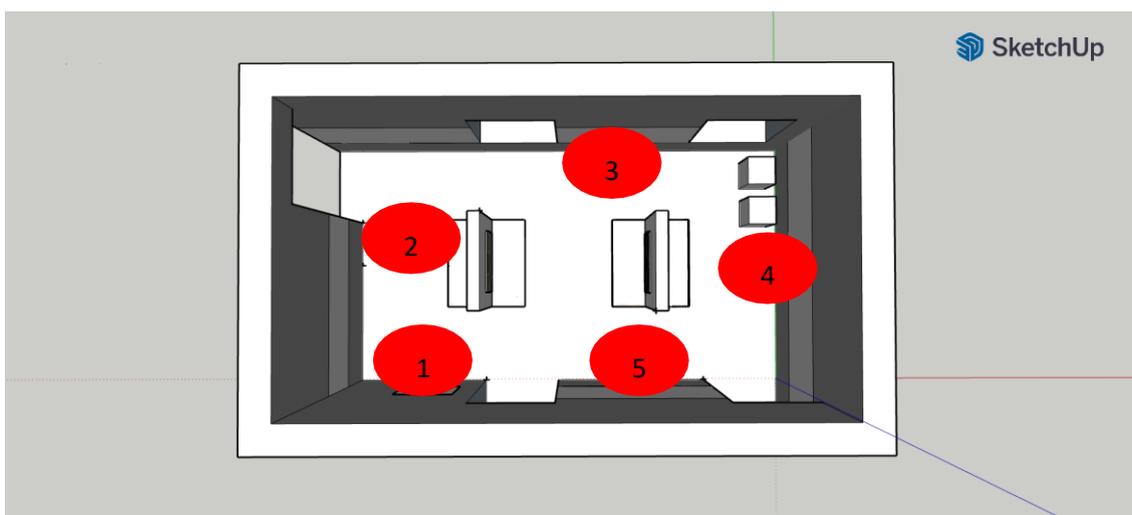


Figura 37 - Planta da exposição na Sala de Exposições Temporárias: 1. Entrada com textos de parede introdutórios à exposição; 2. Tema “A Minha Terra”; 3. Tema “O Caricaturista”; 4. Tema “Os Artistas”; 5. Tema “Lá Fora”.

Tal como na exposição no Museu Bordalo Pinheiro, no início desta exposição, junto ao texto de parede, apresentamos uma fotografia de Dias Sancho de 1922 que se conecta automaticamente com o primeiro núcleo. Iniciamos a definição desta exposição, não com um núcleo de obras de nenhum artista, mas de diversas fotografias de Dias Sancho juntamente com figuras com quem manteve relações pessoais. Um conjunto de oito fotografias do artista juntamente com familiares - do álbum de família de Maria Luísa Pousão Sancho, filha única de Dias Sancho e da sua mulher Maria Helena Pousão Pereira - e outras figuras culturais algarvias, como poderá ser observado nas duas últimas fotografias.

Nestas, denota-se o artista em conjunto com o escritor Francisco Fernandes Lopes, o autor espanhol Rogelio Buendía, o maestro Ivo Cruz (1891-1985), o seu sobrinho Roberto Nobre e o embaixador João de Aragão Barros. Deste modo, enquadra-se a exposição num carácter íntimo e familiar, destacando as ligações inter-pessoais que Dias Sancho estabeleceu na sua terra natal e na região algarvia.

De forma coincidente, é estabelecida uma conexão com um poema e uma prosa de Dias Sancho na parede perpendicular e com quatro obras literárias na primeira face do primeiro módulo de apoio. Estas obras demonstram a ligação ao Algarve, que o artista sempre proclamou e conservou. Para salientar mais ainda esta ideia, nesta parede decidimos colocar a frase “O artista, antes de escrever para o mundo, escreve para si.”, frase retirada de uma crónica²⁸ escrita por Dias Sancho para o jornal *Correio do Sul*.

A parede de entrada enquadra a seguinte fotografia:

- 3. 1º - Reprodução aumentada de fotografia de José Dias Sancho, 1922;

No primeiro núcleo são expostas as seguintes fotografias e obras:

- 3. 2º- Fotografia de José Dias Sancho, Álbum de Família de Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira, São Brás de Alportel, 1925-10-26;
- 3. 3º- Fotografia de José Dias Sancho, Álbum de Família de Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira, Faro, 1926-05;
- 3. 4º - Fotografia de José Dias Sancho, Álbum de Família de Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira, Marim, 1928-04-08;
- 3. 5º - Fotografia de José Dias Sancho e Maria Helena Pousão Pereira, Álbum de Família de Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira, São Brás de Alportel, 1925-03-10;
- 3. 6º - Fotografia de José Dias Sancho e Maria Luísa, Álbum de Família de Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira, Lisboa, 1926-05-14;

²⁸ Denominada «Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro (Continuado do n.º anterior)», publicada no jornal *Correio do Sul*, 1925-09-27.

- 3. 7º - Fotografia de José Dias Sancho e Maria Helena Pousão Pereira, Álbum de Família de Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira, São Brás de Alportel, 1925-03-10;
- 3. 8º - Reprodução de fotografia de Francisco Fernandes Lopes, Rogélio Buendía, Ivo Cruz, Roberto Nobre, José Dias Sancho João de Aragão Barros, 1922;
- 3. 9º - Reprodução de fotografia de Francisco Fernandes Lopes e o seu filho Lopinhos, Roberto Nobre, Aragão Barros, Ivo Cruz e José Dias Sancho, 1922;
- 3. 10º - Reprodução *Alma Algarvia*, «Os poetas algarvios», “O meu Algarve”, nº 244-245 (3.ª sér.), 1916, pp. 174-175;
- 3. 11º - Reprodução *Alma Nova*, «Breves palavras a propósito da minha terra», nº 25-27 (3.ª sér.), 1925-01/03, pp. 27-28;

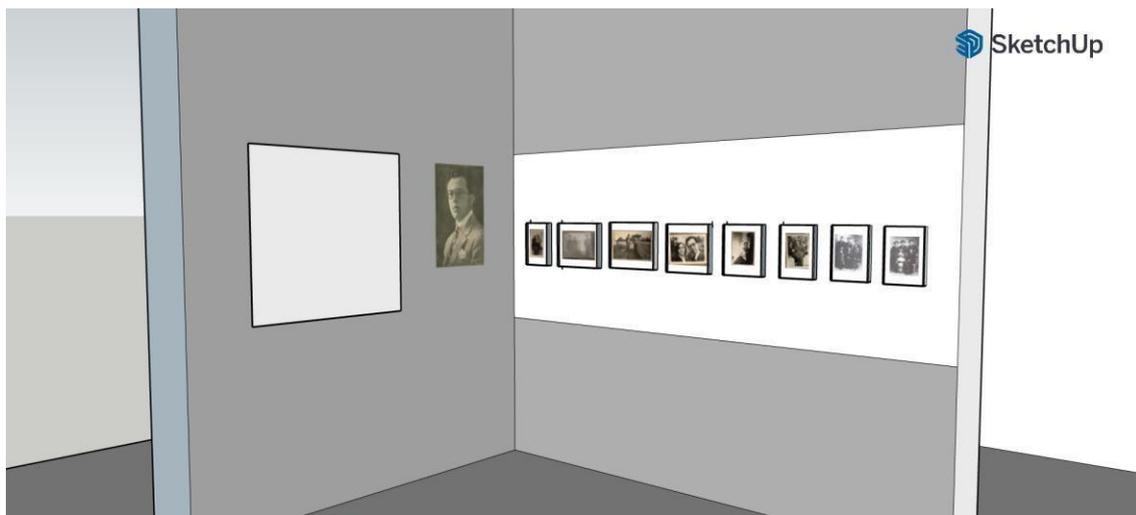


Figura 38 - Maqueta 3D do primeiro núcleo “A Minha Terra” (Joana Galvão, 2024).

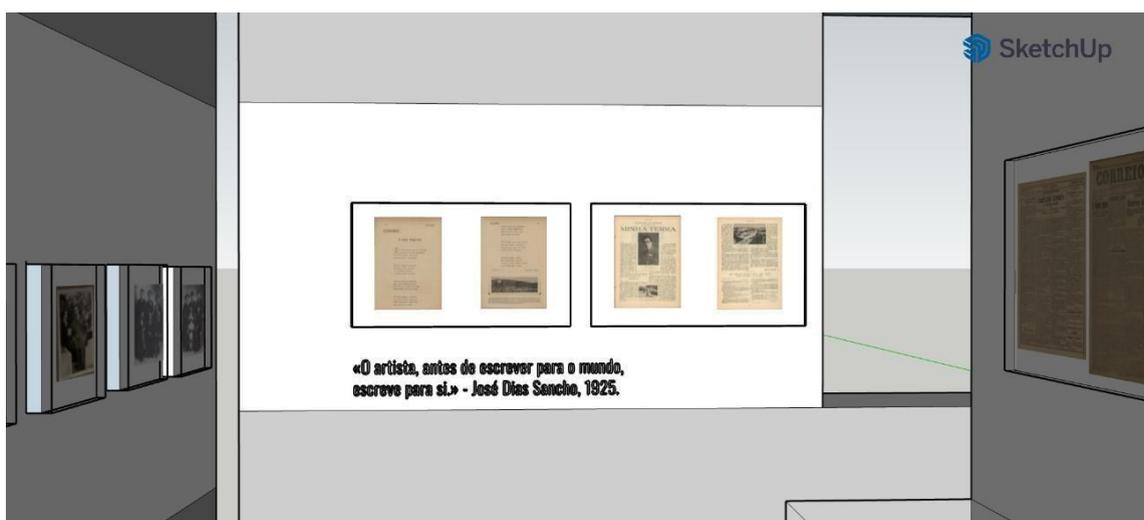


Figura 39 - Maqueta 3D do primeiro núcleo “A Minha Terra” (Joana Galvão, 2024).

Seguindo para o segundo núcleo de obras, apresentamos quatro reproduções aumentadas de caricaturas de José Dias Sancho realizadas por outros artistas (Roberto Nobre, Boaventura de Passos e Bernardo Marques) e três pares de reproduções aumentadas de caricaturas de Roberto Nobre, Boaventura de Passos e Bernardo de Passos executadas por Dias Sancho. Desta forma, apresentando a faceta caricaturista de Dias Sancho e produzindo uma união de dois fios condutores: um entre as caricaturas que retratam o artista e as fotografias de Dias Sancho do primeiro núcleo, e um segundo relativo às caricaturas que retratam três figuras culturais e o próximo núcleo de obras.

- 3. 12º - Roberto Nobre, caricatura de José Dias Sancho (reprodução aumentada), 1920;
- 3. 13º - Roberto Nobre, caricatura de José Dias Sancho (reprodução aumentada), 1930;
- 3. 14º - Boaventura de Passos, caricatura de José Dias Sancho (reprodução aumentada), 1916;
- 3. 15º - Bernardo Marques, caricatura de José Dias Sancho (reprodução aumentada), 1920;
- 3. 16º - José Dias Sancho, caricatura de Roberto Nobre (reprodução aumentada), 1920;
- 3. 17º - José Dias Sancho, caricatura de Roberto Nobre (reprodução aumentada), 1921;
- 3. 18º - José Dias Sancho, caricatura de Boaventura de Passos (reprodução aumentada), 1925;
- 3. 19º - José Dias Sancho, caricatura de Boaventura de Passos (reprodução aumentada), 1920;
- 3. 20º - José Dias Sancho, caricatura de Bernardo de Passos (reprodução aumentada), 1927;
- 3. 21º - José Dias Sancho, caricatura de Bernardo de Passos (reprodução aumentada), 1925;

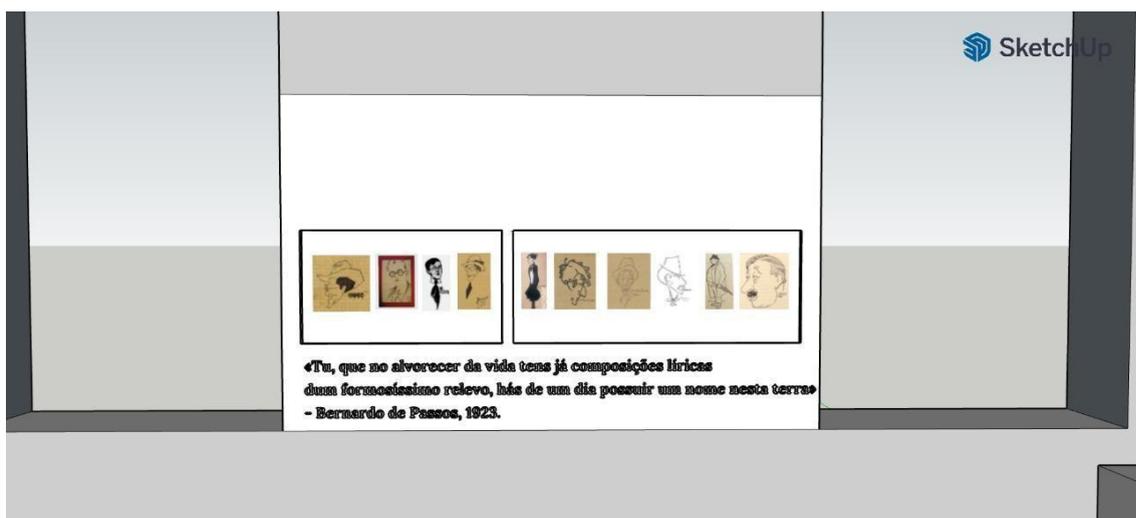


Figura 40 – Maqueta 3D do segundo núcleo “O caricaturista” (Joana Galvão, 2024).

O próximo núcleo, “Os Artistas”, apresenta obras de outros artistas naturais de São Brás de Alportel e, curiosamente, todos também familiares de José Dias Sancho: a escultora Rosalina de Passos, os escritores Boaventura de Passos e Bernardo de Passos e o artista multifacetado Roberto Nobre²⁹. Numa celebração de cultura e de arte são-brasense colocamos a frase «O ambiente é a mão poderosa que modela à sua imagem» – José Dias Sancho, 1924.

Este núcleo alberga as seguintes obras:

- 3. 22º - Rosalina de Passos, escultura por definir;
- 3. 23º - Rosalina de Passos, escultura por definir;
- 3. 24º - Reprodução *Alma Nova*, “Aldeia em Festa (excerto)”, nº25/27, Janeiro/Março de 1925, p. 26;
- 3. 25º - Reprodução *Alma Nova*, “Bernardo de Passos”, nº25/27, Janeiro/Março de 1925, p. 24;
- 3. 26º - Reprodução *Alma Nova*, “Sonetos”, nº25/27, Janeiro/Março de 1925, p.25;
- 3. 27º - Roberto Nobre, *Trecho de Olhão*, 1932;
- 3. 28º - Roberto Nobre, *Trecho de Olhão*, sem datação;

²⁹ Rosalina de Passos, Boaventura de Passos e Bernardo de Passos eram primos de Dias Sancho e Roberto Nobre era seu sobrinho.



Figura 41 – Maqueta 3D do terceiro núcleo: "Os Artistas " (Joana Galvão, 2024).

Por fim, o último núcleo desta exposição: “Lá Fora”. Este pequeno núcleo apresenta ao espetador obras de Dias Sancho relacionadas com as suas estadias em Lisboa, mais especificamente a sua ligação à Questão dos Novos - momento crucial da época que Dias Sancho presenciou e participou - e três crónicas políticas satíricas. Desta forma, fechamos esta exposição intimista com uma “janela aberta”, expondo a contaminação do artista fora do Algarve juntamente com a frase: «E a nossa alma aniquila-se entre a saudade do Algarve e a esperança de Lisboa» - José Dias Sancho, 1921.

- 3.29º - Reprodução *A Batalha*, José Dias Sancho: Carta dos novos;
- 3.30º - *Ilustração Portuguesa*, «No banquete oferecido pelos novos a João Vaz, no Restaurant Leão», nº827, 1921-12-24, pp. 514-515;
- 3.31º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Crónica de S. Bento», nº838, 1922-03-11, p.224;
- 3.32º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Crónica de S. Bento», nº839, 1922-03-18, p.244;
- 3.33º - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Crónica de S. Bento», nº840, 1922-03-25, p.272;



Figura 42 – Maqueta 3D do quarto núcleo: "Lá Fora" (Joana Galvão, 2024).

- Descrição dos módulos documentais

Os módulos documentais desta exposição são constituídos por de duas paredes falsas com duas vitrines verticais e horizontais, cada uma, e dois plintos. Referentemente às duas paredes falsas, é proposta a reutilização das usadas na exposição no Museu Municipal de Faro visto que o seu propósito é o mesmo, o de apresentar obras e documentos de menores dimensões para auxiliar a leitura da exposição. Deste modo não existe a necessidade de despendar monetariamente para a construção destes dois módulos e, por conseguinte, estes têm as mesmas medidas apresentadas anteriormente no capítulo 2.3 (Módulos de apoio). No que diz respeito aos restantes dois módulos de apoio, embora já apresentados no terceiro núcleo desta exposição, estes referem-se a dois plintos. Os dois respeitam a medida média do olhar, medindo identicamente 90cm de altura e 50cm de largura e profundidade e, como já referido anteriormente, expõe duas obras escultóricas da autoria de Rosalina de Passos.

Do mesmo modo, e já mencionado previamente, a listagem dos documentos expostos nos dois módulos de apoio documentais e as suas respetivas imagens encontram-se localizadas no capítulo Apêndice I, pela razão de preservar a extensão desta dissertação e cumprir os seus limites.

3. O Movimento da Curadoria

Para compreendermos o que se entende pelo movimento da curadoria, temos primeiramente de nos focar no termo *site-specific*. Este termo, por norma, refere-se a uma intervenção artística num local específico, seja ele interior ou exterior. Uma obra concebida especificamente para um local, que se integra no meio envolvente e explora a sua topografia. O local onde uma obra *site-specific* se insere constitui parte do significado proposto pelo artista, tornando-se conceptualmente unido com a obra e o seu conceito. Tal como o próprio nome sugere, *site* significa local e *specific* significa específico.

Imaginemos, por exemplo, a obra *Tilted Arc* do artista Richard Serra (1938–2024). Esta peça foi exposta e concebida especificamente para ser colocada na Praça Foley Federal Plaza da cidade de Manhattan, Estados Unidos. Todo o seu conceito foi previamente pensado e idealizado com este local particular em mente, tornando a sua localização intrínseca ao significado. Desta forma, o local onde esta obra se insere permite ao observador uma experiência visual e conceptual específica, ao contrário da obra colocada dentro de uma galeria ou museu. Por palavras de Serra: “Encomendada e concebida para um local específico: Federal Plaza. Trata-se de uma obra específica para um determinado sítio e, como tal, não pode ser deslocada. Remover a obra é destruir a obra.” (Serra, 1990). Se a localização de uma obra *site-specific* for alterada, a obra perderá todo ou uma parte substancial do seu sentido. Este tipo de obras é, por norma, unido com obras de teor instalativo, contudo, “independentemente da abordagem adotada por um artista, a arte *site-specific* destina-se a tornar-se parte do seu local e a reestruturar a experiência conceptual e perceptiva do espetador desse local através da intervenção do artista.”³⁰ (Site-specific Art/Environmental Art, s.d.). Para o nosso projeto focámo-nos na evidência de reestruturação da experiência perceptiva e conceptual que acontece com as obras *site-specific*. Neste sentido, a ideia por trás destas exposições foi criar três ligações singulares entre as obras de Dias Sancho, os museus e o público dos três locais de exposição. As obras expostas não são, de qualquer modo, obras *site-specific*, contudo por meio das narrativas criadas para cada momento expositivo, o conceito das obras foi alterado entre exposições. Deste modo, reforça-se a ligação de obra-local com os conceitos escolhidos, o modo em que as obras estão expostas e, no caso das exposições

³⁰“No matter which approach an artist takes, Site-specific art is meant to become part of its locale, and to restructure the viewer’s conceptual and perceptual experience of that locale through the artist’s intervention.”. Tradução livre.

de Faro e São Brás de Alportel, as restantes obras de artistas escolhidos.

Esta ideia derivou da repetição constante de obras nas exposições. Como é possível verificar nas três exposições, são repetidas muitas das mesmas obras de Dias Sancho, as mesmas caricaturas, as mesmas obras literárias, crónicas, etc. No entanto, singularmente em cada exposição estão inseridas em conceitos distintos, desta forma alterando a perceção que o público terá. Por exemplo, as caricaturas de Bernardo de Passos, Roberto Nobre e Boaventura de Passos na exposição no Museu Municipal de Faro fazem parte do núcleo “Regionalista”. Aqui, estão em diálogo com as restantes caricaturas de artistas algarvios, assumindo um conceito regionalista entrelaçado com as restantes caricaturas à sua volta. Por sua vez, na exposição no Museu Bordalo Pinheiro, estas mesmas três caricaturas funcionam apenas como subnúcleo de um maior núcleo apenas focado no trabalho de caricatura. Neste momento expositivo, elas desprendem-se do seu prévio foco regionalista, pois este não corresponde ao conceito desta exposição. Por fim, na exposição no Museu do Traje de São Brás de Alportel estas caricaturas encontram-se em destaque e assumem um carácter íntimo pela sua forte ligação com o local de exposição. As obras de Dias Sancho não foram concebidas com um local em mente, não são *site-specific*, todavia, o que aqui é proposto é que elas se tornem obras *site-specific* de acordo com o conceito único de cada exposição.

Por palavras da museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno (n.1955), a curadoria permite a “produção de conhecimento novo a partir de coleções e acervos museológicos” (Bruno, 2008). Neste projeto, esta ideia surgiu por consequência do conceito de movimento, produzindo diferentes conceções que alteram parte, ou por completo, a perceção das obras por parte do observador, tornando as obras de Dias Sancho como obras *site-specific*.

[...] a definição de curadoria tem sido permeada pelas noções de domínio sobre o conhecimento de um tema referendado por coleções e acervos que, por sua vez, permite a lucidez do exercício do olhar, capaz de selecionar, compor, articular e elaborar discursos expositivos [...].

(Bruno, 2008)

O museu, o público e os vínculos de união que existem entre o local e José Dias Sancho tiveram grande importância na escolha de obras e narrativas deste projeto. Com o intuito de cada exposição funcionar singularmente, as obras selecionadas sofrem uma metamorfose conforme o conceito expositivo.

Apesar de existirem poucos suportes teóricos em relação a esta questão, houve um esforço da sua explicação teórica, embora a nossa preocupação seja a da sua aplicação, visto que o conceito de curadoria é entendido como uma prática, não como um conceito inserido no campo da filosofia. A ideia de curadoria em movimento deste projeto pretende a criação de uma curadoria contínua. No entanto, não é algo novo atualmente, dado que se desenvolvem diversas exposições temporárias de antigos artistas ou contemporâneos que se repartem em dois ou mais momentos. Todavia, no nosso projeto existem fatores distintos. Como já foi referido, o fator principal é o de aproveitamento de obras de Dias Sancho com o intuito de criar uma metamorfose das peças do artista consoante a narrativa expositiva em que se encontram; tal como, por exemplo, a criação de diálogos entre as caricaturas de Dias Sancho com obras de outros artistas modernistas na exposição do Museu Municipal de Faro e a utilização dessas mesmas caricaturas na seguinte exposição no Museu Bordalo Pinheiro em Lisboa, onde é salientada a esquecida importância do artista na história da caricatura. A nossa intenção foi de valorizar as peças expostas no sentido de ganharem novas conotações consoante o ambiente em que se encontram.

A ideia de tripartir a vida e obra de José Dias Sancho propõe um exercício mental por parte do curador. Cada exposição, individualmente, assenta num núcleo de pesquisa realizada previamente pelo Professor Doutor Fernando Rosa Dias e a equipa de investigação. Na construção curatorial, o curador tem de ter em mente o núcleo específico da exposição que está a criar, como também ter a ideia da narrativa total. Cada momento singular deste projeto funcionará isolado, no entanto, encontra-se implementado na narrativa total das três exposições. Pelo motivo das exposições decorrerem em três locais diferentes do país, não é esperado que o público siga a sequência das mesmas. É esperado que a maioria do público só visite uma das três exposições (ou talvez duas, as realizadas no Algarve pela sua maior proximidade) devido à distância física entre os museus. Este motivo eleva a ideia de núcleo de cada uma das exposições, no entanto, este projeto, num todo, surge de uma ideia só, a figura e obra de José Dias Sancho.

CONCLUSÃO

A proposta de trabalho que deu origem a este projeto expositivo partiu da iniciativa do Professor Doutor Fernando Rosa Dias e da equipa de investigação que realizaram uma enorme pesquisa auxiliar.

É de extrema importância reforçar que este estudo constitui de um trabalho de projeto e não, particularmente, uma dissertação, auxiliado por uma prévia pesquisa realizada pela equipa de investigação no campo da História de Arte sobre José Dias Sancho.

O intento deste projeto de curadoria foca-se na elaboração de três momentos expositivos planeados a partir de uma perspetiva puramente curatorial, contudo estão elaborados e preparados para a seguinte fase, a sua execução prática nos museus, concretizada após a entrega deste trabalho de projeto. No entanto, já foram desenvolvidas e alcançadas diversas noções em relação à parte prática deste projeto. Nas várias reuniões com os diretores e colaboradores dos museus, onde foram apresentadas as exposições, foram discutidas novas ideias e métodos técnicos para diferentes facetas deste projeto, como por exemplo, o *design* das folhas de sala e as maneiras de conciliar os momentos expositivos com algumas especificidades das salas de exposição. No decorrer deste processo foi possível comprovar a importância de cada departamento no planeamento e na futura concretização das três exposições, algo que não foi analisado ao longo deste trabalho por se tratar de um estudo curatorial, centrado na elaboração da experiência e narrativa de cada exposição desenvolvida, e não de um estudo museológico.

No que se refere a considerações finais para a parte da concretização - trazer à realidade este projeto - aponto o bom acolhimento por parte dos museus desde o início, o que reconheço como um indicador da possibilidade deste projeto prosperar e ser igualmente bem recebido pelo público, em especial pelo público algarvio e, sobretudo, são-brasense. A receptividade já observada demonstra que este projeto não só preenche uma lacuna cultural na região como também oferece uma oportunidade de fortalecer o vínculo entre a comunidade local, espaços culturais e artistas algarvios votados ao esquecimento. Considero que este projeto tem o potencial de se consolidar como uma referência – tanto académica como modernismo algarvio - contribuindo para o enriquecimento cultural de São Brás de Alportel, regional, portanto, e, possivelmente, nacional.

Destaca-se uma vez mais a noção de *curadoria em movimento*, como foi aqui exponenciada. Embora até à entrega deste trabalho apenas tenha sido explorada teoricamente, julgo ser uma noção que poderá auxiliar exposições monográficas itinerantes. O movimento da curadoria no nosso projeto moveu conceitos, ideias e deslocou-se entre o centro e sul do país. Foi entendido que, teoricamente, o movimento é algo essencial para a construção de narrativas versáteis e eficientes de exposições monográficas itinerantes, sobretudo com conceitos diferentes. Conciliar a vida do artista, a sua obra e os espaços de exposição, movendo-os entre locais e narrativas, espelha uma maior aproximação entre o público e o processo criativo, permitindo uma experiência mais profunda e imersiva. A *curadoria em movimento* contemplou-se como uma adaptação a cada local que receberá a exposição. As possibilidades do espaço, as suas características museológicas, e a memória de cada lugar, foram detalhes tidos em consideração durante a elaboração deste projeto, e determinaram o espírito de cada narrativa expositiva. No entanto, está determinado que este conceito irá ser colocada em prática num futuro breve, com o início da montagem e inauguração das exposições aqui apresentadas.

Ao longo da concretização deste trabalho foram adquiridos vários conhecimentos: artístico e académico - a capacidade de elaborar conceptualmente um projeto curatorial, repartido em três exposições com narrativas e conceções diferentes, e conjugar a reutilização de algumas obras pelos três momentos expositivos. Reunir o lado artístico e o lado técnico nas suas elaborações, e ainda ir ao encontro de exigências no que diz respeito às questões da procura e da investigação de obras e documentos. Conhecer profundamente a vida e obra do artista José Dias Sancho, e do seu núcleo de amigos e familiares, como também de outros artistas da época. Social – no que refere aos e-mails escritos para os museus, bibliotecas e determinadas pessoas que podiam facultar algum tipo de informação adicional, as reuniões com os respetivos diretores dos museus e outros trabalhadores, as diversas visitas às bibliotecas de Faro, de São Brás de Alportel e Biblioteca Nacional. De igual forma, o melhoramento das competências de *multitasking*, de argumentação, de aceitação de críticas construtivas e de gestão de tempo. Inclusive, foram adquiridos conhecimentos a nível pessoal, relativamente a ligações que pessoas da minha família tinham com algumas das figuras mencionadas neste trabalho, nomeadamente os meus avôs maternos - ambos algarvios, oriundos de Faro e de Aljezur, mas residentes da cidade de Faro durante bastantes décadas. No desenvolvimento deste

projeto e em conversas com familiares, dois nomes despertaram-lhes a atenção: Carlos e Mário Lyster Franco. Nestas conversas vim a descobrir que existiu uma amizade entre o meu avô materno, Fernando Nicolau Dias Forra, e estas duas figuras. Um detalhe que muito apreciei.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

1 - Publicações: Livros:

Bordinhão, K., Valente, L., & Simão, M. d. (2017). *Caminhos da memória: para fazer uma exposição*. Brasília: DF: IBRAM.

Bruno, M. C. (2008). Definição de curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. Em *Caderno de diretrizes museológicas 2*. Belo Horizonte : Secretaria de Estado da Cultura, Superintendência de Museus.

Daifuku, H., Jaffe, H., Morley, G. M., Osborn, E. C., & Witterborg, L. (1963). *Temporary and Travelling Exhibitions*. França: UNESCO

Lord, B., & Lord, G. D. (2002). *The Manual of Museum Exhibitions*. Inglaterra: AltaMira Press.

Richter, D., Drabble, B., Maharaj, S., Bismarck, B. v., Hüttner, P., Wade, G., . . . Grasskamp, W. (s.d.). *Curating Critique*: Marianne Eigenheer.

Sancho, J. D. (2021). *Obras de José Dias Sancho Volume I DEUS PAN E OUTROS CONTOS*. Guimarães: Opera Omnia .

Sancho, J. D. (2021). *Obras de José Dias Sancho Volume II BEZERROS DE OURO*. Guimarães: Opera Omnia.

Sancho, J. D. (2022). *Obras de José Dias Sancho Volume III ÍDOLOS DE BARRO E OUTROS ESCORÇOS CRÍTICOS* . Guimarães: Opera Omnia.

Sancho, J. D. (2022). *Obras de José Dias Sancho Volume IV CANÇÕES DE AMOR E OUTROS POEMAS*. Guimarães: Opera Omnia.

Sancho, J. D. (2023). *Obras de José Dias Sancho Volume V CRÓNICAS E CONFERÊNCIAS*. Guimarães: Opera Omnia.

Sancho, J. D. (2023). *Obras de José Dias Sancho Volume VI PROSA BREVE, CORRESPONDÊNCIA, ENTREVISTAS E TEATRO*. Guimarães: Opera Omnia.

Silvadesigners. (2015). *Roberto Nobre: Design Gráfico e Ilustração*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Kwon, M. (2002). *One Place After Another: Site Specific Art and Locational Identity*. Massachusetts Institute of Technology: The MIT Press .

2 - Publicações: Jornais, periódicos e revistas

Ilustração Portuguesa

Correio do Sul

Alma Nova

O Algarve

Alma Algarvia

Correio Olhanense

Folha de Alte

Noticias do Algarve

O Heraldo

3 - Publicações: Artigos

Allan, D. A., Argan, G. C., Floud, P., Hatt, R. T., Hodge, M. B., Lorentz, S., . . . Borbolla, D. F. (1950). *Museums and circulating exhibitions*.

Dias, F., Veiga, L., Guérin, M., Gielen, P., Peneda, J., Bourne Farrell, C., . . . Gameiro, L. (setembro de 2019). *Convocarte, nº8 (Set. 2019): Arte e Tempo*.

Gervilla, L. R. (19 de abril de 2021). *Site-specific: trabalhos direcionados para um lugar predeterminado*.

Marques, A. P., Vidigal, A., Pinto, A. R., Menéres, C., Tavares, C. A., Berger, F., . . . Serrão, V. (2013 a 2016). *Belas-Artes: Revista Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*.

Oliveira, A. P. (2017). *Mateus Moreno (1892-1970) e o regionalismo algarvio*. Faro: Município de Faro

Palma, P. d. (2013). *Novos dados para a história do Futurismo em Portugal*, p. 113-126.

Xavier, D. W. (6 de junho de 2013). *Cadernos de Sociomuseologia - Experiências, Recursos e Expografia. A museologia itinerante: uma perspectiva histórica*.

4 - Dissertações de mestrado

Alcobia, C. (2012). *O DILEMA DO CURADOR* Entre consenso e conflito, o agonismo e a sua importância dentro da prática curatorial. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa).

Silva, C. (2018). Curadoria Executiva e Curadoria Expandida Aplicada: Projeto Expositivo – “Carlos Porfrio: Diálogos do Modernismo” no Museu Municipal de Faro. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa)

Palma, P. d. (2008). A Produção Literária Impressa no Algarve Durante os Séculos XIX e XX. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa).

Xavier, D. W. (2012). Museus em Movimento. Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa).

5 - Sites da Internet

Instituições culturais

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
<https://gulbenkian.pt/cam/colecao/> (consultado entre outubro de 2023 a setembro de 2024)
- MNCA – Museu do Chiado, Lisboa
<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/> (consultado entre outubro de 2023 a setembro de 2024)
- Museu Municipal de Faro, Faro, Site autárquico

- <https://www.cm-faro.pt/pt/menu/1802/museu-municipal-de-faro.aspx>
(consultado entre outubro de 2023 a dezembro de 2024)
- Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa
<https://museubordalopinheiro.pt/> (consultado entre outubro de 2023 a dezembro de 2024)
 - Museu do Traje de São Brás de Alportel
<https://www.museu-sbras.com/> (consultado entre outubro de 2023 a dezembro de 2024)
 - Museu Nacional Grão Vasco, Viseu
<https://www.museunacionalgraovasco.gov.pt/> (consultado entre outubro de 2023 a janeiro de 2024)
 - Museu Almeida Moreira
<https://visitviseu.pt/detalhe-museus.php?elemento=2> (consultado entre outubro de 2023 a novembro de 2023)

6 - Citações

(s.d.). Obtido de Museu do Traje: <https://www.museu-sbras.com/>

Alma Algarvia. (15 de janeiro de 1916). *José Dias Sancho o seu livro de versos*, p. 49.

Arte. (13 de junho de 1920). *Correio do Sul*(19), p. 2.

Bismarck, B. V. (s.d.). Curatorial Criticality – On The Role Of Freelance Curators In The Field Of Contemporary Art. *Curatorial Criticality*, p. 19.

Bordinhão, K., Valente, L., & Simão, M. d. (2017). *Caminhos da memória: para fazer uma exposição*. Brasília.

Bruno, M. C. (2008). Definição de Curadoria: *Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial.*, p. 7.

Daifuku, H. (1963). Exhibitions in the technically underdeveloped countries. Em E. C. Osborn, & G. L., *Temporary and travelling exhibitions* (p. 44)

Dr. José Dias Sancho. (13 de janeiro de 1929). *Correio do Sul*(621), p. 2.

Fundação. (s.d.). Obtido de Museu Bordalo Pinheiro:
<https://museubordalopinheiro.pt/museu/historia/>

Hahn, T. (2002). Display Cases. Em B. Lord, & G. D. Lord, *The Manual of Museum Exhibitions* (p. 198). Inglaterra: Alta Mira Press.

Museu do Traje. (s.d.). Obtido de Visite Sao Brás Alportel:
<https://www.visitsaobrasalportel.pt/pt/6941/Museu-do-Traje.aspx>

Museu Municipal de Faro. (s.d.). Obtido de Câmara Municipal de Faro: Site Autárquico:
<https://www.cm-faro.pt/8076/museu-municipal-de-faro.aspx>

Nota Crítica. (2021). Em J. D. Sancho, *Obras de José Dias Sancho Volume I DEUS PAN E OUTROS CONTOS* (p. 26). Guimarães: Opera Omnia.

Sancho, J. D. (3 de junho de 1917). Exposição de Arte. *O Heraldo*(384), p. 1.

Sancho, J. D. (10 de junho de 1917). Exposição de Arte (Conclusão). *O Heraldo*(385), p. 2.

Sancho, J. D. (11 de julho de 1920). Regionalismo e Arte. *Correio do Sul*, p. 23.

Sancho, J. D. (28 de maio de 1922). Falando com José Dias Sancho. De como tem sido a sua vida literária. O que é o seu livro “Julio Dantas”. p. 1. (A. Barros, Entrevistador) Faro.

Sancho, J. D. (15 de setembro de 1923). José Dias Sancho visto e entrevistado por Mateus Moreno. P. 1; 2. (M. Moreno, Entrevistador) Alte.

Sancho, J. D. (1924). A paisagem do Algarve. Modeladora dos Artistas. *Correio do Sul*, p. 1; 2.

Sancho, J. D. (11 de maio de 1924). A Exposição Lyster Franco no Salão Bobone em Lisboa. *Correio do Sul*(267), 1.

Sancho, J. D. (1925). Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro. *Correio do Sul*, p. 2.

Sancho, Uma viagem a Lisboa - Quinze dias apoz a catastrophe de Figueirinha (notas sobre o Joelho), 1921.

Serra, R. (1990). Carta a Donald Thalacker datada de 1 de janeiro de 1985. Em M. Buskirk, *The Destruction of Tilted Arc: Documents* (p. 38). The MIT Press.

Site-specific Art/Environmental Art. (s.d.). Obtido de Guggenheim: <https://www.guggenheim.org/artwork/movement/site-specific-artenvironmental-art>

Veras, R. d. (22 de Junho de 1922). Ilustração Portuguesa. *Crítica Literária*. "Ídolos de Barro" Júlio Dantas por José Dias Sancho, p. 535.

7- Citações frases-chave utilizadas nas exposições no Museu Municipal de Faro e no Museu do Traje de São Brás de Alportel:

Museu Municipal de Faro:

- «Santos da casa não fazem milagres. Os milagres vêm de Lisboa por encomenda.» - Sancho, J. D. (11 de julho de 1920). *Regionalismo e Arte. Correio do Sul*, p.1.
- «É certo que as maravilhas da cor, da luz, da forma, que todos os olhos bebem cheios de sede (...)» - Sancho, J. D. (1924). *A paisagem do Algarve. Modeladora dos Artistas. Correio do Sul*, p. 1.
- «Sem cultura séria só pode haver diletantismo, mera eclosão de imagens.» - Sancho, J. D. (1925). *Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro. Correio do Sul*, p. 2.
- «José Dias Sancho é uma individualidade forte e bem marcada - um valor concreto que não necessita de flores da retórica (...)» - Sancho, J. D. (28 de maio de 1922). *Falando com José Dias Sancho. De como tem sido a sua vida literária. O que é o seu livro “Júlio Dantas”*. p. 1. (A. Barros, Entrevistador) Faro.

Museu do Traje de São Brás de Alportel:

- «O artista, antes de escrever para o mundo, escreve para si.» - Sancho, J. D. (1925). *Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro. Correio do Sul*, p. 2.
- «Tu, que no alvorecer da vida tens já composições líricas dum formosíssimo relevo, hás de um dia possuir um nome nesta terra» - Sancho, J. D. (15 de setembro de 1923). *José Dias Sancho visto e entrevistado por Mateus Moreno*. P. 1; 2. (M. Moreno, Entrevistador) Alte.
- «O ambiente é a mão poderosa que modela à sua imagem.» - Sancho, J. D. (1924). *A paisagem do Algarve. Modeladora dos Artistas. Correio do Sul*, p. 2.
- «E a nossa alma aniquila-se entre a saudade do Algarve e a esperança de Lisboa.» - Sancho, *Uma viagem a Lisboa - Quinze dias apoz a catastrophe de Figueirinha (notas sobre o joelho)*, 1921.

8 - Ferramentas de trabalho e pesquisa – diversos

- <https://app.sketchup.com/app?hl=en> (consultado entre setembro de 2023 a dezembro de 2024)
- <https://www.infopedia.pt/> (consultado entre outubro de 2023 a dezembro de 2024)
- <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/index.htm> (consultado entre setembro de 2023 a setembro de 2024)
- <https://repositorio.ul.pt/> (consultado entre setembro de 2023 a setembro de 2024)
- <https://hemeroteca.uaig.pt/> (consultado entre setembro de 2023 a setembro de 2024)

Apêndice I

- Módulos de apoio documentais da exposição “José Dias Sancho – Modernismo e Regionalismo” no Museu Municipal de Faro

Documentos presentes nas vitrines do módulo documental 1:

- A1 – Reprodução *Correio do Sul*, Faro, nº 395, «Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro», 1925-09-20, pp. 1-2;
- A2 – Reprodução *Alma Algarvia*, 244-245 (3.ª série), «O meu Algarve», 1916-09-01, pp. 174-175;
- A3 – Reprodução *Alma Nova*, 25-27 (3.ª série), «Breves palavras a propósito da minha terra», 1925-01/03, pp. 27-28;
- A4 – Reprodução fotografia de José Dias Sancho, 1922-06-03;
- A5 – Fotografia José Dias Sancho e Maria Helena Pousão Pereira, 1925-03-10;
- A6 – Fotografia José Dias Sancho e filha Maria Luísa, 1926-05-14;
- A7 – Reprodução fotografia de Francisco Fernandes Lopes, Rogélio Buendía, Ivo Cruz, Roberto Nobre, José Dias Sancho João de Aragão Barros, 1922;
- A8 – José Dias Sancho, *Deus Pan* e reprodução de páginas (por escolher), 1925;
- A9 - José Dias Sancho, *A paisagem, a Mulher e o Amor* e reprodução de páginas (por escolher), 1925;
- A10 - José Dias Sancho, *El-Rei Bebé* e reprodução das páginas iniciais, 1928;
- A11 - José Dias Sancho, *Canções d’Amor* e reprodução de páginas (por escolher), 1916;
- A12 – João Lúcio, *Espalhando Fantasmas*, 1921;
- A13 – Bernardo de Passos, *Portugal na Cruz*, 1909;
- A14 – *Algarve Pitoresco*, nº1, dezembro de 1935³¹;
- A15 – Boaventura de Passos, *Aldeia em Festa*, 1942;

³¹ Capa realizada por Roberto Nobre.

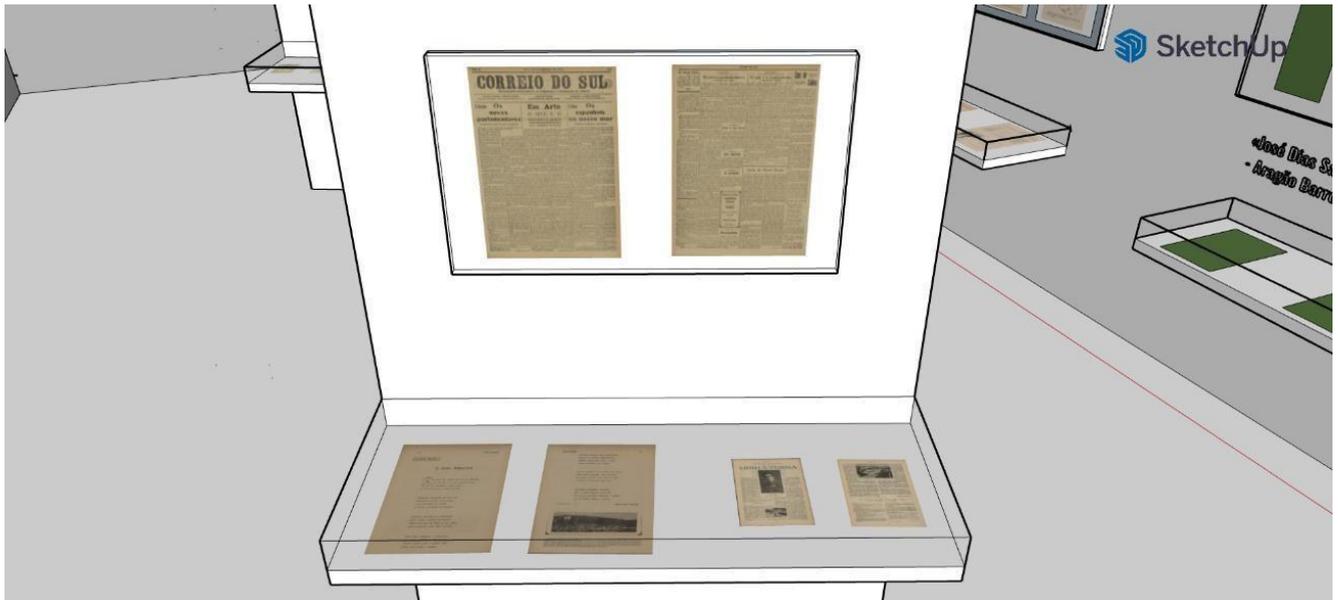


Figura a - Maqueta 3D do módulo documental 1, lado 1 (Joana Galvão: 2024)



Figura b - Maqueta 3D do módulo documental 1, lado 2 (Joana Galvão: 2024)

Documentos presentes nas vitrines do módulo documental 2:

- B1 – José Dias Sancho, caricatura do compositor Felix Mendelssohn Bartholdy (1809 – 1847);
- B2 – José Dias Sancho, caricatura do compositor Josef Strauss (1827 – 1870);
- B3 – José Dias Sancho, caricatura de Henrique Galvão (reprodução aumentada), 1921;
- B4 – José Dias Sancho, caricatura de João da Silva Nobre (reprodução aumentada), 1920;
- B5 – *Palmadinhas nos Carecas* e reprodução das páginas do 1º e 2º acto, 1917;
- B6 – Reprodução *Correio do Sul*, nº 4, «Uma Notícia de Sensação. O Algarve no “Écran”», 1920-02-22, p. 2;
- B7 - Cartaz: cineteatro *Palmadinhas nos Carecas*, Silva Nobre e José Dias Sancho, 20 de março, 1917;
- B8 - Cartaz: cineteatro *Palmadinhas nos Carecas*, Silva Nobre e José Dias Sancho, (reposição com novas paródias) 31 de maio, 1917;
- B9 – Reprodução *O Algarve*, nº 313, «A Ceia dos Cábulas. Fragmento», 1914-03-22, p.1;
- B10 - Reprodução *Correio do Sul*, nº 63, «A Ceia dos Cardiais», 1921-05-22, p.3;
- B11 - Albino Forjaz de Sampaio, *Palavras Cínicas* e reprodução de páginas (por escolher), 1916;
- B12 - José Dias Sancho, *Ídolos de Barro I – Albino Forjaz de S. Paio: sua autopsia e enterro* e reprodução de páginas (por escolher), 1920;
- B13 - José Dias Sancho, *A Ceia dos Cábulas*, 1914;
- B14 - José Dias Sancho, *Ídolos de Barro II – Júlio Dantas* e reprodução de páginas (por escolher), 1922;
- B15 – José Dias Sancho, caricatura de Júlio Dantas (reprodução aumentada), 1923;
- B16 – José Dias Sancho, caricatura de José de Almada Negreiros (reprodução aumentada), 1921;
- B17 – Júlio Dantas, *Ceia dos Cardiais*, 1902;
- B18 – *Manifesto Anti-Dantas*, José de Almada Negreiros, 1915.



Figura c - Maqueta 3D do módulo documental 2, lado 1 (Joana Galvão: 2024)



Figura d - Maqueta 3D do módulo documental 2, lado 2 (Joana Galvão: 2024)

- Módulos de apoio documentais da exposição “José Dias Sancho – O Regresso à Terra” no Museu do Traje de São Brás de Alportel

Documentos presentes nas vitrines do módulo documental 3:

- C1 - Reprodução *Correio Olhanense*, «Livros Novos», «Deus Pan por José Dias Sancho». «Transcreve-se o interessante capítulo "Baile do Campo"», nº 156, 1925-11-22, pp. 2-3;
- C2 - Reprodução *Correio do Sul*, « A conferencia de José Dias Sancho. Roteiro do Algarve», nº 593, 1928-07-01, p.1;
- C3 - Reprodução *Notícias do Algarve*, «A Paisagem, a Mulher e o Amor nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo Passos (Fragmento)», nº 101, 1925-06-04 , p. 4;
- C4 - José Dias Sancho, *Deus Pan* e reprodução de páginas (por escolher), 1925;
- C5 - José Dias Sancho, *El Rei Bébe* e reprodução das primeiras páginas, 1928;
- C6 - José Dias Sancho, *Roteiro do Algarve* e reprodução de páginas (por escolher), 1928;
- C7 - José Dias Sancho, *A Paisagem, a Mulher e o Amor* e reprodução de páginas (por escolher), 1925;
- C8 - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, “Crítica Literária”, 2º série, nº850, 03-06-1922, p. 535;
- C9 - Reprodução *Correio do Sul*, «Júlio Dantas”. O lindíssimo», nº111, 1922-05-14, p. 2;
- C10 - José Dias Sancho, *Palmadinhas nos Carecas* e reprodução de páginas (por escolher), 1917;
- C11 - José Dias Sancho, *A Ceia dos Cábulas* e reprodução de páginas (por escolher); 1914;
- C12 - José Dias Sancho, *Ídolos de Barro - 1. º volume (Albino Forjaz Sampaio)* e reprodução de páginas (por escolher), 1920;
- C13 - José Dias Sancho, *Ídolos de Barro - 2. º volume (Júlio Dantas)* e reprodução de páginas (por escolher) 1922;

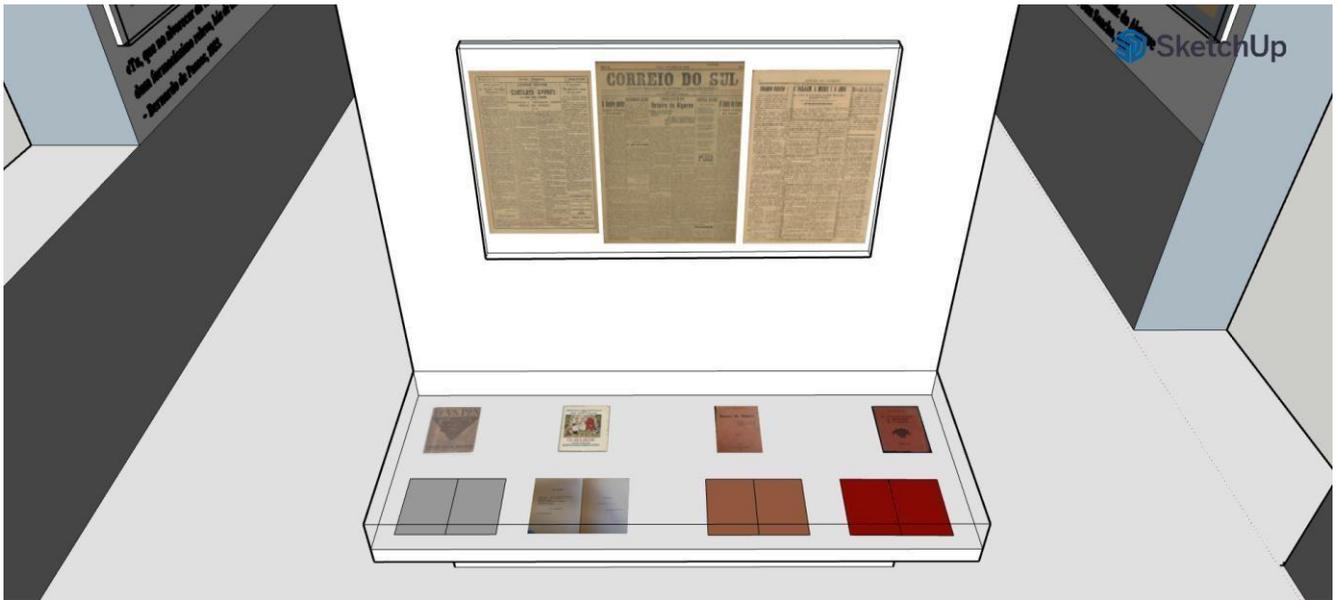


Figura e - Maqueta 3D do módulo documental 3, lado 1 – pormenor (Joana Galvão: 2024)



Figura f - Maqueta 3D do módulo documental 3, lado 2 - pormenor (Joana Galvão: 2024)

Documentos presentes nas vitrines do módulo documental 4:

- D1 - Reprodução *Correio do Sul*, «Crónica da Semana», «Regionalismo e Arte», nº23, 1920-07-11,p. 1;
- D2 - Reprodução *Correio do Sul*, «Em Arte o que é o Regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro», nº 395, 1925-09-20, p. 1;
- D3 - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «A Canção da Amendoeira em Flor», nº 837, 1922-03-04, p. 195;
- D4 - Reprodução *Ilustração Portuguesa*, «Estrada Nova», nº 850, 1922-06-03, pp. 522-523;
- D5 - Reprodução *Alma Nova*, «Baile do Campo», nº2 (3º série), 1922-05/06, pp. 24-25;
- D6 - Reprodução *Correio do Sul*, «Crónica da Semana», «Olhão», nº 70, 1921-07-11, pp.1-2;
- D7 - Bernardo de Passos, *A Árvore e o Ninho* e reprodução de páginas (por escolher),, 3º edição, 1951;
- D8 - Boaventura de Passos, *Aldeia em Festa* e reprodução de páginas (por escolher), 1942;
- D9 - Vitor de Melo, *Rosalina de Passos: uma grande escultora algarvia* e reprodução de páginas (por escolher), 1945;
- D10 - Carta de José Dias Sancho para Bernardo de Passos, 21-08-1921;
- D11 - Carta de Bernardo de Passos para José Dias Sancho, dezembro.

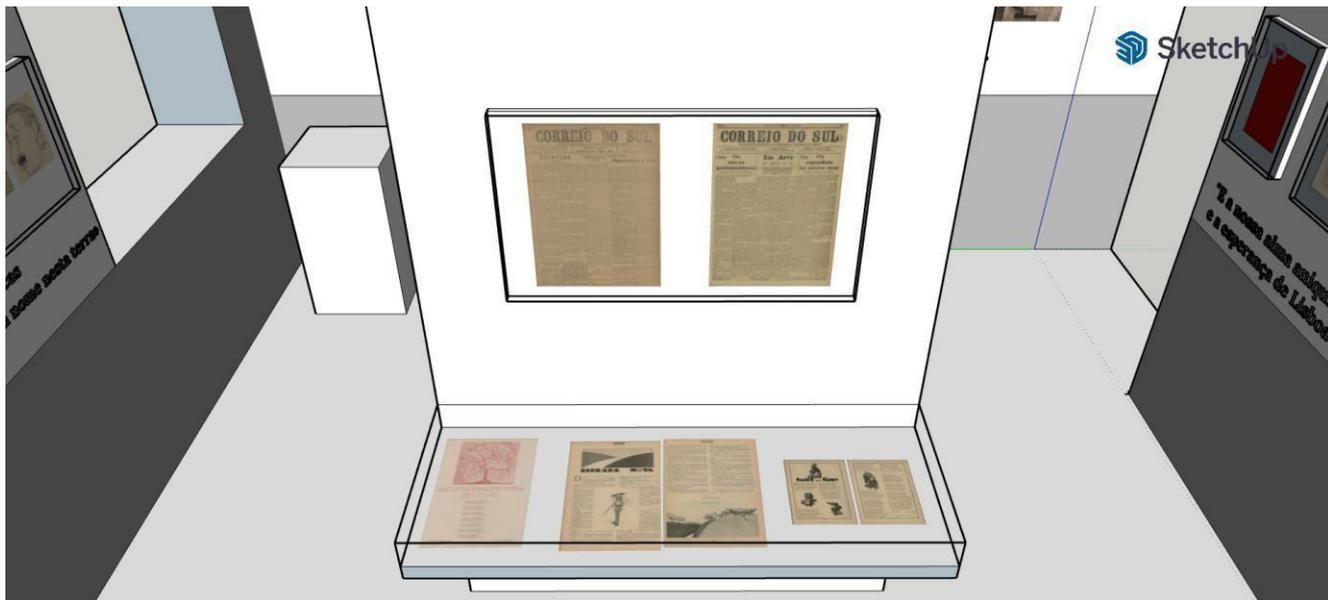


Figura g - Maqueta 3D do módulo documental 4, lado 1 - pormenor (Joana Galvão: 2024)

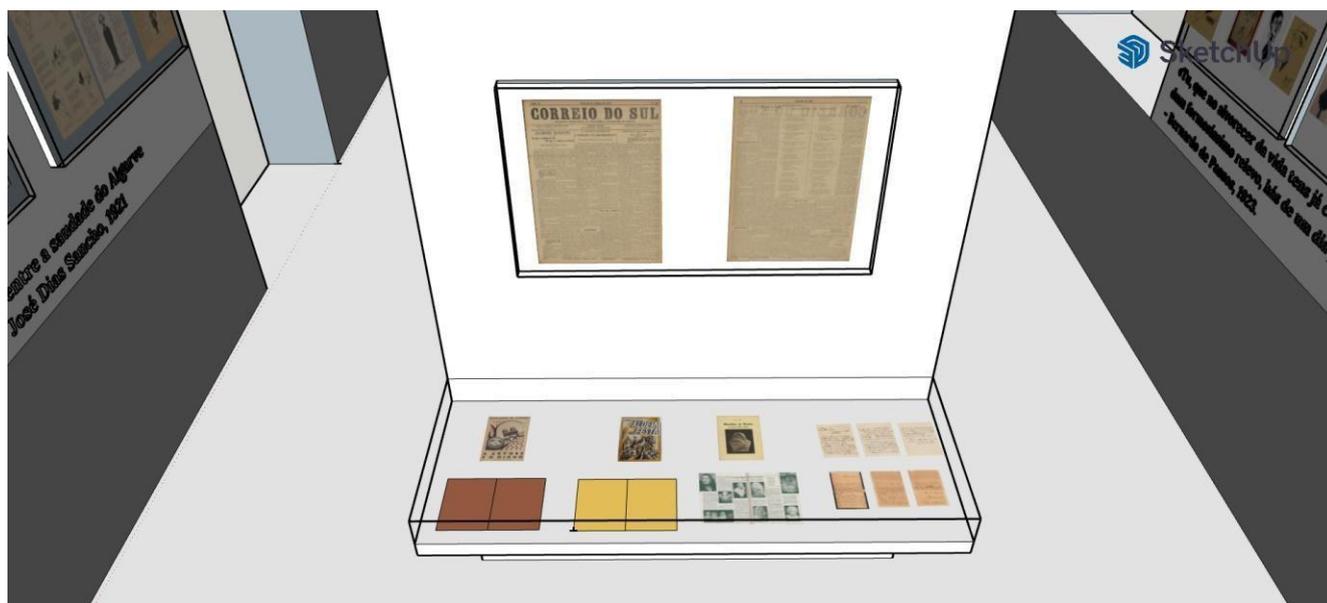


Figura h - Maqueta 3D do módulo documental 4, lado 2 - pormenor (Joana Galvão: 2024)

Apêndice II

- Folhas de Sala

A folha de sala é uma maneira acessível e eficaz de conectar o público com o conteúdo das exposições, é uma ferramenta fundamental para o entendimento do trabalho artístico e da curadoria. Por norma, contem informação explicativa acerca do tema central da exposição e dados elucidativos sobre as obras expostas, deste modo auxiliando a criação de uma experiência mais imersiva e educativa para os espetadores.

De acordo com o que foi anteriormente referido no subcapítulo 2.3 (Transformação proposta para a Sala 33), a abordagem curatorial proposta para as três exposições deste projeto recusa a utilização de tabelas informativas acerca das peças e artistas junto das obras, uma vez que o uso destas poderá prejudicar visualmente a experiência da exposição para o espetador. Inclusive, foi definido que as três exposições irão possuir algum tipo de informação nas paredes, na forma de frases-chave de autoria de José Dias Sancho ou de outras figuras pertinentes da época no caso das exposições “José Dias Sancho – Modernismo e Regionalismo” no Museu Municipal de Faro e na exposição “José Dias Sancho – O Regresso à Terra” no Museu do Traje de São Brás de Alportel; e na exposição “José Dias Sancho – Caricaturista, Humorista e Polemista” no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa, é sugerida a apresentação de pequenas biografias acerca das figuras caricaturadas. Portanto, dispor de tabelas informativas seria excessivo e apenas perturbaria a experiência do espetador.

Contudo, é tido em consideração que esta rejeição de informação iria suceder numa falha de comunicação e compreensão entre o espetador e as exposições, pois a informação acerca dos artistas, e do tema central das exposições contribui para a contextualização conceptual e histórica. Deste modo, a intervenção curatorial não iria cumprir com o seu objetivo de mediação entre o público e o tema apresentado. Por estes motivos, é proposto a criação de uma folha de sala para cada uma das exposições. Estas irão albergar a legendagem de cada obra e de cada documento exposto, enquanto cada exposição irá dispor de um texto de parede introdutório ao tema tratado.

Por conseguinte, são apresentadas três sugestões de folhas de sala:



Fig. A1 - Proposta da folha de sala para a exposição “José Dias Sancho – Modernismo e Regionalismo” no Museu Municipal de Faro – exemplo (Joana Galvão, 2025).



Fig. A2 - Proposta da folha de sala para a exposição “José Dias Sancho – Modernismo e Regionalismo” no Museu Municipal de Faro – exemplo (Joana Galvão, 2025).

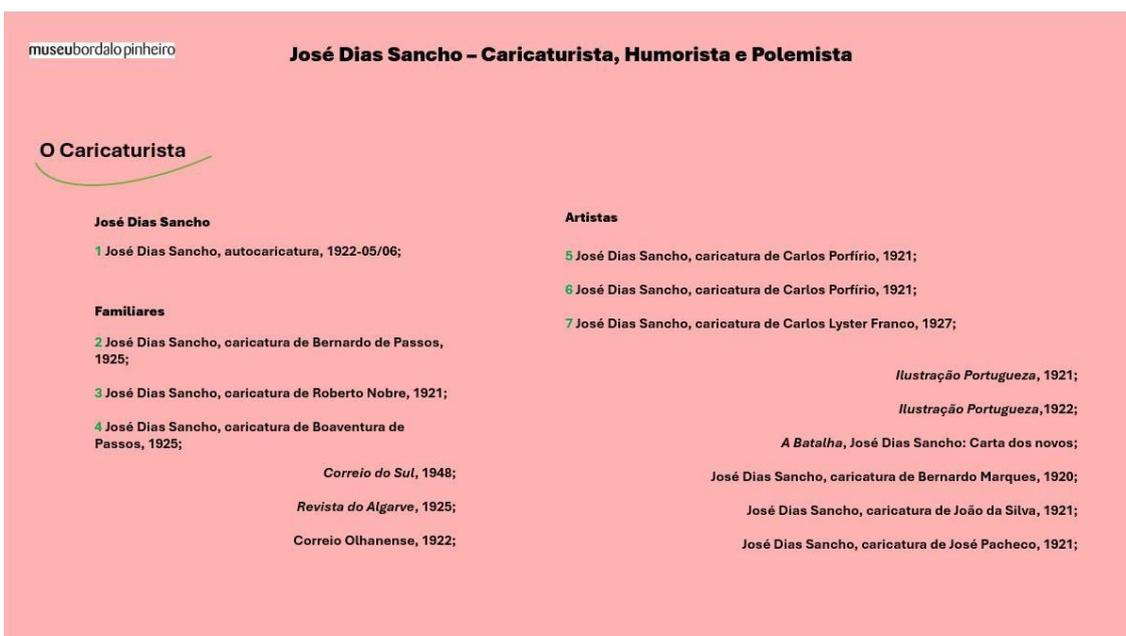


Fig. A3 - Proposta da folha de sala para a exposição “José Dias Sancho – Caricaturista, Humorista e Polemista” no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa – exemplo (Joana Galvão, 2025).

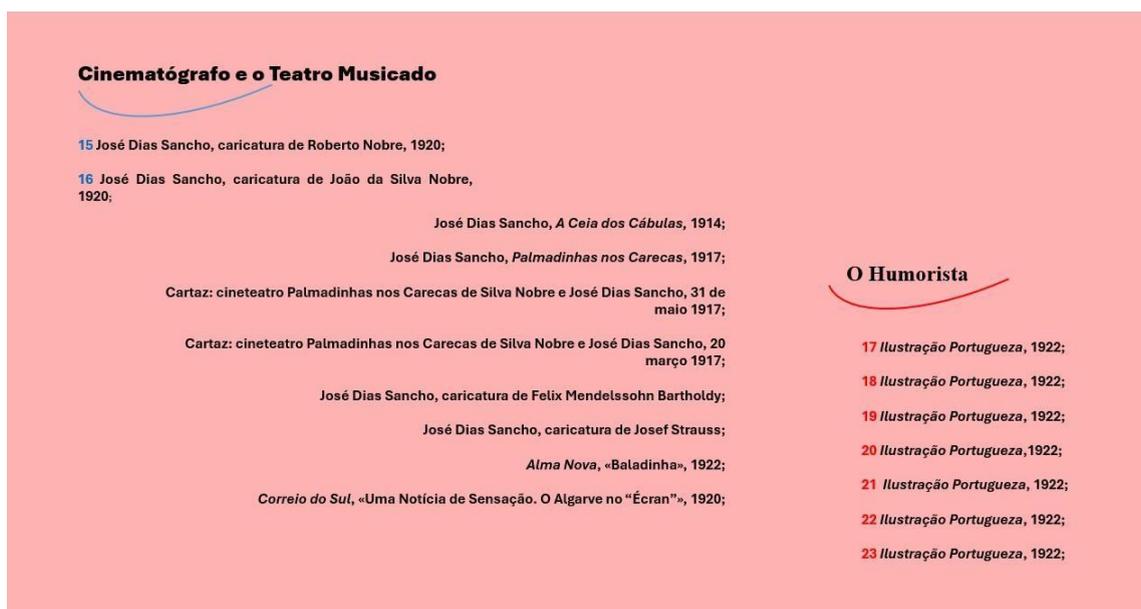


Fig. A4 - Proposta da folha de sala para a exposição “José Dias Sancho – Caricaturista, Humorista e Polemista” no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa – exemplo (Joana Galvão, 2025).



Fig. A5 - Proposta da folha de sala para a exposição “José Dias Sancho – O Regresso à Terra” no Museu do Traje de São Brás de Alportel – exemplo (Joana Galvão, 2025).

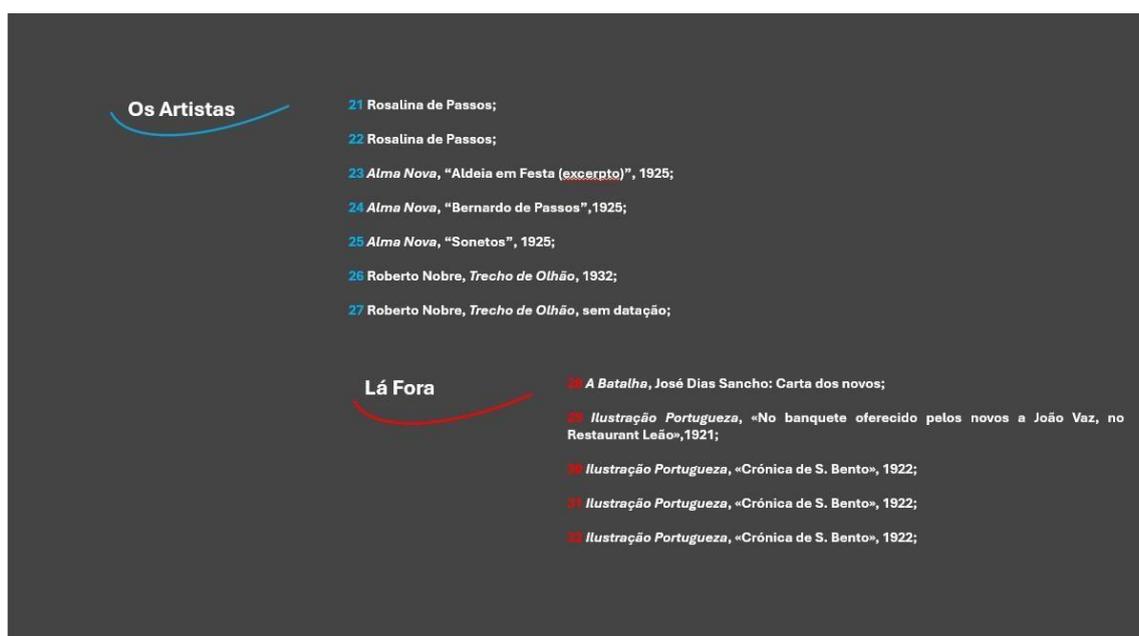


Fig. A6 - Proposta da folha de sala para a exposição “José Dias Sancho – O Regresso à Terra” no Museu do Traje de São Brás de Alportel – exemplo (Joana Galvão, 2025).

- Percursos expositivos

Em relação aos percursos expositivos das três exposições deste projeto foram optados percursos diretos e simples, o único desvio é feito entre os módulos de apoio nas exposições no Museu Municipal de Faro e no Museu do Traje de São Brás de Alportel. Na exposição no Museu Municipal de Faro foi escolhido um trajeto da esquerda para a direita, contrariamente à articulação da sala que habitualmente apresenta um circuito da direita para a esquerda. Outro ponto, a sala de Exposições Temporárias do Museu do Traje de São Brás de Alportel possui três portas, sendo a porta da parede esquerda a preferencialmente utilizada para a entrada e a porta posicionada mais à esquerda na parede perpendicular usada para a saída do espetador da exposição. Na nossa exposição utilizamos a mesma porta para a entrada e a saída da exposição (figura C), embora os visitantes possam utilizar o percurso normalmente utilizado para visitar a exposição (figura D).

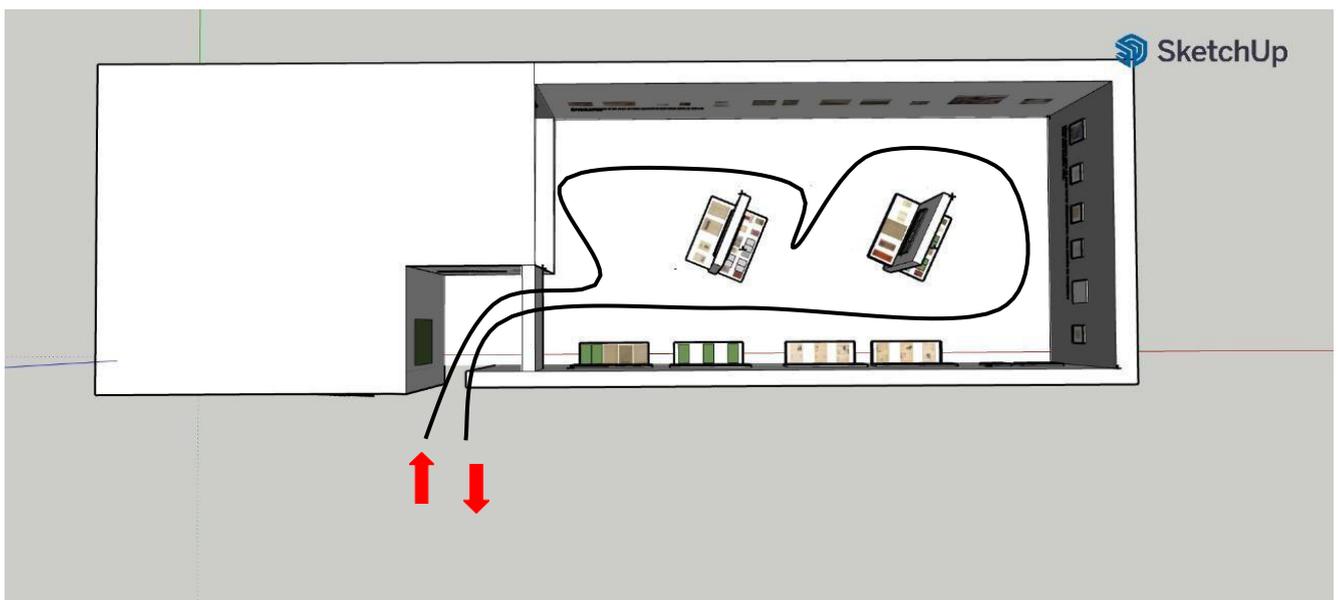


Figura A - Maqueta 3D - plano do circuito expositivo sugerido para a exposição no Museu Municipal de Faro (Joana Galvão: 2024).

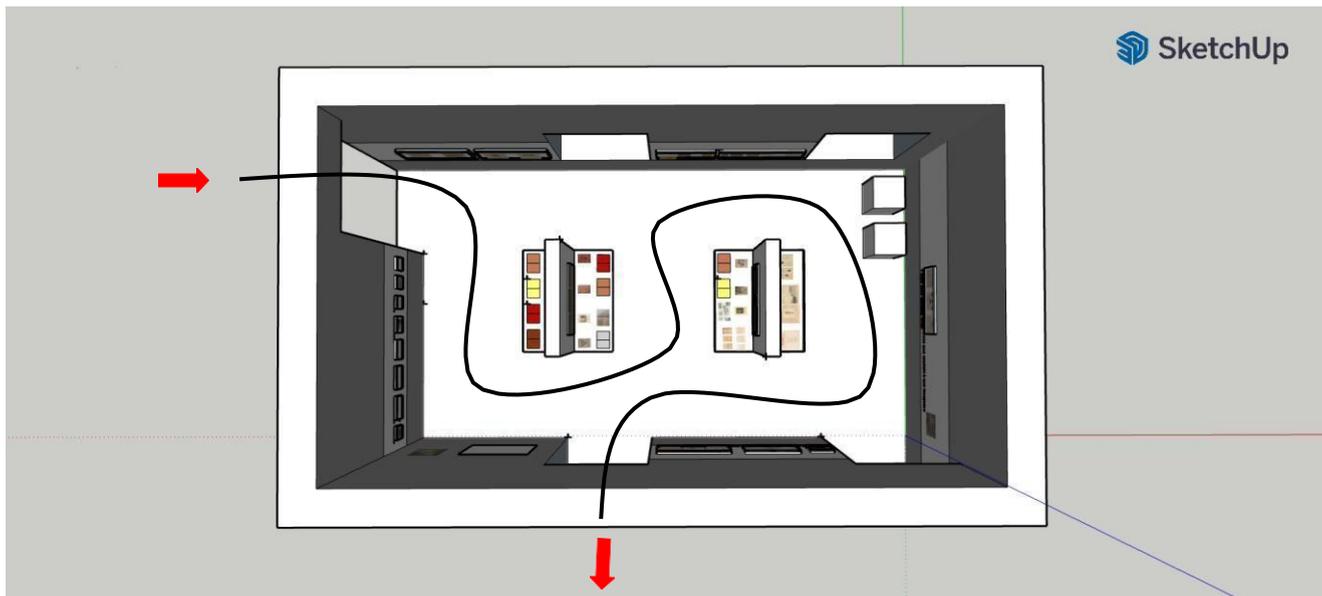


Figura D - Maqueta 3D – segundo plano do circuito expositivo sugerido para a exposição no Museu do Traje de São Brás de Alportel (Joana Galvão: 2024).

- Módulos documentais

Em relação aos módulos documentais existentes nas exposições de Faro e São Brás de Alportel, ambas as salas são amplas e medem cerca de 6m de largura e 12m de comprimento e 4,45m de largura e 8m de largura respetivamente. Os quatro módulos documentais ocupam 1,60m por 1,40m na diagonal no centro de ambas as salas, pelo que restam cerca de 2,20m e 3,20m nas laterais e 2,50m entre os módulos na exposição de Faro, e cerca de 1,55m e 1,50m nas laterais e 1,40m entre os módulos na exposição de São Brás de Alportel. Desta forma, os visitantes têm a possibilidade de circularem livremente e observar um maior número de obras, como se pode constatar pelas imagens a seguir apresentadas.

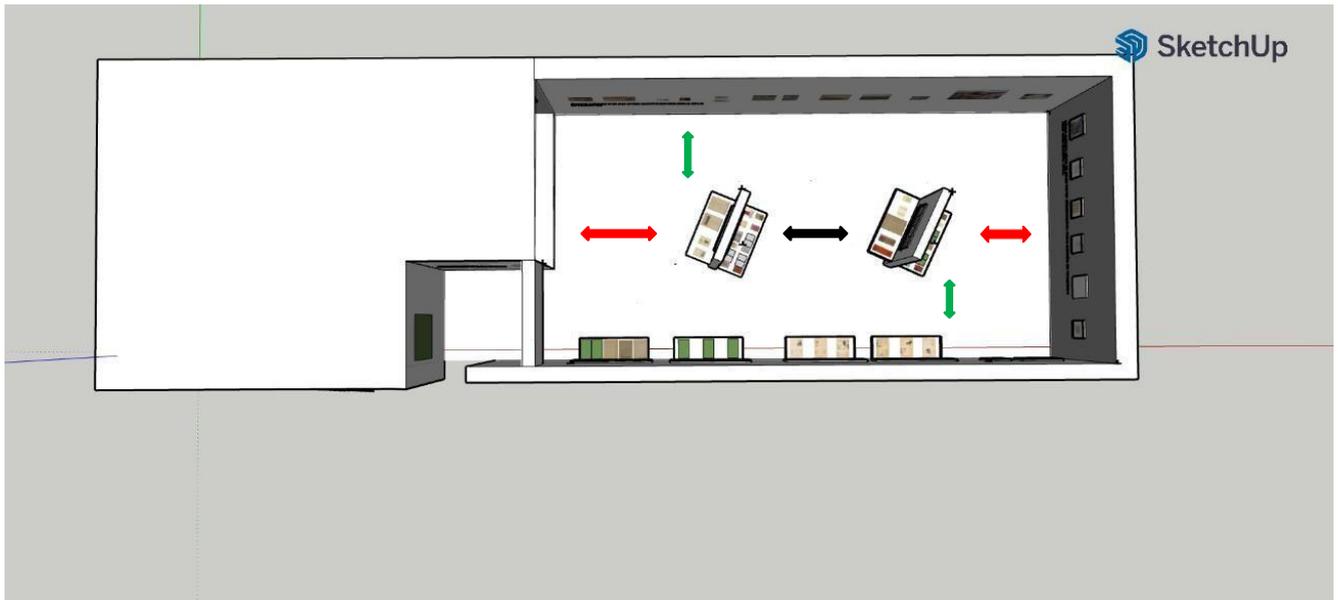


Figura E - Distâncias entre os móveis e as laterais no Museu Municipal de Faro (Joana Galvão: 2024)

- Aproximadamente 2,20m de largura
- Aproximadamente 3,20 de largura
- Aproximadamente 2,50m de largura

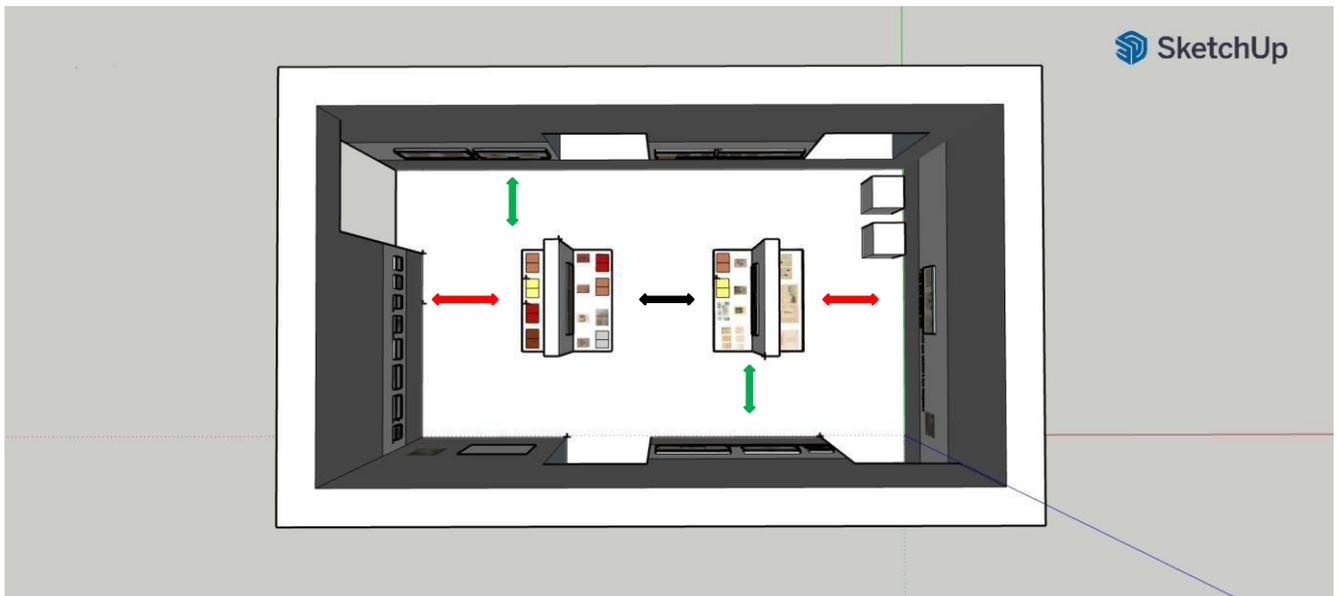


Figura F - Distâncias entre os móveis e as laterais no Museu do Traje de São Brás de Alportel (Joana Galvão: 2024)

-  - Aproximadamente 1,45m de largura
-  - Aproximadamente 1,80m de largura
-  - Aproximadamente 1,60m de largura

- Climatização

Outro ponto de relevo refere-se à climatização da sala. As obras de arte são sensíveis às alterações de temperatura e humidade relativas ao espaço onde estão inseridas, de maneira que existem equipas de conservação e restauro em todos os museus.

Contudo, apenas o Museu Municipal de Faro possui um termo-higrómetro digital³² na sala na qual irá decorrer a nossa exposição. Este aparelho conserva uma temperatura e uma percentagem de humidade específica dentro da sala que não deve ser alterada. Neste contexto, a maioria das obras expostas dizem respeito a obras em suporte de tela e papel. Estes deverão estar inseridos numa sala com 45% até 55% de humidade e com temperatura entre os 18 e 22 graus celsius. No entanto, deverá existir algum cuidado com a estação do ano em que a exposição estará a decorrer. Esta exposição inicial foi proposta realizar-se entre os meses de junho e de outubro, o que compreende pelo menos duas estações (verão e outono). As necessidades relativas à temperatura e humidade devem ser controladas consoante as oscilações meteorológicas e ou acontecimentos atmosféricos. Porém, as alterações de temperatura e humidade na sala deverão ser o mínimas, estando sob o controlo do departamento de Conservação e Restauro do próprio museu. As restantes exposições, no Museu Bordalo Pinheiro de Lisboa e no Museu do Traje de São Brás de Alportel não possuem este aparelho, o que resulta na necessidade de controlo por parte do departamento de Conservação e Restauro de cada museu.

³² Aparelho de medição que regista o valor máximo e mínimo da temperatura e da humidade de um determinado espaço exterior ou interior.

- Biografias apresentadas na exposição “José Dias Sancho – Caricaturista, Humorista e Polemista” no Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa
- Bernardo de Passos (São Brás de Alportel, 1876 - 1930)

Bernardo de Passos foi um notável poeta algarvio marcado pela sua sensibilidade, modéstia e solidariedade. Nascido e criado numa família dotada para as letras e para as artes, começou desde muito cedo a publicar as suas poesias em jornais do Algarve. Filho de pai jornalista e defensor convicto da República, Bernardo de Passos abraçou os ideais republicanos e manifestou na sua obra preocupações sociais e, com grande subtileza, críticas a favor dos mais desfavorecidos. Igualmente apresentava temas como a natureza, a mulher, a paisagem algarvia e a política. Por palavras de Dias Sancho: “a sua vida era a vida do coração, não contava a forma exterior, contava a alma!” (Sancho, 1950).

Nomeado administrador do concelho de Faro e, posteriormente, secretário da Câmara Municipal de Faro, profissionalmente Bernardo de Passos deteve cargos de farmacêutico, solicitador e escrivão de juízo de paz. Simultaneamente colaborou em diversos jornais revistas e periódicos e, em 1920, juntamente com António Crisóstomo dos Santos (1878-1951) e José Dias Sancho, fundou e dirigiu o jornal *Correio do Sul*, cargo que ocupou até ao seu precoce falecimento.

- Roberto Nobre (São Brás de Alportel, 1903 - Lisboa, 1969)

Artista multifacetado, Roberto Nobre foi cineasta, crítico de cinema, ilustrador gráfico e pintor da segunda geração de pintores modernistas portugueses. Como ilustrador gráfico, marca uma presença fundamental, embora nem sempre se lhe tem dado a atenção que merece. É autor de inúmeras ilustrações publicadas em periódicos, jornais, revistas e capas de livros, grande parte da autoria de Ferreira de Castro (1898-1974) e também de autores algarvios como Emiliano da Costa (1884-1968) e seus familiares Bernardo de Passos e Boaventura Passos.

No campo do cinema, destacam-se alguns dos seus escritos, como: *Singularidades do cinema português* (1964) e *Horizontes de cinema* (1939), e a sua colaboração como

assistente de Albert Durot, o que resultou numa curta-metragem intitulada “Charlotin e Clarinha”, rodada pelo território algarvio entre 1923 e 1925.

– Boaventura de Passos (São Brás de Alportel, 1885 - São Brás de Alportel, 1935)

Figura notável, Boaventura foi escritor, poeta, jornalista, desenhador e caricaturista. Tal como o seu irmão mais velho, Bernardo de Passos, abraçou os ideais republicanos defendidos pelo seu pai e fez críticas sociais, através do traço e da escrita.

Como jornalista, fundou e dirigiu o jornal “Ecos do Sul” em 1912, e enquanto poeta colaborou em diversos jornais da época onde publicava obras dispersas. Embora tenha produzido várias obras literárias, nenhuma foi publicada enquanto era vivo, apenas sendo reunida e editada em volume postumamente, iniciativa do seu filho Bernardo de Passos, tal como o tio poeta. Em 1988 a Câmara Municipal de São Brás de Alportel editou a obra “Aldeia em Festa”, na qual se destaca o gosto pela crítica irónica de Boaventura.

– Carlos Porfírio (Faro, 1895 - Faro, 1970)

Um artista eclético, Porfírio foi uma das figuras centrais das dinâmicas culturais algarvias durante a 1ª República no âmbito do futurismo e dos primeiros modernismos. Cultivou a arte da pintura, do cinema, da poesia, da museologia e da etnologia.

No ano de 1913, parte para Lisboa para estudar na Faculdade de Belas Artes, contudo, nunca termina a sua instrução, mas fica completamente imerso nos círculos modernistas da época. Especialmente evidente na sua posição como diretor da revista “Portugal Futurista”, lançada em 1917, revista fundamental para entender o modernismo português, publicada dois anos após a publicação da revista Orpheu. Embora tenha saído um único número, a sua apreensão imediata é bem reveladora do conteúdo. Nesta, foram publicados muitos dos artistas que faziam parte de Orpheu, como Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), Fernando Pessoa (1888-1935), Raul Leal (1886-1964), Almada Negreiros e Guilherme de Santa-Rita (1889-1918).

Posteriormente, em 1962, foi o fundador e diretor do Museu Etnográfico Regional de Faro (atual Museu Regional do Algarve). Porfírio realizou uma enorme recolha, da qual resultou num espólio de cerca de 1400 peças. Desde utensílios de trabalho (pesca, trabalho agrícola e artesanal, indústrias domésticas), mobiliário e utensilagem doméstica, até várias pinturas do próprio artista, onde são retratadas diversas lendas algarvias.

– Carlos Lyster Franco (Lisboa, 1879 – Faro, 1959)

Embora oriundo de Lisboa, Lyster Franco foi um dos maiores defensores dos interesses da região algarvia. Pai de Mário Lyster Franco (1902-1984), figura que se distinguiu como jornalista e político igualmente na cidade de Faro, e avô de Luís Lyster Franco, investigador e professor.

Pintor, escritor e jornalista, Carlos Lyster Franco estudou na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde conquistou diversos prémios pelas suas obras, muitas delas pinturas históricas. Entre 1912 e 1917 foi diretor do jornal *O Herald*, jornal no qual criou uma secção literária, denominada de “Gente Nova”, dedicada à literatura vanguardista que, mais tarde, passou a ser intitulada de “Futurismo”. Nesta colaboraram artistas fundamentais como: Mário Sá-Carneiro (1890-1916), Fernando Pessoa (1888-1935), José Almada Negreiros (1893-1970), Carlos Porfírio, e o seu filho, Mário Lyster Franco.

Posteriormente, foi diretor e professor de desenho na atual Escola Secundária Tomás Cabreira de Faro, responsável pelo departamento de Arte na Comissão Reorganizadora do Museu Arqueológico Infante D. Henrique (atual Museu Municipal de Faro) e, no ano de 1919, foi presidente e vereador da Câmara Municipal de Faro.

– Julião Quintinha (Silves, 1885 – Lisboa, 1968)

Um reconhecido jornalista e escritor português, Julião Quintinha desempenhou um importante papel na direção das associações que vieram a dar origem à Casa da Imprensa de Lisboa.

Em 1910, juntamente com Henrique Martins (1916-1982), fundou o jornal *Alma Algarvia*, órgão de comunicação de grande relevo. Contudo, uma década depois partiu

para Lisboa, época em que se dedicou totalmente ao jornalismo e, conseqüentemente, alcançou vários cargos nesse campo. Desde editor da revista *Seara Nova*, subchefe de redação do jornal *República*, chefe de redação do *Diário da Tarde*, do *Diário da Noite* e do *Jornal da Europa*. De igual modo, foi colaborador de diversas revistas e periódicos tais como a revista *Alma Nova* e o periódico *Contemporânea*.

– Victor Falcão (Lisboa, 1886 – Ericeira, 1966)

Jornalista, escritor e figura de reconhecido valor na esfera artística e literária nacional.

No ano de 1907, com apenas com 21 anos, assumiu a direção da revista *Ilustração Popular* e, poucos anos depois (mais especificamente em 1912), desempenhou o cargo de chefe de redação do jornal “A Capital”. Na década de 20, fundou e dirigiu a *Revista Portuguesa*, assumindo o papel de crítico artístico e literário. Posteriormente organizou o Grupo do Tavares, no qual reunia artistas monárquicos com ideias modernistas e futuristas, tais como Guilherme Santa-Rita (1889-1918), Amadeu de Sousa Cardoso (1887-1918), José de Almada Negreiros e Eduardo Viana (1881-1967).

No final da década de 1920 partiu para Bruxelas, foi colaborador de diversas revistas belgas e realizou uma série de conferências e exposições em universidades e institutos sobre a cultura e história portuguesas. No entanto, manteve o contacto com Portugal, colaborando igualmente em inúmeros jornais e periódicos nacionais.

– Álvaro de Castro (Guarda, 1878 – Coimbra, 1928)

Uma essencial figura da política portuguesa, Álvaro de Castro foi major de infantaria, político português da primeira República e, por duas vezes, presidente do Ministério (atual cargo de primeiro-ministro).

Foi, inclusive, um dos chefes que liderou a Revolução de 14 de maio de 1915, o golpe de estado que conseguiu derrubar o governo do presidente do ministério, Pimenta de Castro (1846-1918). Ainda no mesmo ano, a 31 de outubro de 1915, foi governador-geral de Moçambique até 17 de dezembro de 1917, ano que se demitiu do cargo devido à tomada do poder de Sidónio Pais (1872-1918) em Lisboa. No ano de 1920, fundou e

liderou o seu próprio partido: Partido Republicano de Reconstituição Nacional, uma dissidência do Partido Liberal Republicano, resultante da fusão dos Partidos Republicano Evolucionista e Unionista.

Postumamente, foi condecorado com a – atualmente extinta - Ordem Nacional honorífica portuguesa: grã-cruz da Ordem do Império.

– Bernardino Machado (Rio de Janeiro, 1851 – Vila Nova de Famalicão, 1944)

Presidente da República Portuguesa por duas vezes, primeiro de 5 de outubro de 1915 até 5 de dezembro de 1917 e, posteriormente, em 1925 volta à presidência, no entanto um ano depois é destituído pela revolução militar de 28 de maio de 1926, que instituiu a Ditadura Militar e abriu caminho à instauração do Estado Novo.

Machado foi o único presidente da República Portuguesa nascido fora do território nacional, contudo estudou na Universidade de Coimbra, e em 1879 foi nomeado professor catedrático da mesma Universidade. Em 1886, fica responsável pela cadeira de Antropologia, cadeira criada por sua iniciativa no ano anterior, marcando um dos pontos altos da sua atividade docente. No ano de 1890, em virtude da sua notável progressão académica, Machado preside à Academia de Estudos Livres, uma organização cívica que promovia a educação popular.

– Júlio Dantas (Lagos, 1876 – Lisboa, 1962)

Reconhecido como um dos mais conhecidos intelectuais portugueses das primeiras décadas do século XX, Júlio Dantas foi escritor, médico, político e diplomata. Cultivou vários géneros literários como poesia, romance e jornalismo, mas as suas obras dramáticas foram as mais célebres, em especial a obra “A Ceia dos Cardeais”, de 1902. Na sua vasta obra defende o culto do heroísmo, do amor e da elegância, situando o enredo das suas obras quase sistematicamente no século XVIII, evidenciando o declínio da vida aristocrática da época.

No entanto, foi considerado retrógrado por alguns, especialmente pelos jovens modernistas da época, como Almada Negreiros e o próprio José Dias Sancho. No mais célebre caso, o de Almada Negreiros, o artista dedicou-lhe a obra: Manifesto Anti-Dantas, publicada no segundo número da Revista Orpheu, em 1915, onde Almada utiliza Dantas como o símbolo das posições críticas e conservadoras contra o movimento modernista português.

– Almada Negreiros (Trindade, 1893 – Lisboa, 1970)

Um artista central da primeira geração de modernistas portugueses, José Sobral de Almada Negreiros marcou indiscutivelmente a evolução da cultura contemporânea portuguesa ao nível plástico e literário.

Este artista, autodidata, estreia-se no ano de 1911 com os seus primeiros desenhos e caricaturas na revista humorística “A Sátira”, e nos dois anos seguintes expõe na Primeira e Segunda Exposição dos Humoristas Portugueses. Em 1915, colabora na revista Orpheu e publica o Manifesto Anti-Dantas, contra a oposição crítica e conservadora ao movimento modernista português, personificada por Júlio Dantas. Posteriormente, em 1919, parte para Paris, no entanto, a sua estadia é breve, abandonando a cidade e regressando a Portugal apenas um ano depois. Nesta época participa nos acontecimentos mais relevantes ligados ao modernismo e futurismo, tais como a decoração do café A Brasileira e do Bristol Club e a exposição “Cinco Independentes”, de 1923, na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, um marco na afirmação do modernismo em Portugal na década de 1920.

Almada foi um artista total, não se fixando apenas num domínio único, um artista que explorou imensas vertentes desde a pintura, o desenho, o teatro, mas, como referiu o mesmo num documentário lançado no ano de 2000 pela RTP2: “O que me interessa a mim é o espetáculo”.

– Film Sancho Limitada

Empresa de cinema criada por José Dias Sancho em 1919, primeira na região do Algarve. Apesar de não ter sobrevivido nenhum filme nem fotograma até aos dias de hoje e ter perdurado por apenas um ano, sabe-se que a sua produção mais ambiciosa foram os Filme Panorâmico (Algarvio) n.º 1 e n.º 2. Estas duas partes compunham a obra intitulada: *No Paiz das Mouras Encantadas*, a única que se sabe que teve projeção pública em Portugal. Pouco após a empresa ter sido extinta, o Filme Panorâmico nº1 foi apresentado em Faro, mais especificamente em fevereiro de 1920, e novamente no mês de maio em conjunto com o - suposto desaparecido, mas recentemente recuperado - nº2.

Também se sabe que a empresa foi anunciada numa revista cinematográfica editada a partir de Nova Iorque onde constam algumas notas informativas importantes para a história da empresa. Destaca-se, por exemplo, a notícia que informa que foi exibido o filme «Bênção das Armações» nos salões cinematográficos da Bélgica, França e Suíça. Este filme, rodado no Algarve pela casa editora Film Sancho Limitada, é descrito com um evidente carácter regionalista, motivo que José Dias Sancho sempre defendeu e propagou.

Anexos I

Lista das obras escolhidas
encontradas nos museus

Fundação Calouste Gulbenkian

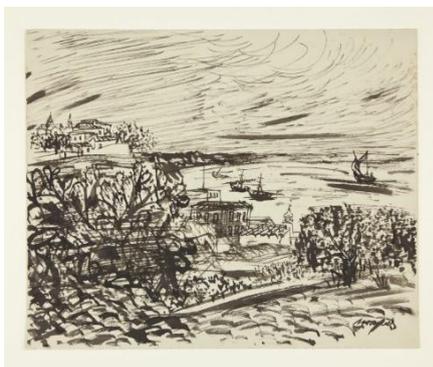
Bernardo Marques

Algarve

Tinta-da-china sobre papel, sem datação

27,1 cm x 40,9 cm

Inv. 06DP2936



Bernardo Marques

Algarve

Tinta estilográfica castanha sobre papel, sem datação

25 cm x 30,4 cm

Inv. 06DP3025

Carlos Porfírio

Paisagem Algarve

Óleo sobre Madeira, sem datação

52 cm x 65 cm,

Inv. 83P1394



António Soares

Sem título

Pastel sobre cartão, 1922

39,4 cm x 31,5 cm

Inv. DP865

António Soares

Sem título

Grafite, Tinta-da-china e Aguarela sobre papel, 1921

24,6 cm x 21,4 cm

Inv. DP971



José Sobral de Almada Negreiros

Sem título

Tinta-da-china, verniz e anilina sobre papel, 1922

29 cm x 22,3 cm

Inv. DP210

José Sobral de Almada Negreiros

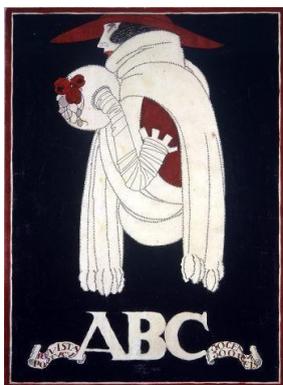
Sem título

Guache diluído sobre papel, 1928

28,9 cm x 42,2 cm

Inv. DP190

Contém uma dedicatória de Almada a António Ferro: “Ao / António Ferro / Ao velho camarada / que me apresentou / na minha querida / conferência "Invenção do DIA Claro"/ Com um grande abraço / do amigo e admirador / Madrid 21 Fev 928 / almada”



Jorge Barradas

Sem título

Tinta-da-china e Guache sobre papel, 1920

31,1 cm x 22,7 cm

Inv. DP995

Jorge Barradas

Sem título

Guache e grafite sobre cartão, 1927

31,4 x 22,7

Inv. DP977



MNAC (Museu Nacional de Arte
Contemporânea) - Museu do Chiado

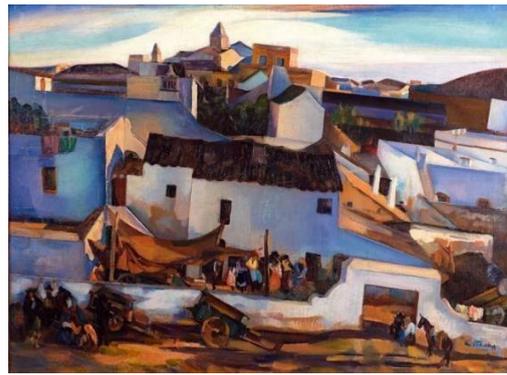
Eduardo Viana

Pousada de ciganos

Óleo sobre tela, 1923

85 cm x 115 cm

Inv. 851



Museu Nacional de Grão Vasco – Viseu

Eduardo Viana

Aspecto de Olhão

Óleo sobre madeira, 1922

30 cm x 40 cm



Casa-Museu Almeida Moreira - Viseu

Raul Marques Carneiro

Poente Tardio, Doca de Faro

Óleo sobre madeira, 1927;

Inv.: MAM 1192



Museu Municipal de Faro – Faro

Roberto Nobre

Trecho d Olhão, sem datação exata;

Inv: RN-00799



Roberto Nobre

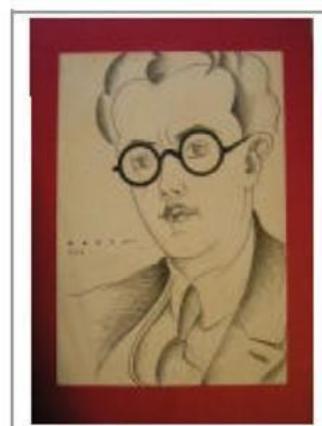
Trecho de Olhão, 1932

Inv: RN-00796

Roberto Nobre

Desenho de José Dias Sancho, 1930

Inv: RN_02157-



Museu do Traje de São Brás de Alportel – São Brás de Alportel

«Deus Pan: Contos rústicos e paisagens»

José Dias Sancho

A Renascença Portuguesa, Lisboa, 1925

Estante: 6

Prateleira: 2

Documento - livro



«A Paisagem a Mulher e o Amor »

José Dias Sancho

Livrarias Aillaud e Bertrand, Lisboa , 1925

Estante: 6

Prateleira: 2

Documento - livro

«El-Rei Bébé»

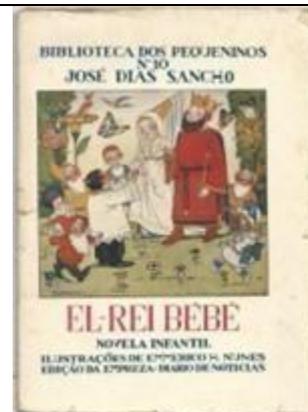
José Dias Sancho

Diário de Notícias, Lisboa, 1928

Entante: 4

Prateleira: 1

Documento - livro



«Canções D' Amor»

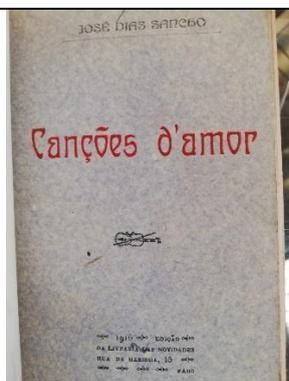
José Dias Sancho

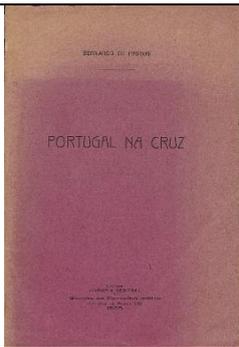
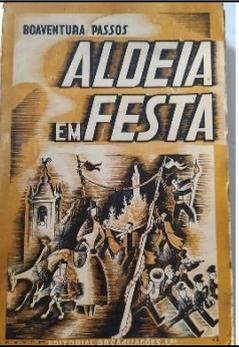
Livraria das Novidades, Faro, 1916

Estante: 6

Prateleira: 2

Documento - livro



<p>«Espalhando Fantasmas» João Lúcio</p> <p>Guimarães Editores, Lisboa, 1921</p> <p>Estante: 6 Prateleira: 3</p> <p>Documento - livro</p>	
	<p>«Portugal na Cruz» Bernardo de Passos</p> <p>Livraria Central, Lisboa, 1909</p> <p>Estante: 6 Prateleira: 3</p> <p>Documento - livro</p>
<p>«Aldeia em Festa» Boaventura de Passos</p> <p>Editorial Organização Lda, Lisboa, 1942</p> <p>Estante: 6 Prateleira: 3</p> <p>Documento - livro</p>	
	<p>«Coplas da revista: Palmadinhas nos Carecas» José Dias Sancho e João da Silva Nobre</p> <p>Tipografia União, Faro, 1912</p> <p>Documento - livro</p>

«Os Ídolos de Barro - Albino Forjaz de S. Paio: Sua autópsia e seu enterro»

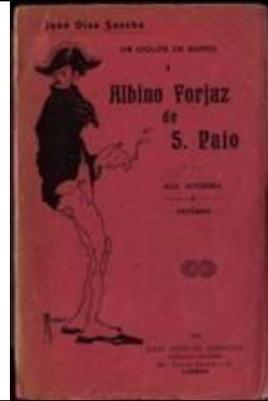
José Dias Sancho

Casa Ventura Abrantes, Lisboa, 1920

Estante: 6

Prateleira: 2

Documento - livro



«Os Ídolos de Barro II - Júlio Dantas»

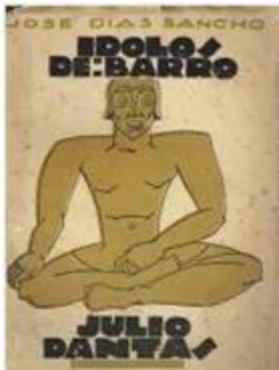
José Dias Sancho

Editora Olhanense Lda; Olhão, 1922

Estante: 6

Prateleira: 2

Documento - livro



«A Ceia dos Cábulas»

José Dias Sancho

Livraria das Novidades, Faro, 1914

Estante: 6

Prateleira: 2

Documento - livro



«A Ceia dos Cardeais»

Júlio Dantas

Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1902

Estante: 6

Prateleira: 4

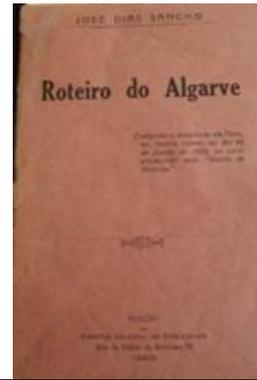
Documento - livro



«Roteiro do Algarve»

José Dias Sancho

Empresa Nac. de Publicidade, Lisboa, 1928



«A árvore e o Ninho»

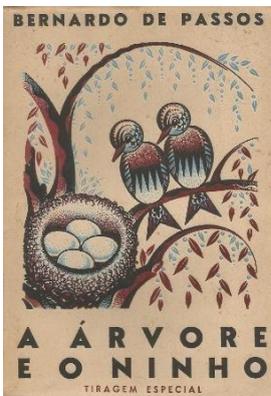
Bernardo de Passos

Casa do Algarve, Lisboa, 1951

Estante: 6

Prateleira: 3

Documento - livro



«Rosalina de Passos: uma grande escultora algarvia»

Vitor de Melo

Gomes & Rogrigues, Lda, Lisboa, 1945

Estante: 4

Prateleira: 2



Rosalina de Passos

Escultura por escolher

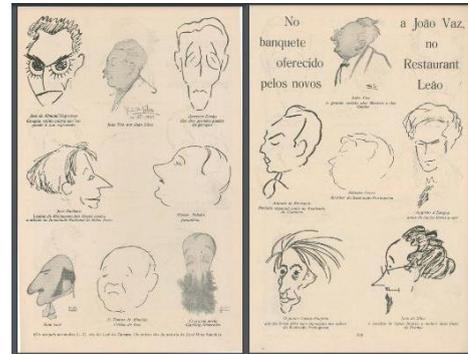
Sem imagem

Lista das obras escolhidas
encontradas nas bibliotecas
(Biblioteca Nacional e Hemeroteca
Digital do Algarve)

«No banquete oferecido pelos novos a João Vaz no Restaurante Leão»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº827, 14 fevereiro de 1923, p.514-515.

Documento - revista



«Olhão, terra cubista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº830, 14 janeiro de 1922, p.43.

Documento - revista



«A Semana Humorista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº848, 20 de maio de 1922, p.472.

Documento - revista



«A Semana Humorista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº849, 27 de maio de 1922, p. 496.

Documento - revista



«A Semana Humorista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº850, 3 de junho de 1922, p. 520.

Documento - revista



«A Semana Humorista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
Nº851, 10 de junho de 1922, p. 554.

Documento - revista



«A Semana Humorista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº852, 17 de junho de 1922, p. 568.

Documento - revista



«A Semana Humorista»

Ilustração Portuguesa, Lisboa,
nº854, 1 de julho de 1922, p. 8.

Documento - revista



«Crítica Literária»

Ilustração Portuguesa, Lisboa

nº850, 03 de junho de 1922, p. 535.

Documento - revista

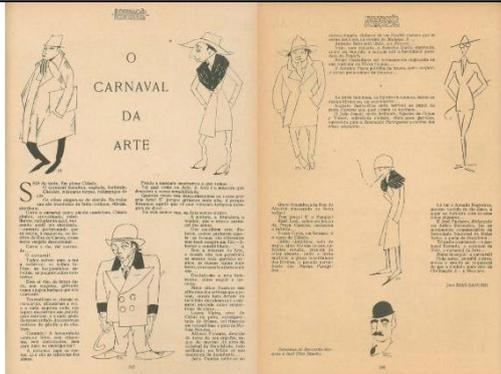


«O Carnaval da Arte»

Ilustração Portuguesa, Lisboa

nº836, 25 de fevereiro de 1922, p.185-186.

Documento - revista



«Crónica de S. Bento»

Ilustração Portuguesa, Lisboa

nº838, 11 de março de 1922, p. 224.

Documento - revista



«Crónica de S. Bento»

Ilustração Portuguesa, Lisboa

nº840, 25 de março de 1922, p. 272.

Documento - revista



«Em arte o que é o regionalismo? – Carta a Ferreira de Castro»

Correio do Sul, Faro,
nº395, 20 de setembro de 1925, p. 1-2.
Documento - jornal



«A Ceia dos Cardiais»

Correio do Sul, Faro,
nº 63, 22 de maio de 1921, p.3.
Documento - jornal



«Já há tabaco! Já há tabaco!»

Correio do Sul, Faro
nº18, 06 de junho de 1920, p. 1.
Documento - jornal



«Editorial. Atividade Literária»

Correio do Sul, Faro
Nº 2110, 10 julho de 1958, p. 4.
Documento - jornal



«Escravaturas»

Correio do Sul, Faro

nº100, 05 de fevereiro de 1922, p. 14.

Documento - jornal



«O Algarve Intelectual.

«O Humorista Algarvio Bernardo Loureiro Marques»

Correio do Sul, Faro

nº14, 09 de maio de 1920, p. 1.

Documento - jornal

«Os Algarvios».

«Falando com José Dias Sancho. De como tem sido a sua vida literária. O que é o seu livro “Julio Dantas”»

Correio do Sul, Faro

nº 118, 28 de maio de 1922, p.1.

Documento - jornal



«Poetas Algarvios. »

«Ouvindo Cândido Guerreiro»

Correio do Sul, Faro

nº 192, 27 de maio de 1923, p2.

Documento - jornal



«Uma Notícia de Sensação. O Algarve no “Écran”»

Correio do Sul, Faro

nº4, 22 de fevereiro de 1920, p.2.

Documento - jornal



«Há 28 anos»



Correio do Sul, Faro

nº1579, 05 de fevereiro de 1948, p.1.

Documento - jornal

Correio do Sul, Faro

nº1, 01 de fevereiro de 1920, p.1

Documento - jornal



«"Julio Dantas". O lindismo»



Correio do Sul, Faro

nº11, 14 de maio de 1922, p.2

Documento - jornal

«Crónica da Semana»
«D. Beltrão de Figueirôa»

Correio do Sul, Faro
nº58, 03 de abril de 1921, p. 2
Documento - jornal



«Albino Forjaz de S. Paio»

Correio do Sul, Faro
nº6, 07 de março de 1920, p. 1
Documento - jornal

«A conferencia de José Dias Sancho. Roteiro do Algarve»

Correio do Sul, Faro
nº593, 01 de julho de 1928, p. 1.
Documento - jornal



«Crónica da Semana»
«Regionalismo e Arte»

Correio do Sul, Faro
nº23, 11 de julho de 1920, p. 1.
Documento - jornal

«Crónica da Semana»

«Olhão»

Correio do Sul, Faro

nº70, 11 de julho de 1921, p. 1-2

Documento - jornal



«Breves palavras a propósito da minha terra»



Alma Nova, Lisboa,

nº25-27 (3.ª série), janeiro/março de 1925,

p. 27-28.

Documento - revista

«Bernardo de Passos» / «Sonetos» /

«Aldeia em Festa»

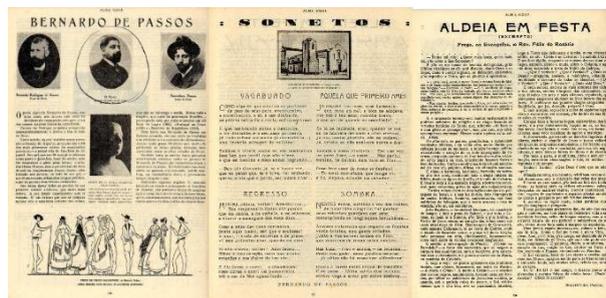
Alma Nova, Lisboa,

nº25-27 (3.ª série),

janeiro/março de 1925,

p.24-25-26.

Documento - revista



«Letras»



Alma Nova, Lisboa

nº2, (3.ª série),

maio/junho de 1922, p. 40

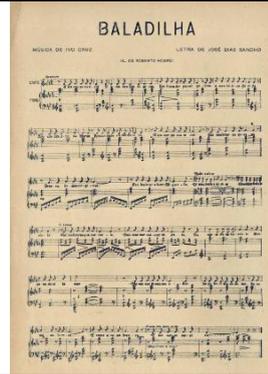
Documento - revista

«Baladinha»

Alma Nova, Lisboa

Nº1 (3º série), abril de 1922, p. 24.

Documento - revista



«Baile do Campo»

Alma Nova, Faro

nº2 (3º série), maio / junho de 1922

p. 24-25

Documento - revista

«A Ceia dos Cábulas. Fragmento»

O Algarve, Faro

nº313, 22 de março de 1922, p.2.

Documento - jornal



«Os poetas algarvios»

«O meu Algarve»

Alma Algarvia, Silves / Portimão,

nº244-245 (3.ª série),

1 de setembro de 1916, p. 174-175.

Documento - jornal

«José Dias Sancho. O seu livro de versos»

Alma Algarvia, Silves

Nº229 (3º série), 15 de janeiro de 1916, p.49.

Documento - jornal



«A Conferencia humorística de Faro.
O Espírito do espiritista e o caracter do caricaturista»

Correio Olhanense, Olhão

nº9, 26 de janeiro de 1922, p. 1.

Documento - jornal

«Livros Novos». «Deus Pan por José Dias Sancho».

«Transcreve-se o interessante capítulo "Baile do Campo"»

Correio Olhanense, Olhão

nº156, 22 de novembro de 1925, p. 2.

Documento - jornal



«O Algarve Intelectual»
«José Dias Sancho visto e entrevistado por Mateus Moreno»

Folha de Alte, Alte

nº38, 15 de setembro de 1923, p.1.

Documento - jornal

«As nossas entrevistas»

«Onde deve ser erigido o monumento a João de Deus»

Folha de Alte, Alte

nº7,30 de março de 1922, p1.

Documento - jornal



«A Paisagem, a Mulher e o Amor nos versos de João Lucio, Candido Guerreiro e Bernardo Passos (Fragmento)»

Notícias do Algarve, Faro

nº101, 04 de junho de 1925, p.4.

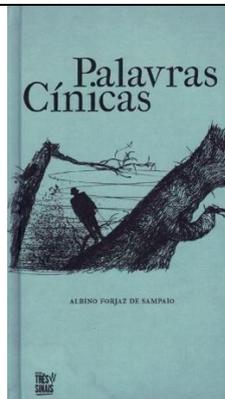
Documento - jornal

«Algarve Pitoresco: revista ilustrada de propaganda e defesa dos interesses do Algarve »

nº1, dezembro de 1935, Faro

CDU: 908(469.6)(051)

Documento - revista



«Palavras Cínicas»

Albino Forjaz

Sampaio

CDU: 821.134.3-7"19"

821.134.3-92"19"

Documento - livro

«Manifesto anti-Dantas e por extenso

/ por José de Almada-Negreiros

poeta d'Orpheu futurista e tudo»

José Sobral de Almada Negreiros

Edição do Auctor, Lisboa

1916

CDU: 821.134.3-17"19"



Lista de obras escolhidas
encontradas na Fundação Mário Soares
e Maria Barroso – Casa Comum

«Uma Crónica de Beleza»

«A Avó da Brasileira por Carlos Malheiro Dias»

Diário de Lisboa, Lisboa

Nº686, 06 de março de 1923, p.3.

Documento - jornal



Lista das obras escolhidas encontradas em coleções particulares

Espólio Lyster Franco

Luís Lyster Franco

lysterfranco@hotmail.com

Cartaz: cineteatro

Palmadinhas nos Carecas

de Silva Nobre e José Dias Sancho

20 março de 1917 –

medidas: 39,5 cm x 15,0 cm

Espólio Luís Lyster

Franco



Cartaz: cineteatro

Palmadinhas nos Carecas

de Silva Nobre e José Dias Sancho

31 de maio de 1917 – reposição com novos

quadros de paródia ao futurismo –

medidas: 46,3 cm x 14,8 cm

Espólio Luís Lyster

Franco



Caricatura de Bernardo de Passos

José Dias Sancho

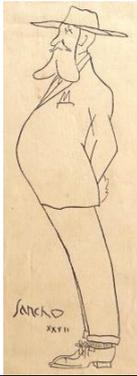
1927



Caricatura de Francisco Xavier Cândido Guerreiro

José Dias Sancho

1927



Caricatura de Carlos Lyster Franco

José Dias Sancho

1927



Caricatura de Josef Strauss

José Dias Sancho

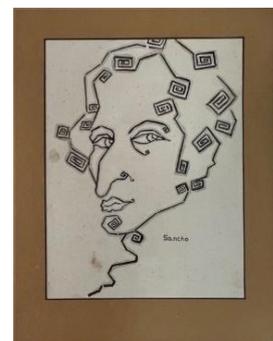
Sem datação exata



Caricatura de Felix Mendelssohn Bartholdy

José Dias Sancho

Sem datação exata



Espólio Arquivo familiar da família Uva (S. Brás de Alportel)

Fotografia de José Dias Sancho

1929-01/02



Espólio Arquivo Maria Luísa Pousão Sancho Moniz Pereira

Fotografia de José Dias Sancho e Maria Helena Pousão Pereira

"Álbum de Família"

São Brás de Alportel

1924-08-04



Fotografia de José Dias Sancho e filha Maria Luísa

"Álbum de Família"

Lisboa

1926-05-14



Fotografia de José Dias Sancho

"Álbum de Família"

São Brás de Alportel

1925-10-26



Fotografia de José Dias Sancho

"Álbum de Família"

Faro

1926-05





Fotografia de José Dias Sancho

"Álbum de Família"

Marim

1928-04-08

Fotografia de José Dias Sancho e Maria Helena

Pousão Pereira

"Álbum de Família"

São Brás de Alportel

1925-03-10



Lista das obras escolhidas encontradas em leiloeiras

Leiloeira Cabral Moncada

Lisboa

info@cml.pt

Tel. +351 21 395 47 81

Carlos Lyster Franco

Paisagem com Sobreiros

Carvão sobre papel, 1939

39 cm x 55 cm



Leiloeira ArtBid

Lisboa

geral@artbid.pt

Tel: (+351) 211 363 576

Carlos Lyster Franco

Bosque com Árvores

Carvão sobre papel, sem datação exata

41 cm x 73 cm



Leiloeira Serralves, Lda

Porto

serralvesantiguidades@gmail.com

Tel: 226 182 469

Raul Carneiro

Casa Algarvia

Óleo sobre madeira, 1926

18,5 cm x 26 cm



Anexos II

Plantas 3D dos três momentos expositivos

“José Dias Sancho - Modernismo e
Regionalismo”

Museu Municipal de Faro

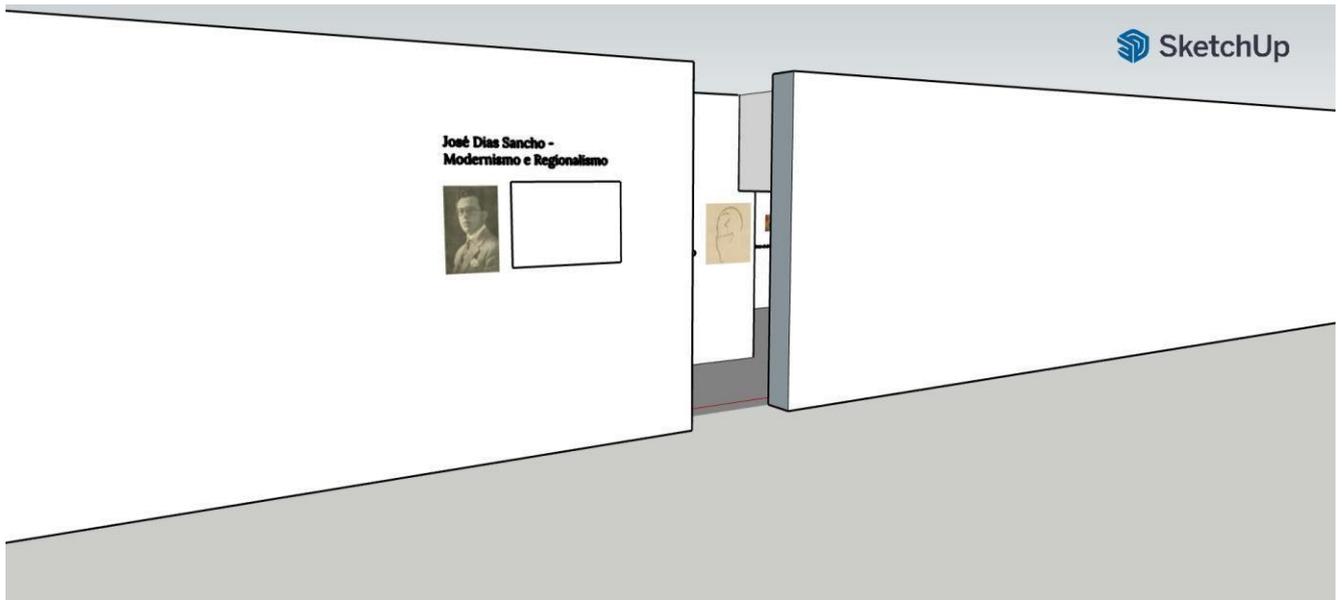


Figura I - Maqueta 3D da parede de entrada (Joana Galvão: 2024)

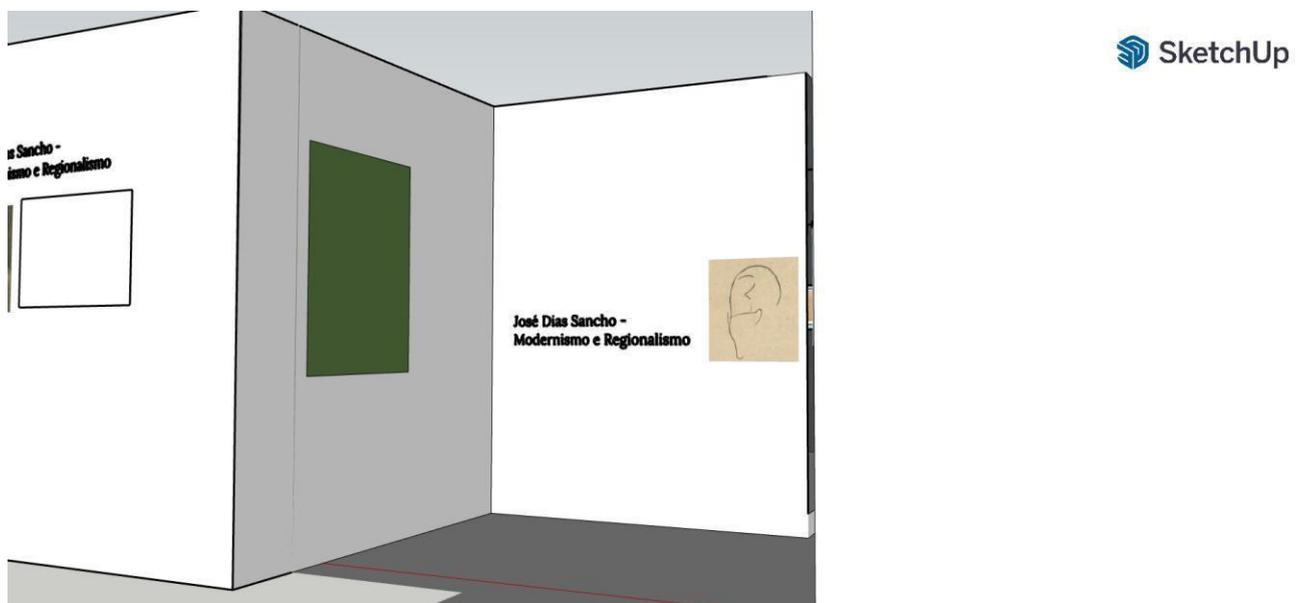


Figura II - Maqueta 3D parede de entrada (interior) (Joana Galvão: 2024)

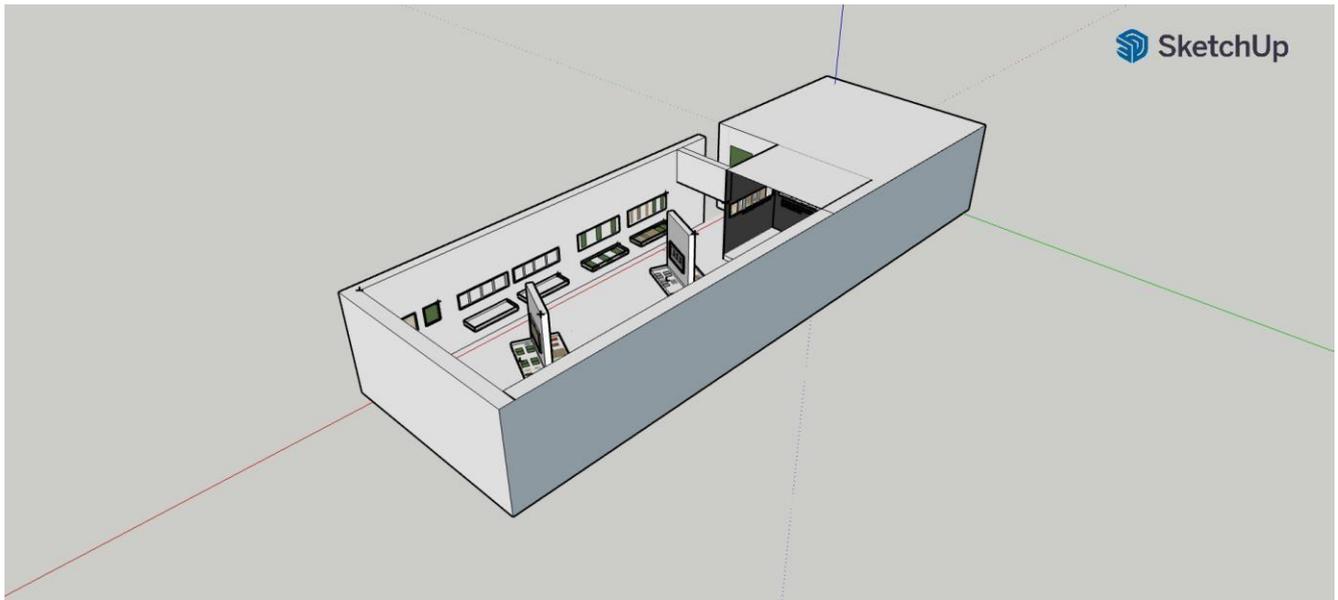


Figura III - Maqueta 3D completa - vista de cima (Joana Galvão: 2024)



Figura IV - Maqueta 3D completa – vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024)

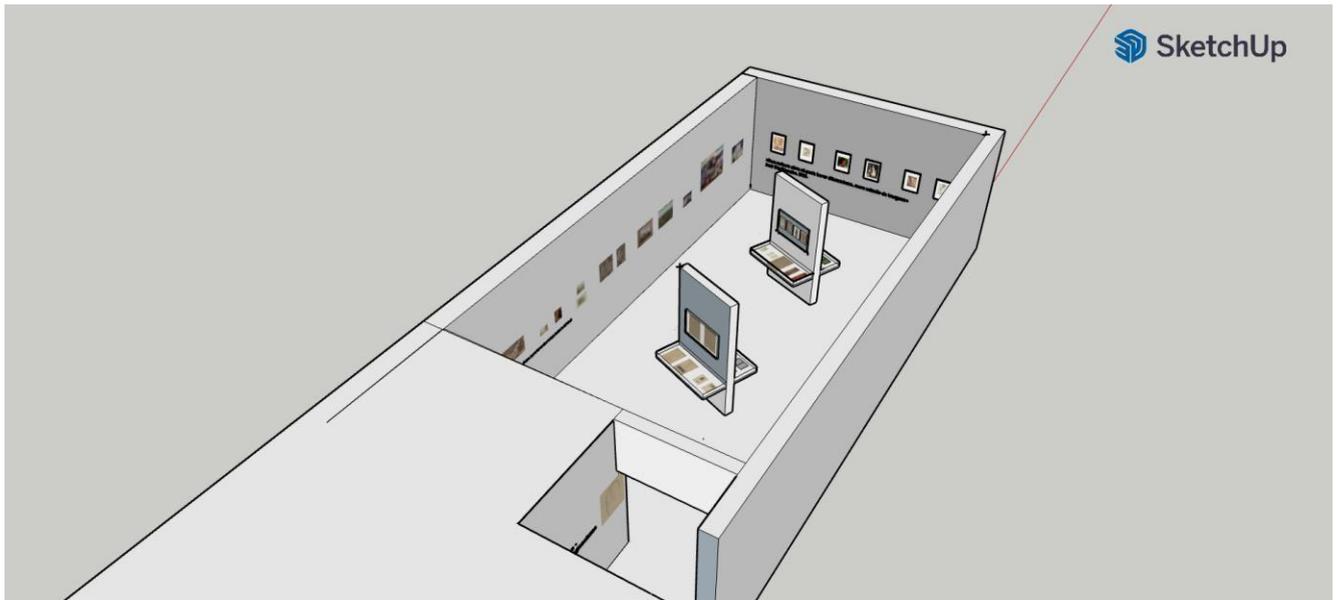


Figura V - Maqueta 3D completa – vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024)

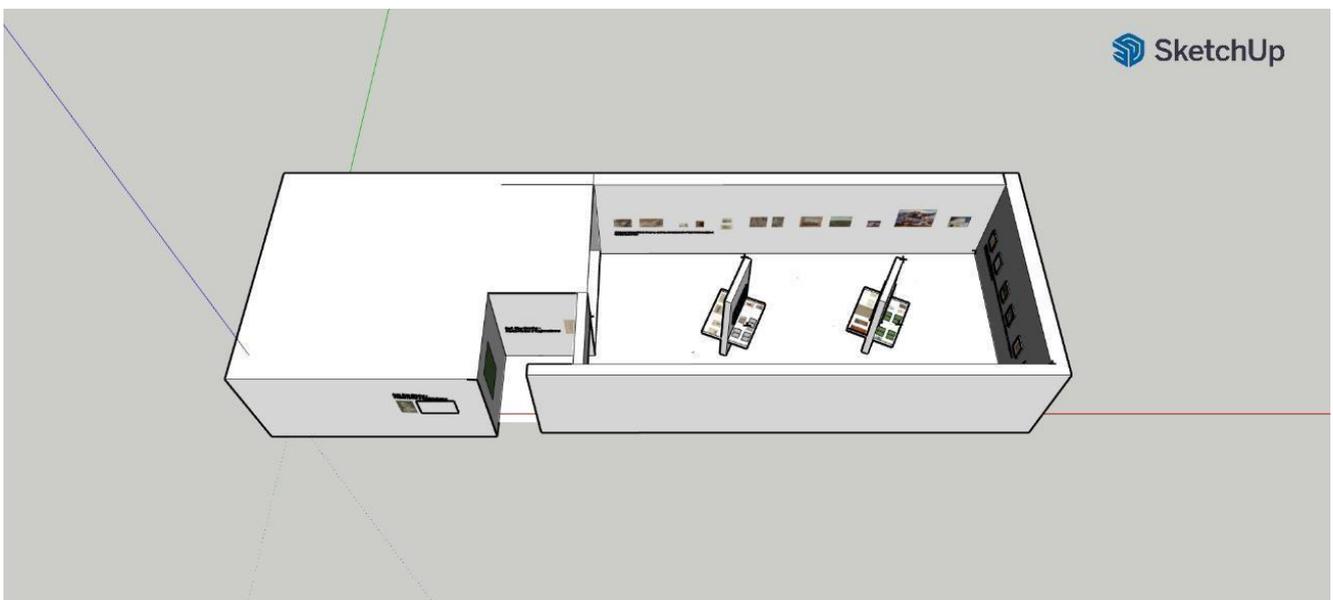


Figura VI - Maqueta 3D completa - vista de cima (Joana Galvão: 2024)



Figura VII - Maqueta 3D do módulo de apoio 1, lado 1 (Joana Galvão: 2024)



Figura VIII - Maqueta 3D do módulo de apoio 1, lado 1, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)

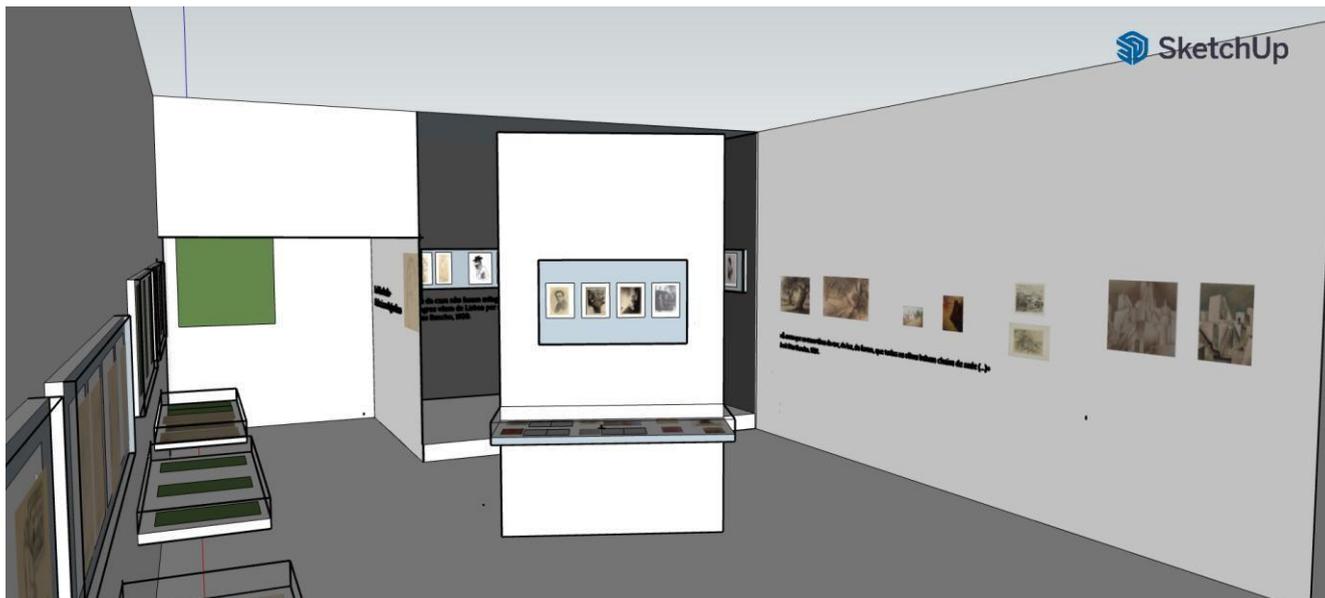


Figura IX- Maqueta 3D do módulo de apoio 1, lado 2 (Joana Galvão: 2024)



Figura X - Maqueta 3D do módulo de apoio 1, lado 2, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)



Figura XI - Maqueta 3D do módulo de apoio 2, lado 1 (Joana Galvão: 2024)

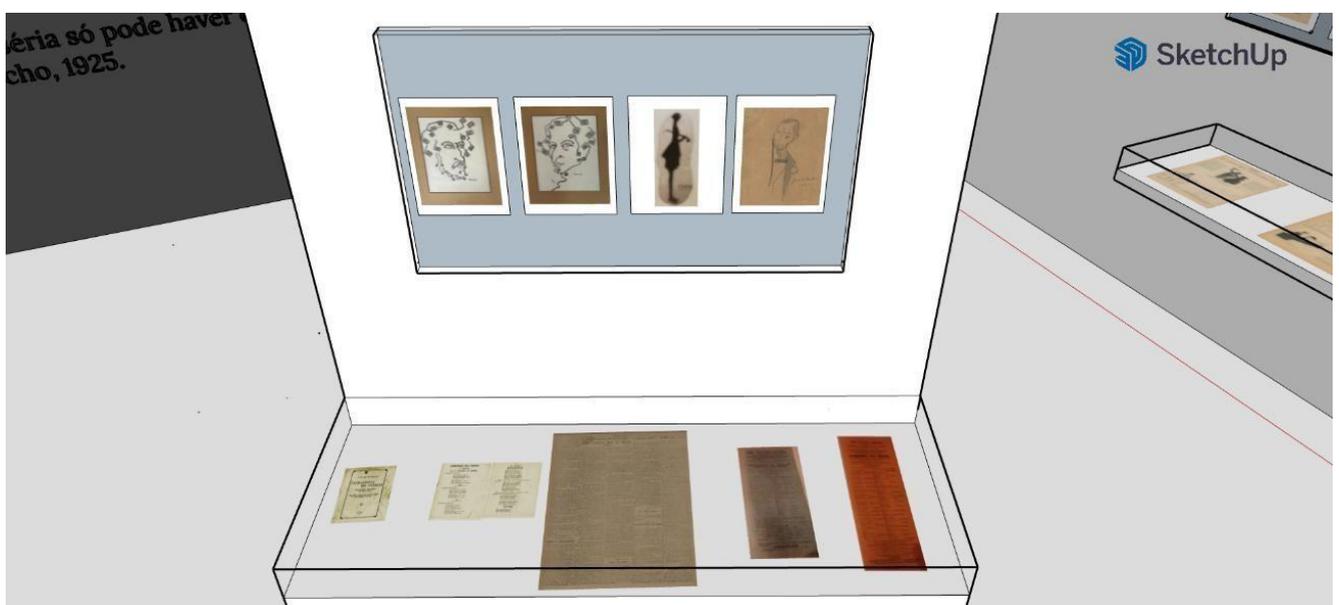


Figura XII - Maqueta 3D do módulo de apoio 2, lado 1, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)



Figura XIII - Maqueta 3D do módulo de apoio 2, lado 2 (Joana Galvão: 2024)



Figura XIV - Maqueta 3D do módulo de apoio 2, lado 2, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)

“José Dias Sancho – Caricaturista,
Humorista e Polemista”

Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa



Figura XV - Maqueta 3D da parede de entrada (Joana Galvão: 2024)

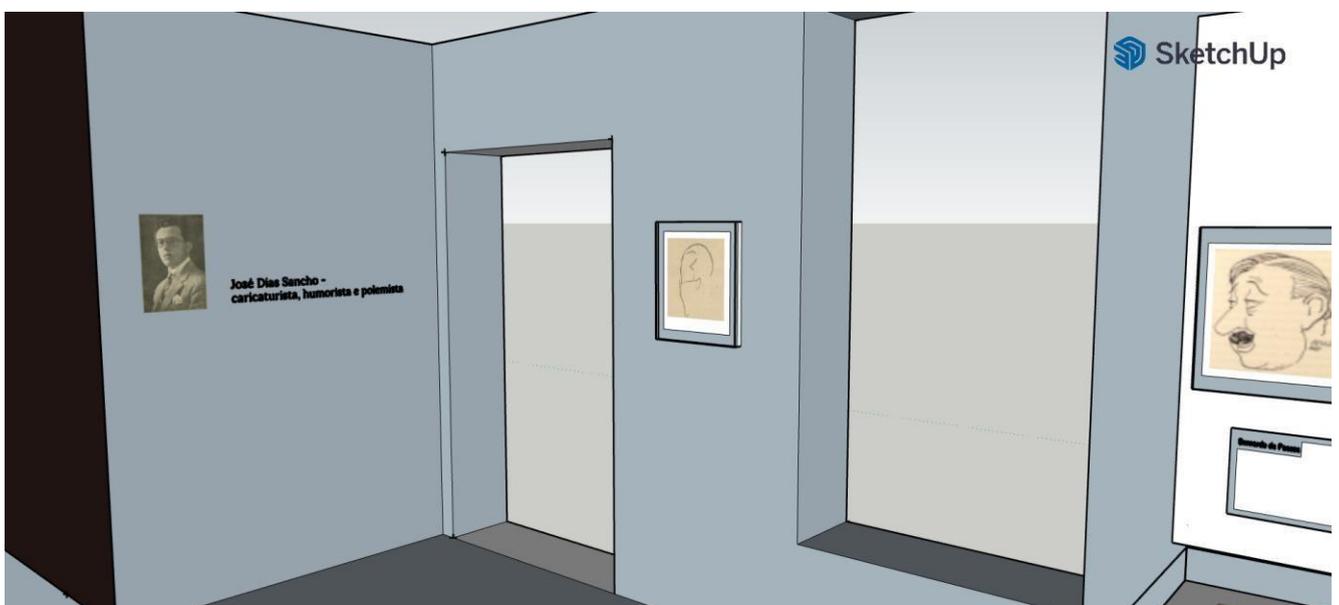


Figura XVI - Maqueta 3D da parede de entrada e primeiro núcleo, primeiro subnúcleo (Joana Galvão: 2024)



Figura XVII - Maqueta 3D completa – vista de cima (Joana Galvão: 2024).

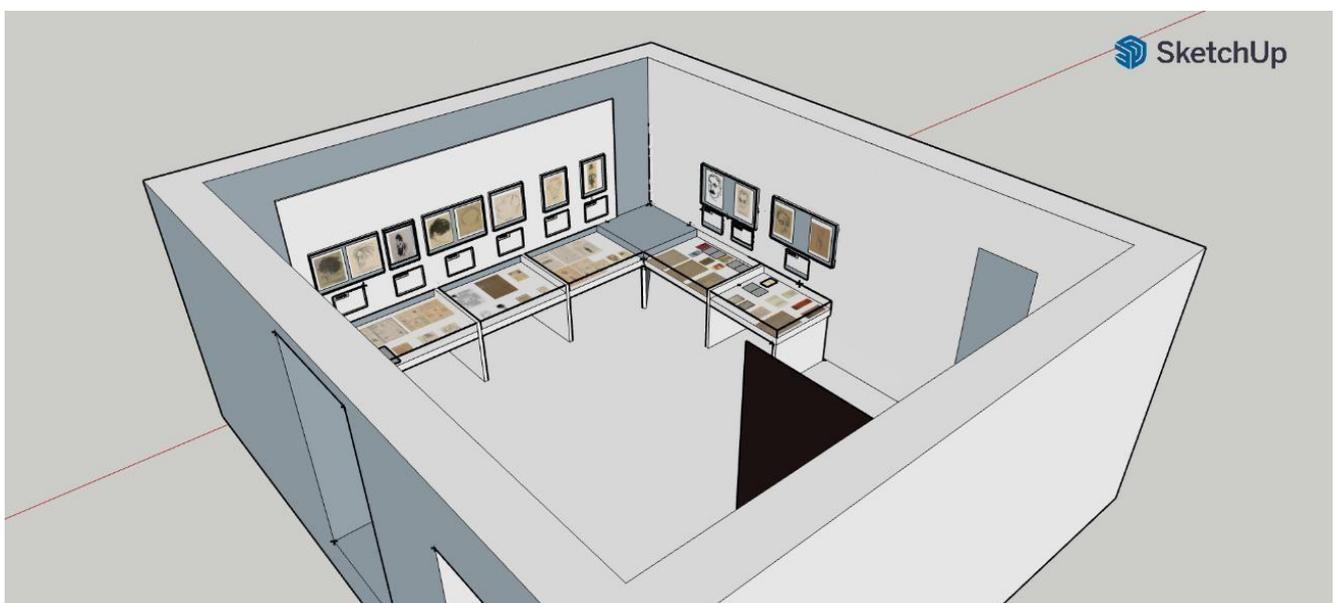


Figura XVIII - Maqueta 3D completa – vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024).



Figura IXX - Maqueta 3D completa – vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024).



Figura XX - Maqueta 3D do segundo, terceiro, quarto e quinto subnúcleo do primeiro núcleo (Joana Galvão: 2024).



Figura XXI - Maqueta 3D do segundo, terceiro e quarto núcleo (Joana Galvão: 2024).

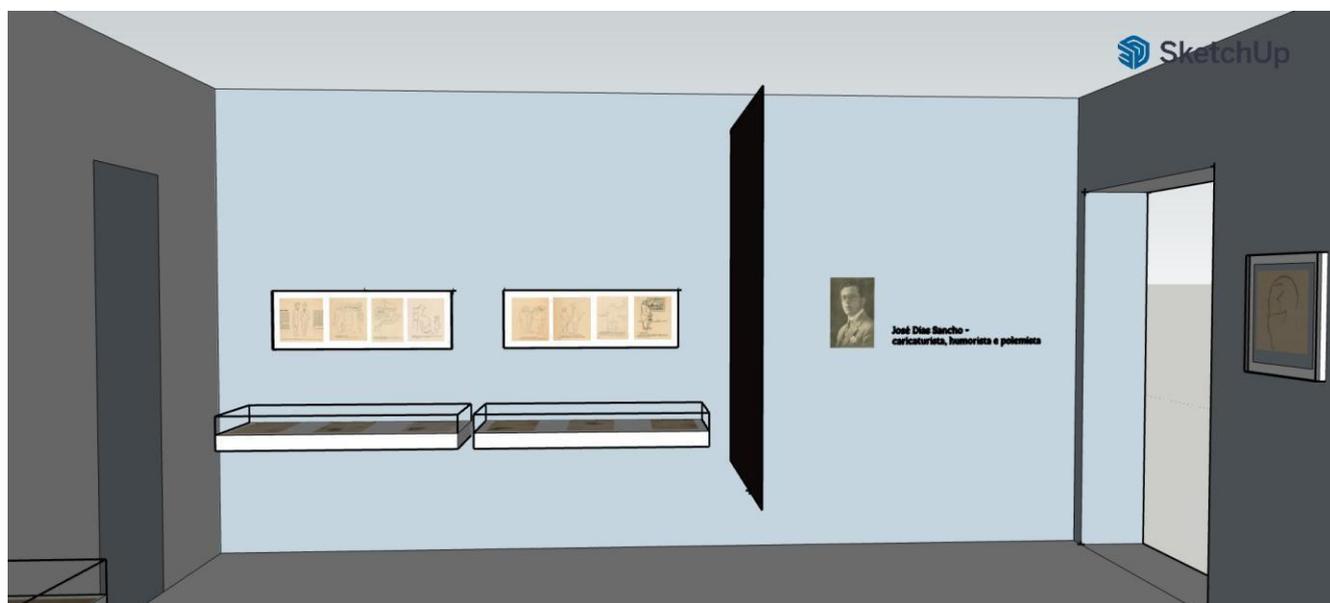


Figura XXII - Maqueta 3D do quarto núcleo e parede de entrada (Joana Galvão: 2024).

“José Dias Sancho – Regresso à Terra”

Museu do Traje de São Brás de

Alportel

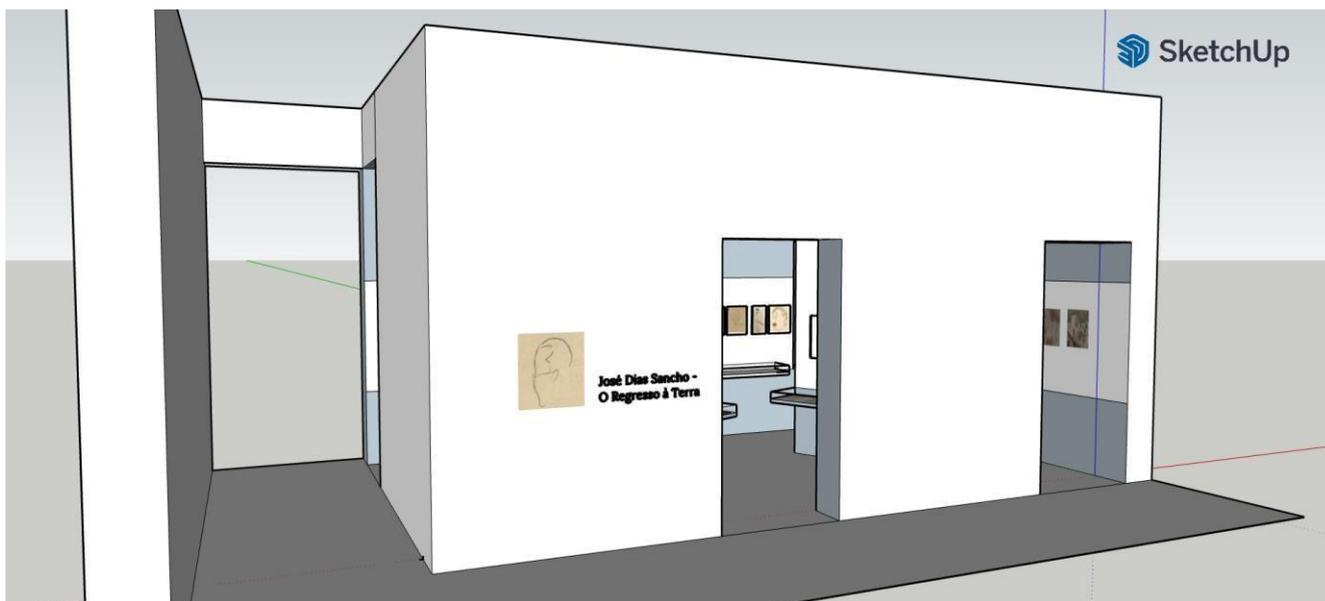


Figura XXIII - Maqueta 3D da parede de entrada (Joana Galvão: 2024)

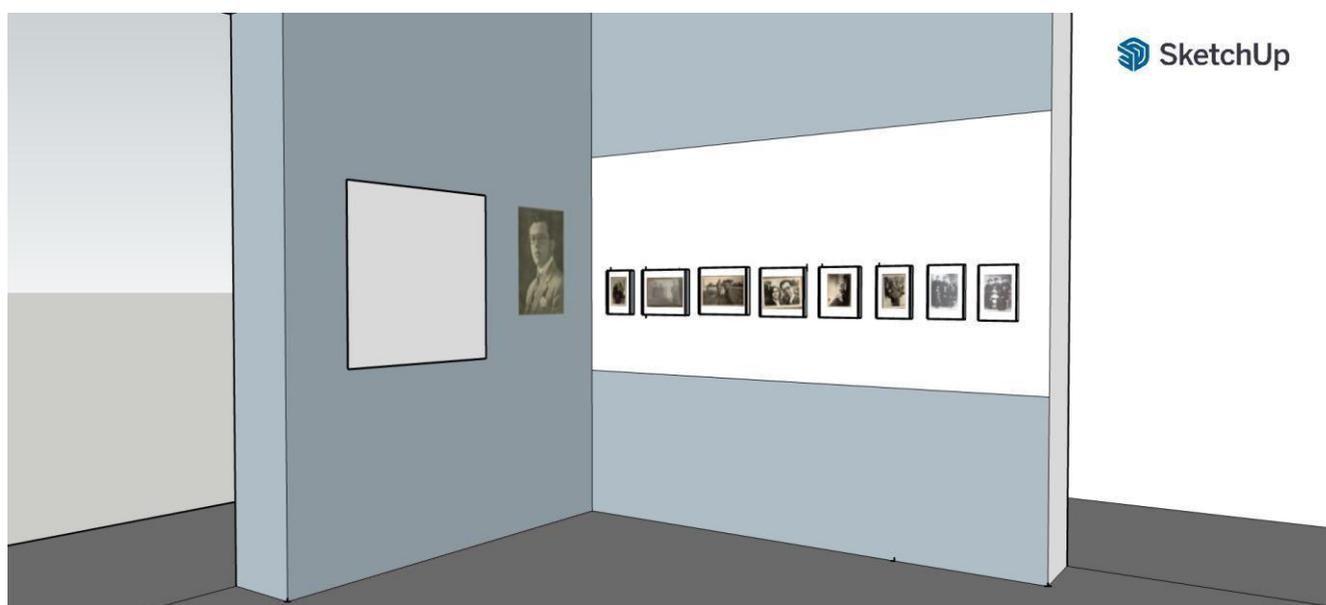


Figura XXIV - Maqueta 3D parede de entrada (interior) e parte do primeiro núcleo (Joana Galvão: 2024)

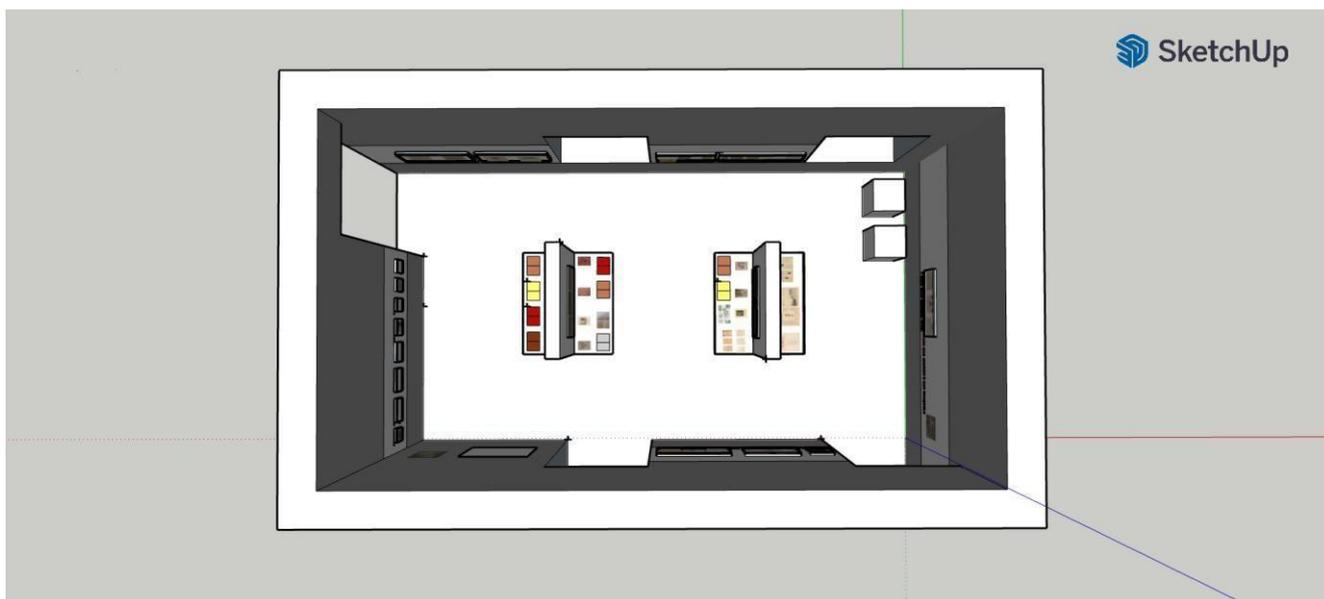


Figura XXV - Maqueta 3D completa – vista de cima (Joana Galvão: 2024)



Figura XXVI - Maqueta 3D - vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024)

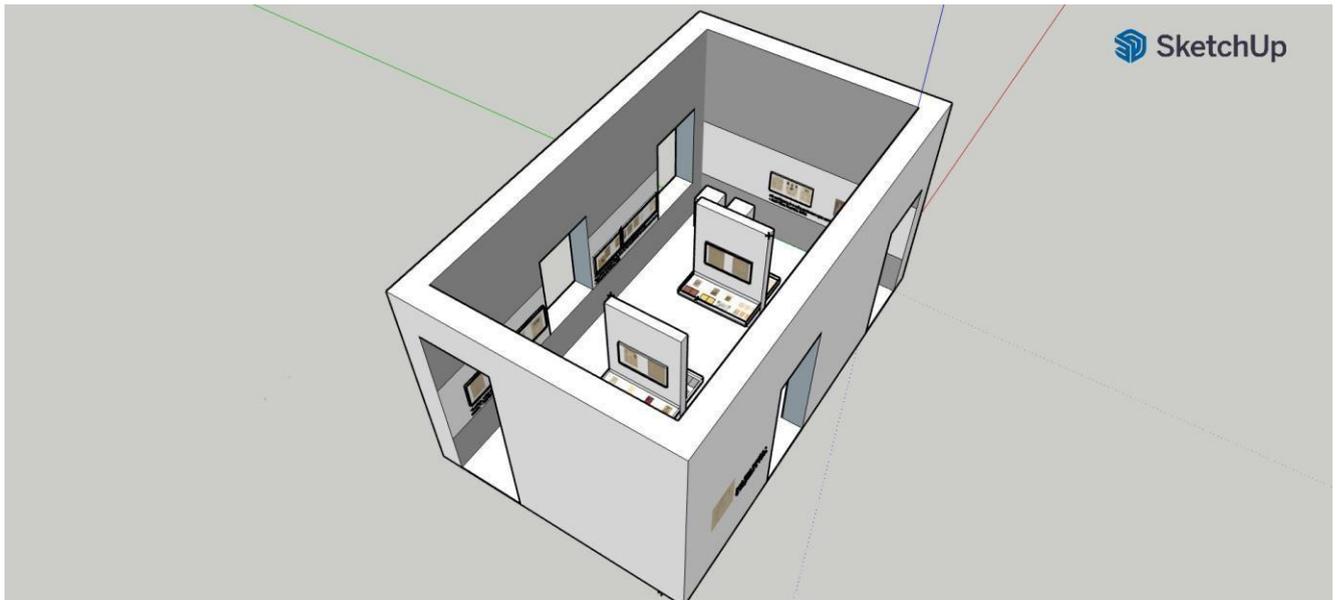


Figura XXVII - Maqueta 3D completa – vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024).

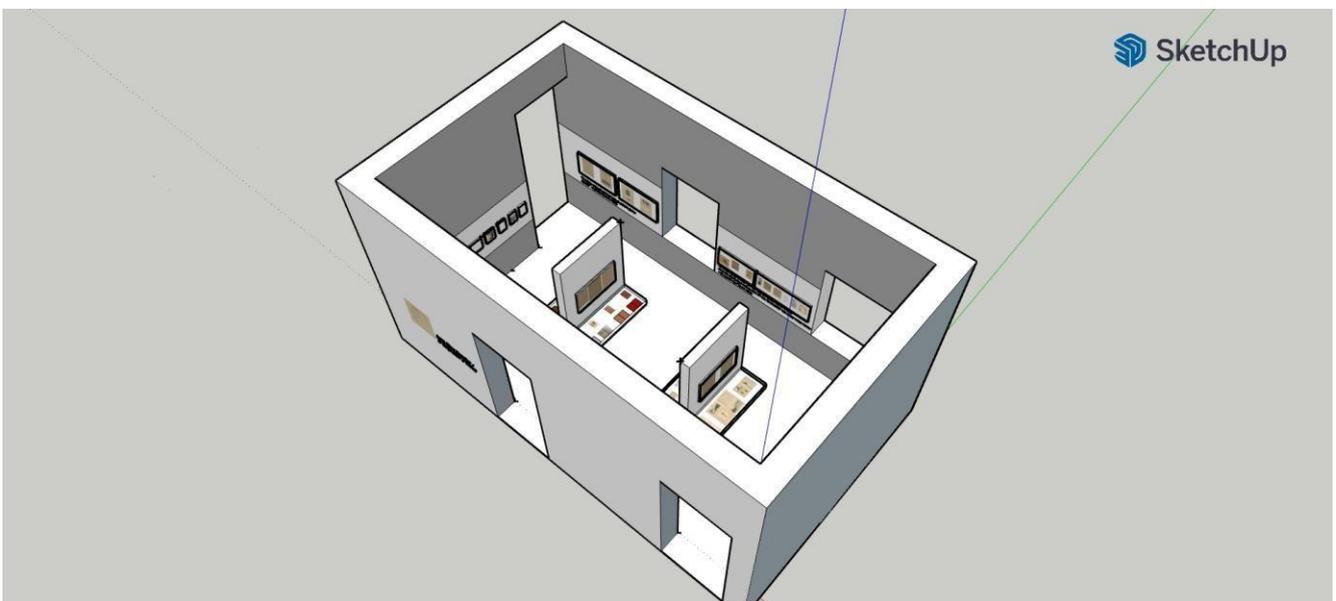


Figura XXVIII - Maqueta 3D completa – vista de cima, pormenor (Joana Galvão: 2024).



Figura XXIX - Maqueta 3D do módulo de apoio 3, lado 1 (Joana Galvão: 2024)

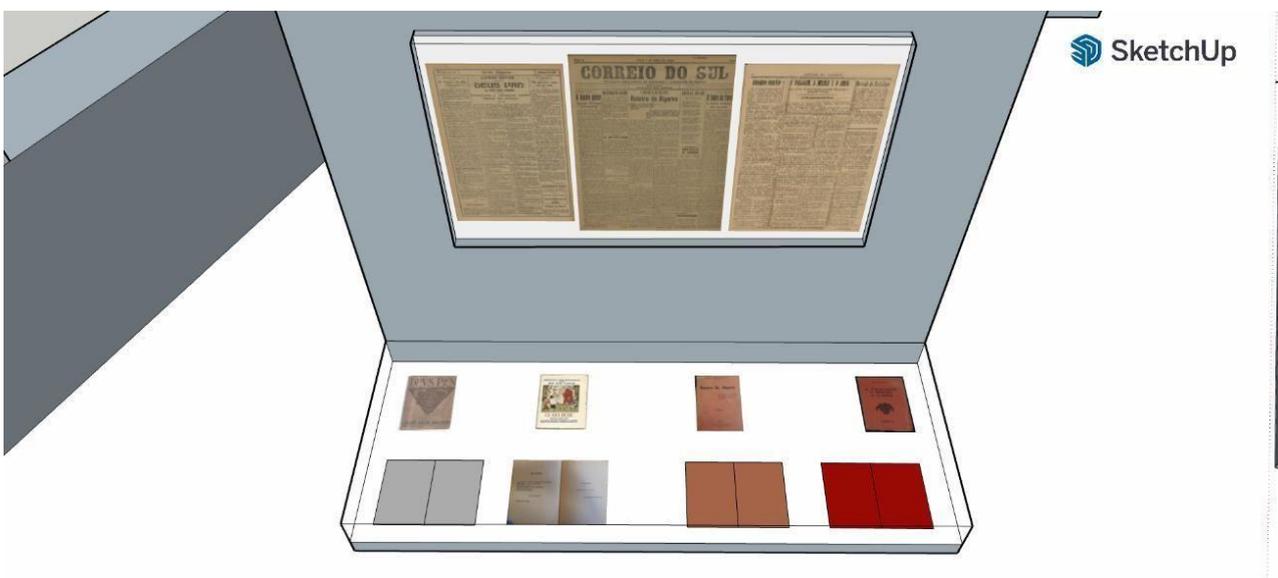


Figura XXX - Maqueta 3D do módulo de apoio 3, lado 1, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)



Figura XXXI - Maqueta 3D do módulo de apoio 3, lado 2 (Joana Galvão: 2024)



Figura XXXII - Maqueta 3D do módulo de apoio 3, lado 2, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)

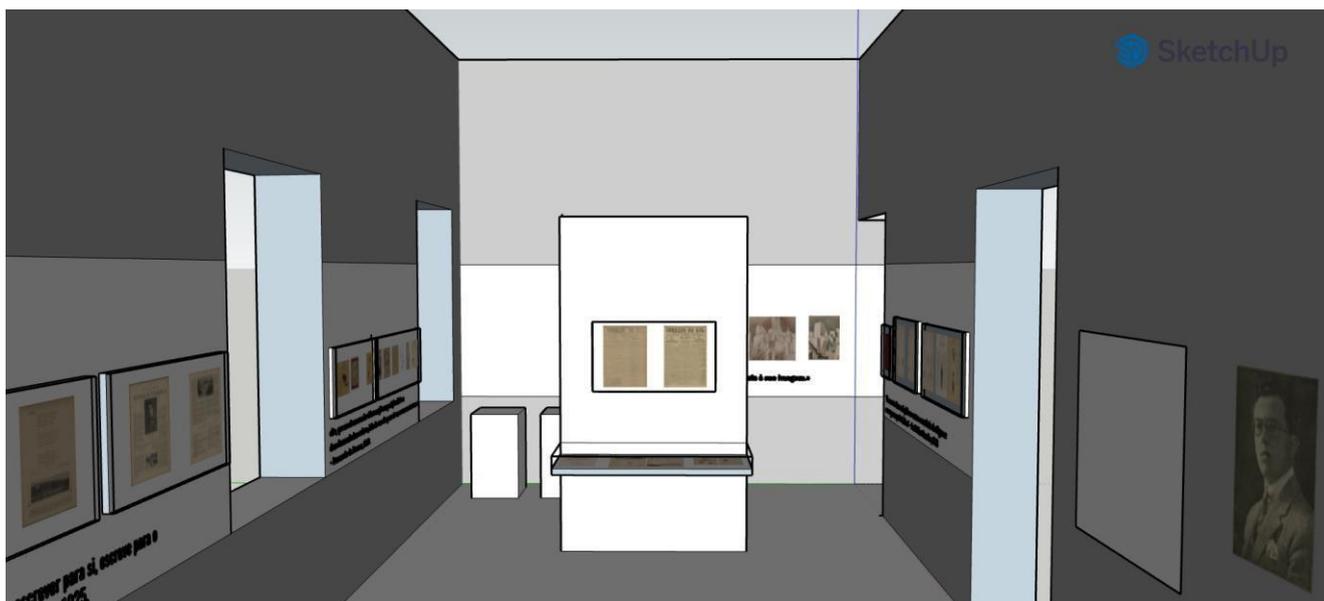


Figura XXXIII - Maqueta 3D do módulo de apoio 4, lado 1 (Joana Galvão: 2024)

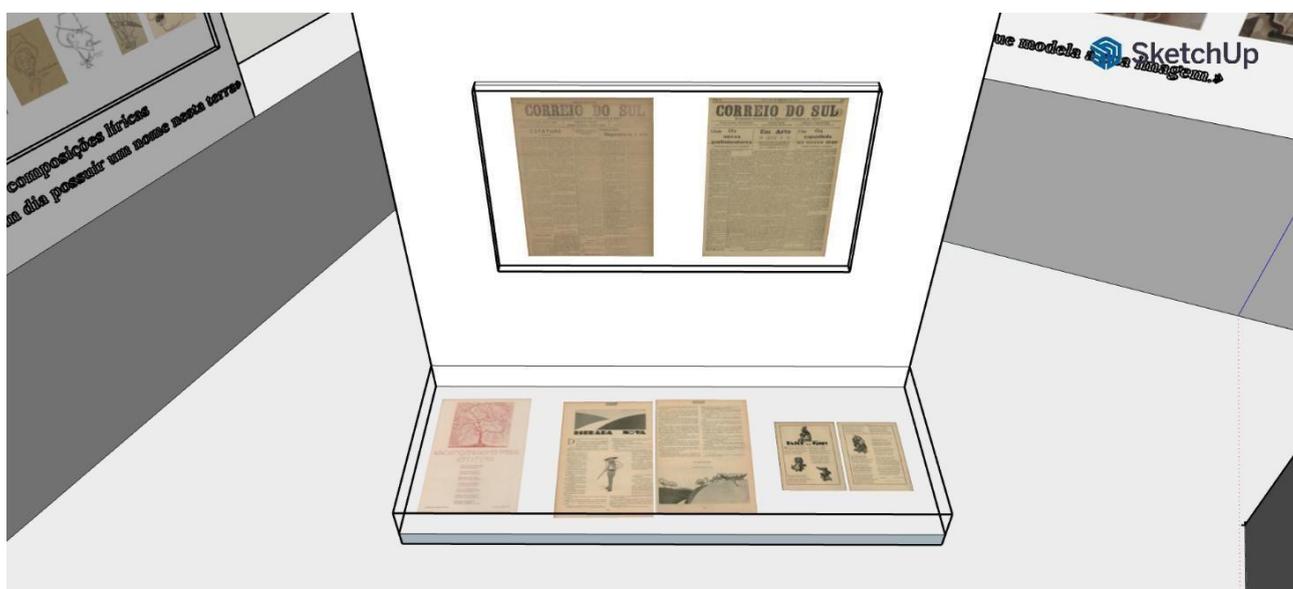


Figura XXXIV - Maqueta 3D do módulo de apoio 4, lado 1, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)



Figura XXXV - Maqueta 3D do módulo de apoio 4, lado 2 (Joana Galvão: 2024)



Figura XXXVI - Maqueta 3D do módulo de apoio 4, lado 2, documentação – pormenor (Joana Galvão: 2024)